

JOSÉ HERMES MARTINS PEREIRA

As fábricas paulistas de louça doméstica:
Estudo de tipologias arquitetônicas na área de patrimônio industrial

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo, para a obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Beatriz Mugayar Kühl

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTES TRABALHOS, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

ASSINATURA:

E-MAIL: hermes_martins@yahoo.com.br

Pereira, José Hermes Martins

P436f As fábricas paulistas de louça doméstica: estudo de tipologias arquitetônicas na área de patrimônio industrial / José Hermes Martins Pereira. - - São Paulo, 2007.
136 p. : il.

Dissertação (Mestrado) – Área de Concentração: História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) – FAUUSP.
Orientadora: Beatriz Mugayar Kühl.

1. Edifícios industriais (Preservação) – São Paulo 2. Patrimônio arquitetônico – Preservação – São Paulo 3. Louça doméstica - São Paulo I. Título

CDU 725.4.025.3(816.1)

Agradecimentos

Gostaria de agradecer à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pela concessão da bolsa de Mestrado, fomento que garantiu o pleno cumprimento das atividades propostas no projeto de pesquisa, além de ter facilitado a vivência acadêmica e a realização de tarefas ligadas às disciplinas da pós-graduação e a cursos de extensão cultural.

À orientadora deste trabalho, Profa. Dra. Beatriz Mugayar Kühl, agradeço pelo interesse demonstrado, desde o início, em relação ao tema de pesquisa, e ainda pelo crédito dado à perspectiva de trabalho adotada. Da mesma maneira, gostaria de agradecê-la pela maneira como fui “acolhido” na pós-graduação da FAUUSP, onde desenvolvi não somente minhas pesquisas como também o gosto pelo estudo do patrimônio cultural.

Aos professores Dr. José Tavares Correia de Lira e Dra. Marly Rodrigues, agradeço pelas sugestões feitas no Exame de Qualificação e pela atenção aos argumentos e problemas apresentados naquela etapa do trabalho. Grato sou, ainda, aos professores Dr. José Eduardo de Assis Lefèvre, Dr. Mário Henrique Simão D’Agostino; Dra. Fernanda Fernandes e Dr. José Pedro de Oliveira Costa, pela convivência e pelas discussões proporcionadas durante os estágios no Programa de Apoio ao Ensino (PAE/USP).

Pelo apoio e colaboração com a pesquisa – iniciados ainda na graduação – sou grato às instituições mencionadas nas referências bibliográficas, bem como aos funcionários diretamente responsáveis pelos acervos ali consultados e reproduzidos. Destarte, gostaria de registrar as especiais colaborações dos funcionários dos Arquivos Geral de Processos (Secretaria Municipal de Gestão) e “Washington Luis” (Departamento de Patrimônio Histórico – Secretaria Municipal de Cultura) e das bibliotecas da FAUUSP, da FAU-Maranhão, da FFLCH/USP e do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP), Municipal Mario de Andrade, e da Associação Brasileira de Cerâmica. No ABC Paulista, cabem meus sinceros agradecimentos às equipes do Museu “Barão de Mauá”, do Museu de Santo André e da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, pelo apoio constante e pela divulgação de minhas pesquisas.

Não poderia deixar de mencionar, nestes agradecimentos, a diretoria e equipe de técnicos, funcionários e professores do Museu Paulista/USP, local onde fiz amigos e onde surgiram muitas idéias desenvolvidas nesta dissertação. Às professoras Dra. Heloisa Barbuy e Dra. Margarida Andreatta, agradeço em especial pela seriedade, incentivo e pelos bem sucedidos trabalhos que realizamos conjuntamente, através do Grupo de Estudos de Faianças e Porcelanas.

Completam essa lista todos aqueles que apesar de não terem sido mencionados nominalmente sabem da importância que tiveram para mim nestes tempos de entrega à atividade acadêmica. Aos colegas da FAU e da FFLCH, amigos, familiares e, principalmente à minha esposa, Rita – companheira e interlocutora – o meu muito obrigado.

Resumo

A dissertação propõe-se a analisar as tipologias arquitetônicas e os padrões de implantação de edifícios destinados à produção de louças de *pó-de-pedra* para uso doméstico (*faianças* e *porcelanas*). Foram selecionadas para estudo dez unidades fabris construídas entre 1913 e 1940 na cidade de São Paulo e nos atuais municípios de Mauá e São Caetano do Sul. A discussão proposta vincula-se ao tema do patrimônio industrial e pretende contribuir para o reconhecimento, análise e preservação de remanescentes da arquitetura industrial paulista, bem como, ao problematizar as questões metodológicas surgidas, visa estimular trabalhos análogos para outros ramos industriais. Tem como objetivo a elaboração de um *inventário retrospectivo* das referidas fábricas – muitas delas já desativadas –, utilizando-se a documentação levantada que é composta de iconografia, publicações e estatísticas sobre a indústria, depoimentos, cartografia e, ainda, de referências aos projetos dos edifícios fabris, às técnicas construtivas empregadas em sua execução e à especialização dos ambientes produtivos, atentos às relações possíveis entre estes e suas respectivas fontes de energia e matérias-primas e estruturas auxiliares. As análises resultantes contemplaram a multiplicidade dos temas surgidos – metodologia da História, tipologias arquitetônicas, técnicas construtivas tradicionais e arqueologia industrial –, cotejando a bibliografia pertinente e sugerindo diretrizes para o trato com a diversidade das fontes documentais e seu uso em estudos histórico-tipológicos com vistas à preservação do patrimônio industrial.

Palavras-chave: preservação - história - arquitetura - indústria - tipologias - louças cerâmicas

Abstract

This dissertation intends to analyse architectural typologies of the implementation patterns of buildings meant to the production of stoneware pottery for home use (*faience* and *porcelain*). Ten factory units built between years 1913 and 1940 in the city of São Paulo and in the municipal districts known at present as Mauá and São Caetano do Sul were selected for study. The proposed discussion relates to the theme of industrial heritage; it is intended to contribute for acknowledgement, analysis and preservation of the remains of São Paulo State's industrial architecture as well as it intends to stimulate analogous paperworks on other industrial fields by problematizing methodological issues arisen. Its objective is the elaboration of a *retrospective inventory* of these factories – many of which are now inactive – using the assembled documentation comprising iconography, publications and statistics about the factory, statements, cartography, as well as references to the factory buildings projects, to the construction techniques used and to the specialization of the production environments, attentive to the possible relations between them and their respective energy and raw materials sources, and auxiliary structures. The resulting analyses contemplate the multiplicity of themes arisen – History methodology, architectural typologies, traditional construction techniques, and industrial archaeology – collating pertinent bibliography and suggesting lines of direction to deal with the diversity of documental sources and its use in historical-typological studies aiming industrial heritage preservation.

Keywords: preservation - history - architecture - industry - typologies - ceramic pottery

Sumário

| | |
|---|------------|
| Introdução..... | 5 |
| Parte I: As fábricas paulistas de louça de pó-de-pedra: Diretrizes para um estudo tipológico..... | 8 |
| 1 A indústria de louça de pó-de-pedra em São Paulo..... | 9 |
| 1.1 Um ramo da indústria leve..... | 10 |
| 1.2 Principais características técnico-funcionais da indústria de louça de pó-de-pedra..... | 11 |
| 1.3 Histórico da implantação e desenvolvimento (1913-1940)..... | 16 |
| 2 Métodos e materiais..... | 20 |
| 2.1 Fábricas pesquisadas <i>versus</i> edifícios remanescentes..... | 20 |
| 2.2 A problemática da <i>análise retrospectiva</i> | 24 |
| 2.3 Considerações preliminares sobre o <i>corpus</i> documental..... | 29 |
| 3 Estudo de campo: Os edifícios da Porcelana Teixeira Ltda. em São Caetano do Sul..... | 36 |
| 3.1 Apontamentos históricos..... | 36 |
| 3.2 Cronologia das instalações fabris..... | 39 |
| 3.3 Considerações sobre as técnicas construtivas..... | 45 |
| Parte II: Casos para <i>análise retrospectiva</i> Fábricas de louça localizadas em Mauá, São Caetano do Sul e São Paulo..... | 52 |
| 1 Fábrica Santa Catharina (Água Branca, 1913-193?)..... | 53 |
| 1.1 Das origens à configuração do núcleo fabril..... | 53 |
| 1.2 Estruturação interna..... | 52 |
| 1.3 Imagens externas..... | 63 |
| 2 Fábrica Grande (Mauá, 1914-1964)..... | 67 |
| 3 Fábrica de Louças Paulista (Mauá, 1916-1965)..... | 72 |
| 4 Indústria de Louças Zappi (Vila Prudente, 1918-1955)..... | 77 |
| 4.1 Origem e evolução das instalações fabris..... | 77 |
| 4.2 Tipologias, técnicas e regularização das construções..... | 80 |
| 5 Companhia Paulista de Louças Ceramus (Belenzinho, 1919-?)..... | 84 |
| 5.1 Constituição e organização interna do complexo fabril..... | 84 |
| 5.2 Características externas: os projetos e suas fachadas..... | 86 |
| 6 Fábrica de Louças Romeo Ranzini (Lapa, 1929)..... | 89 |
| 7 Fábrica de Louças Adelines (São Caetano, 1929)..... | 94 |
| 8 I.R.F.M.-Fábrica de Louças Cláudia (São Caetano, 1935)..... | 101 |
| 9 Porcelana Mauá (Mauá, 1937-1968)..... | 105 |
| 9.1 A constituição do núcleo fabril e a criação de uma imagem corporativa..... | 105 |
| 9.2 Aspectos internos: o registro das inovações..... | 110 |
| 9.3 Os edifícios remanescentes: algumas considerações..... | 114 |
| Considerações finais..... | 117 |
| Fontes consultadas..... | 128 |
| Referências bibliográficas..... | 131 |
| Obras consultadas..... | 134 |

Introdução

Esta dissertação versa sobre as tipologias arquitetônicas e os padrões de implantação verificados nas fábricas de louça de *pó-de-pedra* estabelecidas na capital paulista e região nas quatro primeiras décadas do século XX. A escolha do tema remonta a um trabalho de pesquisa anterior, intitulado “A implantação de indústria de louça em São Paulo 1912-1937 (estudo de História na perspectiva da Cultura Material)”. Naquela ocasião, foram contemplados aspectos da implementação, disseminação e evolução tecnológica do ramo a partir dos objetos produzidos e de seus recursos materiais e humanos.¹

Dentre as muitas questões surgidas quando da elaboração do referido trabalho, destacavam-se a disseminação das fábricas para locais afastados do centro da capital – como os atuais municípios do ABC, a região sudeste e o interior do Estado –, o envolvimento de ex-operários na fundação de novas fábricas e, principalmente, a forte presença física de suas instalações, que se constituíram como verdadeiros marcos do progresso industrial para as localidades que as abrigavam.

Dada a implementação, a disseminação e o desenvolvimento da indústria de louças verificado naquele período – que pode ser considerado o de afirmação do parque industrial paulistano – os edifícios a esta relacionados representam uma das várias possibilidades de estudo do patrimônio arquitetônico industrial, sobretudo se forem considerados como exemplares da chamada indústria *leve*, cujas instalações vinham, desde finais do século XIX, moldando significativamente a paisagem de vários bairros paulistanos.

Apesar disso, notou-se que as fábricas de louça – assim como outros setores industriais atualmente menos representativos – careciam ainda de estudos comprometidos com a análise dos *edifícios fabris* e de sua *arquitetura* enquanto portadores de sentido e não apenas como coadjuvantes dos processos de formação das cidades e de seus respectivos parques industriais. Aliada a esta carência, houve a dificuldade em se encontrar, nas referências bibliográficas, as correlações entre diferentes ramos de indústria, seu funcionamento orgânico e a constituição de um patrimônio edificado ligado a esta atividade econômica.

Diante desse quadro, optou-se neste trabalho por um recorte que contemplasse, a um só tempo, os vieses *informativo* e *teórico-metodológico* envolvidos na compreensão da materialidade intrínseca àquelas fábricas buscando captar, no estudo de suas tipologias e dos

¹ Concebido no Serviço de Objetos do Museu Paulista/USP, o projeto foi orientado pela Profa. Heloisa Barbuy, e integrava as atividades do Grupo de Estudos de Faianças e Porcelanas, que tinha entre seus colaboradores a arqueóloga Margarida Davina Andreatta. Foi desenvolvido com apoio da FAPESP, entre julho e dezembro de 2002.

padrões de implantação ali adotados, as repercussões materiais de um cotidiano fabril carregado de saberes, de fazeres e de relações entre espaço, técnica e cultura.

Visando atingir tais objetivos, foram selecionadas para estudo dez unidades fabris construídas entre 1913 e 1940 nas cidades de São Paulo, Mauá e São Caetano do Sul, mormente em áreas próximas a ferrovias como a São Paulo Railway, a Sorocabana e a Central do Brasil. Cada caso de estudo foi analisado de modo a contribuir para o reconhecimento, análise e preservação de remanescentes da arquitetura industrial paulista, levando-se em conta os componentes metodológicos e a problematização dos mesmos enquanto tarefas inerentes aos trabalhos de pesquisa na área.

Neste sentido, os conteúdos foram agrupados em duas partes, correspondendo cada uma delas aos componentes distintos da metodologia adotada, à qual, em última instância, direcionam-se não apenas às questões levantadas como também às sugestões de procedimentos e comentários finais sobre a condução de estudos análogos, sobretudo para setores carentes de estudos histórico-tipológicos.

A **Parte I**, “As fábricas paulistas de louça de pó-de-pedra: diretrizes para um estudo tipológico” trata das particularidades do objeto em estudo, destacando-se as relações entre os ramos industriais e a constituição de seus respectivos complexos fabris. Assim, as fábricas de louça serão tratadas a partir de sua classificação como um ramo da indústria *leve*, destinado à produção de bens para consumo imediato, fato que as associa à complexificação dos quadros urbanos da capital paulista e de regiões adjacentes.

Reconhecidas estas particularidades, há que se operar no sentido de caracterizar tecnológica e funcionalmente os estabelecimentos do ramo, tarefa realizada a partir de visitas de campo, bibliografia e iconografia histórica, destacando-se a especificidade dos artigos fabricados no universo das indústrias cerâmicas, os principais equipamentos, a especialização dos ambientes e o encadeamento das etapas de produção, reconstituída através de um fluxograma.

Corroborando com esta delimitação do campo de estudo, os aspectos históricos da implantação e desenvolvimento da indústria de louça em São Paulo (1913-1940) situarão cada uma das fábricas analisadas nos contextos técnico, estético e até corporativo a partir dos quais serão exploradas as vinculações entre a produção das fábricas e a constituição de seus respectivos espaços físicos, os quais se buscou reproduzir através da documentação levantada e das visitas de campo.

Concluída esta etapa preparatória, surgem as questões acerca dos métodos e materiais utilizados tanto para o levantamento e seleção quanto para o tratamento do material obtido,

estimuladas pela discrepância entre o número de estabelecimentos pesquisados e os edifícios remanescentes. Dessa forma, o encaminhamento de problemas teóricos relativos à *análise retrospectiva* de estruturas industriais balizou-se no intenso trabalho de interpretação das diversas fontes localizadas para os casos de estudo, exigindo uma abertura para as considerações preliminares sobre o *corpus* documental. Finalizando esta etapa, apresentam-se alguns dos limites impostos ao trabalho, até mesmo quando se dispõe da presença física do objeto de estudo, o que será demonstrado a partir do *estudo de campo* realizado com os edifícios da Porcelana Teixeira Ltda., de São Caetano do Sul.

Já a **Parte II**, “Casos para *análise retrospectiva*: Fábricas de louça localizadas em Mauá, São Caetano do Sul e São Paulo”, encarregar-se-á de expor informações sistematizadas sobre as instalações das fábricas paulistas de louça de pó-de-pedra estabelecidas entre 1913 e 1940, privilegiando os aspectos históricos e morfológicos relacionados à constituição e desenvolvimento de seus respectivos núcleos fabris.

Esta perspectiva tem como objetivo a comparação entre as diferentes trajetórias das fábricas e os pontos comuns observados ora na sua conformação física, ora na organização interna da produção. Também a consagração de imagens dos ambientes internos e de vistas externas serão analisadas pelo seu potencial informativo, a partir do qual é possível averiguar padrões de implantação, visões privilegiadas das seções fabris, soluções construtivas diversas e relações entre imagem corporativa e edifícios industriais.

Havendo discrepâncias qualitativas e quantitativas entre os materiais de uma e de outra fábrica, cada caso foi interpretado a partir das referências sobre a configuração de um *núcleo inicial*, cronologia das *ampliações* ocorridas e aspectos da *organização interna* de conjuntos e edifícios fabris. Visando à compreensão das interações entre *imagem* e *conformação física* na consolidação de padrões construtivos ou tipologias arquitetônicas foram observadas, ainda, as características externas daqueles complexos produtivos.

Nas **Considerações finais**, buscou-se realizar um balanço crítico das principais questões apresentadas nos casos de estudo, no qual foram estabelecidas *unidades de sentido* identificadas a partir de nexos entre a documentação e os encaminhamentos possíveis para as questões envolvendo a arquitetura das fábricas e suas condicionantes, sobretudo culturais e técnicas.

**Parte I - As fábricas paulistas de louça de pó-de-pedra:
Diretrizes para um estudo tipológico**

A CIDADE DE SÃO PAULO E SEUS SUBÚRBIOS

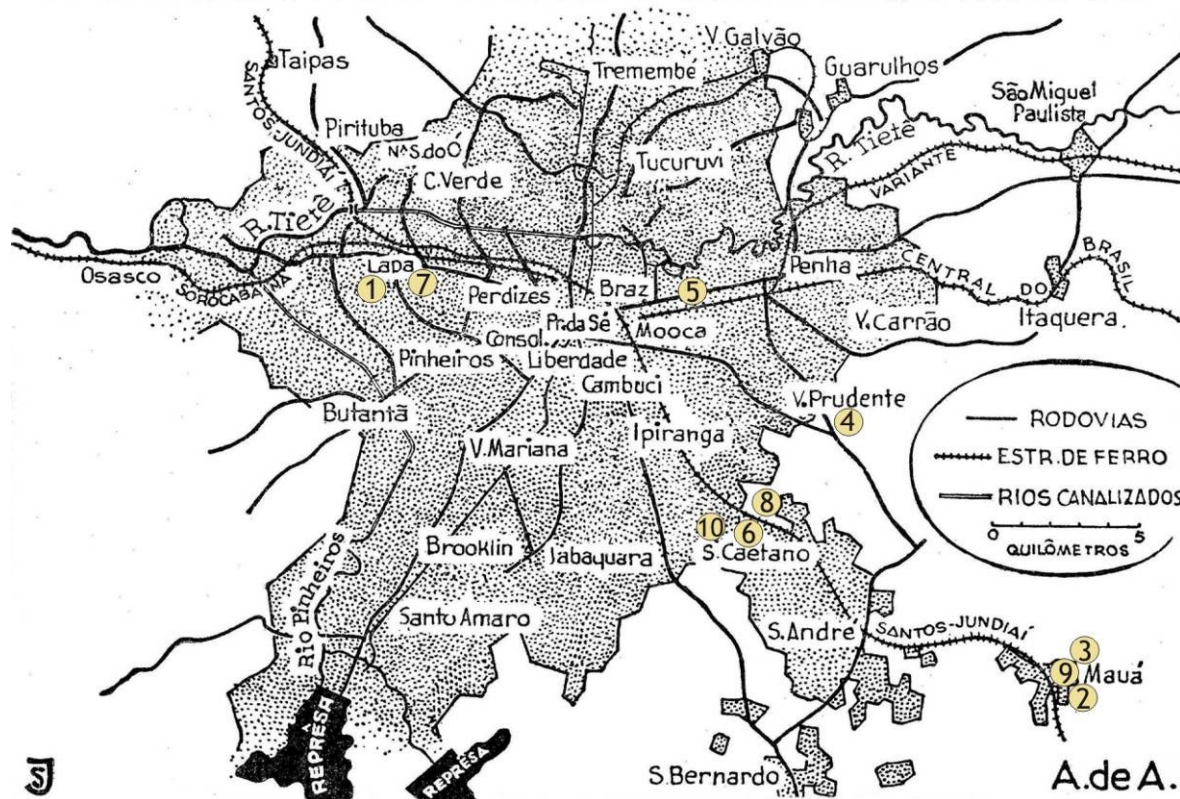


Fig. 1: Distribuição espacial das fábricas de louça de pó-de-pedra estabelecidas na cidade de São Paulo, São Caetano e Mauá, entre 1913 e 1940. A numeração correspondente às unidades fabris foi inserida sem escala no mapa original, de autoria de Aroldo de Azevedo. Fonte: PENTEADO, Antonio da Rocha. “Os subúrbios de São Paulo e suas funções”. In: AZEVEDO, Aroldo (dir.). *A cidade de São Paulo: estudos de geografia urbana*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958. Volume IV: Os subúrbios paulistanos, p. 8.

- 1- Fábrica de Louças Santa Catharina (1913- 193?)
- 2- Fábrica Grande (1914-1964)
- 3- Fábrica de Louças Paulista (1916-1965)
- 4- Indústria de Louças Zappi S/A (1918-1955)
- 5- Companhia Paulista de Louças Ceramus (1919-?)
- 6- Fábrica de Louças Romeo Ranzini (1929-1955)
- 7- Fábrica de Louças Adelines (1929-195?)
- 8- I.R.F.M. Louças Cláudia (1935-199?)
- 9- Porcelana Mauá S/A (1937-1968)
- 10- Porcelana Teixeira Ltda. (1940)

1 A indústria de louça de pó-de-pedra em São Paulo

1.1 Um ramo da indústria leve

O processo de industrialização da cidade de São Paulo e região, a partir do qual se constitui e se consolida o parque industrial paulistano, esteve intimamente ligado à estruturação e ao crescimento de setores da *indústria leve*, aquela vinculada à produção de bens de consumo para uso direto.² Sua rápida disseminação deveu-se à complexificação dos quadros urbanos da capital e de seu entorno, em localidades providas de matérias-primas e outros insumos. Atingiam enquanto consumidores os mais variados segmentos sociais, aí incluídos seus quadros técnicos e operários de diversas nacionalidades.

As características de implantação, distribuição geográfica e evolução técnica da indústria paulista de louças cerâmicas do tipo *pó-de-pedra*³ obedeceram, em muitos aspectos, às condicionantes deste processo.⁴ Acompanhadas de perto pela oferta de mão-de-obra – especializada, inclusive –, essas fábricas acabaram por ocupar, além das áreas externas ao centro urbano tradicional, as zonas *suburbanas*⁵ e algumas cidades do interior, sobretudo nas proximidades das estradas de ferro São Paulo Railway, Sorocabana e Central do Brasil.

Entre os anos de 1913 e 1937,⁶ foram contabilizados dezoito estabelecimentos no Estado de São Paulo comprometidos com este ramo de atividade, aí incluídas as unidades produtoras de azulejos, louças sanitárias e isoladores elétricos.⁷ Os recortes espacial e cronológico aqui adotados, no entanto, correspondem à outra realidade, representada por dez unidades fabris localizadas na capital e no ABC paulista que produziam *faianças* e *porcelanas*, variáveis da louça de pó-de-pedra voltadas ao uso prioritariamente doméstico, a mais recente datada de 1940.

² Cf. GLEZER, Raquel. “A cidade de São Paulo e as indústrias” in: *Diário Oficial do Estado de São Paulo*. 25/01/2003 – Suplemento comemorativo dos 449 anos da cidade de São Paulo, p. 1.

³ O termo *pó-de-pedra* (assim com *faiança*, *granito* ou simplesmente *louça*), refere-se a materiais cerâmicos cuja característica principal é o uso de pasta branca sobre a qual é aplicado um material vítreo, transparente ou colorido, dotando-os de certo brilho e impermeabilidade.

⁴ O processo de industrialização da cidade de São Paulo iniciou-se em meados do século XIX, e foi impulsionado por uma série de fatores (instalação de ferrovias, acúmulo de capitais provenientes da lavoura cafeeira, presença de mão-de-obra e tecnologia estrangeiras, entre outros.). Cf. DEAN, Warren. *A industrialização de São Paulo (1880-1945)*. São Paulo: Difel, 1971.

⁵ A expressão *subúrbio* é utilizada pelo geógrafo Aroldo de Azevedo para designar várias localidades adjacentes à cidade de São Paulo, entre as quais se destacavam as regiões dos atuais os municípios de Osasco, Mogi das Cruzes e todo o Grande ABC. Cf.: AZEVEDO, Aroldo de. (dir.) *A cidade de São Paulo: estudos de geografia urbana*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958. 4 vol., Volume IV: Os subúrbios paulistanos.

⁶ Período considerado em outro estudo como o de implantação da indústria de louças em São Paulo. Cf. PEREIRA, José Hermes Martins. *A implantação da indústria de louça em São Paulo 1912-1937: estudo de História na perspectiva da Cultura Material*. 2002. 128 p. Relatório científico apresentado à FAPESP - Museu Paulista/USP, São Paulo.

⁷ SÃO PAULO (Estado) Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio. *Estatística industrial do Estado de S. Paulo*. São Paulo: Typ. Garroux; Typ. Siqueira; Freyre & Cia. Anual. (primeiro volume: 1928). Foram consultados os anos de 1928 a 1937.

1.2 Principais características técnico-funcionais da indústria de louça de pó-de-pedra

Em vista destas particularidades, tornou-se essencial à pesquisa reunir e sistematizar alguns conhecimentos técnicos específicos da fabricação de *faianças* e *porcelanas*. Isto porque, nas sutilezas inerentes à terminologia da produção de *cerâmicas* em geral, encontram-se diferenciais de ordem técnica e estética determinantes nas relações entre os insumos e a produção dos artigos propriamente dita. Nesta lógica, a compreensão da organização dos complexos fabris exige uma definição – a mais objetiva possível – do tipo de objeto que se produzia nos edifícios estudados, de forma a evitar generalizações ou erros no trato de informações relativas às construções, reformas e ampliações dos mesmos.

O significado mais comumente atribuído ao termo *louça* o identifica a uma gama de utensílios voltados para uso doméstico, feitos com materiais os mais diversos. Deste universo, destacam-se os produtos confeccionados partir da mistura de diferentes minerais não metálicos: as *louças cerâmicas*. Dessa classificação – ainda um tanto genérica –, destacam-se duas classes elementares: as *louças de barro* e as *louças de pó-de-pedra*.

As *louças de barro (terracota)* são constituídas de um material cuja confecção, tecnicamente menos sofisticada, emprega apenas argila como matéria-prima, exigindo por isso menores temperaturas de cocção; já as *louças de pó-de-pedra* correspondem aos produtos cuja fabricação envolve não somente um refinado beneficiamento das matérias primas (*argila, caulim, quartzo e feldspato*) como também temperaturas cada vez mais altas para as queimas (variando entre 1000° e 1400°C), para a obtenção das *faianças*, das *porcelanas*, ou ainda de seus congêneres pertencentes a outras classes de objetos, como louças sanitárias, azulejos e isoladores elétricos.⁸

Mapeando-se a seqüência de produção destes artigos, torna-se possível estabelecer categorias para a análise dos espaços fabris com base nos atributos espaciais e visuais inerentes às etapas de *concepção, preparação, formação, acabamento, armazenagem e exposição*, as quais serão descritas com base nos conhecimentos adquiridos em visitas de campo⁹ e seguidas de um *fluxograma* elaborado a partir de um esquema original de Aristides Pileggi, ceramista ligado à Zappi S/A – uma das unidades fabris contempladas neste trabalho.

⁸ Para um panorama completo do setor cerâmico paulista, sobretudo no que se refere às louças de pó-de-pedra, ver: PILEGGI, Aristides. *Cerâmica no Brasil e no mundo*. São Paulo: Martins, 1958.

⁹ Entre 2001 e 2003, como parte das atividades do Grupo de Estudos de Faianças e Porcelanas do Museu Paulista, o autor realizou visitas técnicas a entidades de memória dos municípios de Mauá e de São Caetano, cuja história encontra-se intimamente ligada ao desenvolvimento de suas indústrias cerâmicas. Tais contatos permitiram que fossem agendadas visitas à Porcelana Teixeira (sucessora da Virgílio Teixeira & Irmão, de 1940, São Caetano-SP); e à Porcelana Kojima (fundada em 1962, em Mauá-SP). Nas ocasiões destas visitas, os responsáveis por ambas nos proporcionaram o contato com detalhes técnicos e com passagens interessantes sobre as indústrias de louça e porcelanas de São Paulo.

A etapa de **concepção** correspondia à materialização, em modelos de argila plástica ou de gesso, dos desenhos concebidos por artistas a serviço das fábricas. A partir destes modelos, operários especializados confeccionavam uma primeira forma, igualmente de gesso, a qual servia de base para outras tantas que seriam empregadas na produção. Vale lembrar que a confecção destas formas, assim como das ferramentas utilizadas para a fresagem do seu interior – no caso de pratos, tigelas ou outras peças fundas – era desenvolvida na própria fábrica, que contava com oficina mecânica e de carpintaria, entre outras atividades subsidiárias.

Após esta primeira etapa, seguiam-se as de **preparação**, iniciadas com a escolha, a lavagem, a trituração (nos *britadores*) e a *galga* das matérias-primas (*argila, caulim, quartzo e feldspato*). Depois de refinados, os componentes passavam pela ação dos *tamborões* ou *moinhos de bola* (tambores giratórios, nos quais a trituração e a mistura se davam concomitantemente, por meio do atrito entre materiais diferentes quanto à ductibilidade). O líquido resultante deste processo era descarregado em *girândolas*, uma espécie de batedeira utilizada para evitar a sedimentação da massa, que já se encontrava, neste estágio, pronta para a fabricação de peças por meio de *fundição*.

Para a obtenção da massa em estado pastoso, era necessário levar a mistura líquida, por meio de bombas, até máquinas de recalque (*filtraprensas*), nas quais o excesso de umidade era extraído, passando-se finalmente a massa por *marombas a vácuo* (prensas de extrusão), que suprimiam eventuais bolhas e garantiam a consistência e a homogeneidade desejada para a fabricação de peças côncavas ou planas.

Para a **formação** propriamente dita das peças eram utilizadas as seções de *tornos* ou de *fundição*. Na primeira, aplicava-se ao torno certa quantidade de massa, que era frisada pela parte interna ou externa de acordo com o objeto em confecção; já na fundição, despejava-se a mistura líquida em formas de gesso, material absorvente ao qual aderiria uma crosta de massa. Depois de removido o conteúdo do centro (ainda líquido), era esta crosta que formava a parede do objeto.

Deste estágio, passava-se então à *secagem* natural dos objetos (em grandes espaços providos de prateleiras) e ao acabamento das peças ainda cruas, eliminando-se rebarbas por meio de esponjas ou de outros instrumentos, antes de se processar a primeira queima (ou *cocção*) – à temperaturas, entre 800 e 1300° C –, chegando a peça ao estágio conhecido por *biscoito*. Nos objetos em que isto fosse necessário, (uma xícara, por exemplo) era neste ponto que se colavam os cabos, asas e outros acessórios, igualmente processados e já queimados em biscoito.

Já na fase de *acabamento*, as queimas sucessivas obedeciam às opções decorativas, ou seja, podia-se decorar o objeto nesse estado (decoração *sob esmalte*), ou então se mergulhava a peça em uma mistura líquida e específica dos mesmos quatro componentes (*esmaltação*), submetendo-a a uma segunda queima – entre 1150 e 1400° C – depois da qual as peças *escolhidas* eram decoradas *sobre esmalte*. Estas últimas etapas realizavam-se nas seções de *pintura e decoração*, onde era expressiva a participação de mulheres, sobretudo na aplicação dos *filetes*, dos *frisos* e das *decalcomanias*.¹⁰ Para fixar a decoração nas peças, era necessária ainda uma terceira queima, a menores temperaturas, sendo então usado o *forno de mufla*.

Depois de confeccionadas, as peças eram *classificadas e embaladas*, geralmente em caixotes com palha de madeira. Além deste setor de *armazenagem*, algumas fábricas contavam, ainda, com espaços dedicados à *exposição* de seus produtos, muitas vezes anexos às seções industriais. Por figurarem ambos na iconografia relativa ao ramo, abre-se a possibilidade de estudar os mesmos enquanto indicativos seja da diversidade, seja da capacidade de produção de um estabelecimento.

Vinculadas fortemente à produção artesanal, as fábricas estudadas apresentaram uma evolução tecnológica por muitas vezes condicionada aos limites operacionais impostos pela fragilidade dos produtos, sobretudo, nas etapas precedentes às das queimas. Esta constatação se deve, em parte, à permanência, na produção contemporânea, dos mesmos equipamentos utilizados nas fábricas do começo do século XX, ou ainda, de uma metodologia de trabalho igualmente tradicional.

Nas etapas de queima, no entanto, ocorreram inovações constantes. Os primeiros fornos utilizados nas fábricas paulistas eram do tipo *intermitente*, ou de *chama invertida*. Tais fornos, que foram apelidados “*fornos garrafão*”, por conta de seu formato, eram largamente usados em manufaturas européias – sobretudo inglesas e francesas – e possuíam um sistema de reconversão de chamas através de canais internos.¹¹

A primeira fábrica paulista de louças a utilizá-los, a Fábrica Santa Catharina, teve como inspiração um projeto trazido da Alemanha, outro importante centro de produção, sobretudo, de porcelanas. A larga utilização deste equipamento deveu-se à associação das fábricas do ramo com as suas respectivas chaminés, tornadas símbolos de uma produção

¹⁰ *Decalcomania*: técnica decorativa baseada na transferência de desenhos por meio de uma película, que os possuía pré-gravados. Isso possibilitou, além de maior rapidez no processo produtivo, a confecção de séries de objetos com decoração idêntica. Foi introduzida nas manufaturas européias já na década de 1890, como comenta LIMA, Tânia Andrade. “Pratos e mais pratos: louças domésticas, divisões culturais e limites sociais no Rio de Janeiro, século XIX”. In: *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. Nova Série. Volume 3, p.129-191, jan.-dez./1995, p. 168.

¹¹ Cf. TEIXEIRA, J. N. – *José das Neves Teixeira*: depoimento [maio 2003]. Serviço de Objetos do Museu Paulista/USP, 2003. 2 fitas cassete (1h. e 45 min.). Transcrição, 39 p., p. 15.

constante e crescente. Em estatísticas da indústria paulista, por exemplo, o número de fornos de uma fábrica podia ser encontrado ao lado de indicadores como capital, número de operários e força motriz empregada.¹²

A partir da década de 1950, houve uma concomitância entre fornos de novas e antigas tipologias, apesar das constantes inovações no tocante aos combustíveis usados. Como exemplos destas inovações, podem ser mencionados o acréscimo de *óleo combustível* à lenha ou a adoção de fornos a *gás* (menos poluentes e de temperaturas mais facilmente controláveis). Já a utilização de *fornos contínuos*, acompanhados dos *carrinhos deslizantes*, constituiu-se num dos principais incrementos da produção, visto que diminuía as perdas por choque térmico ao mesmo tempo em que melhorava os resultados obtidos nas etapas decorativas.¹³

Com o advento desta nova tipologia de forno, surgem também novas formas de organização interna das fábricas de louça. O sistema de trilhos montado para o abastecimento dos fornos exigia o desimpedimento de grandes porções do espaço fabril, realidade que poderá ser observada em fábricas como a Porcelana Mauá, uma das pioneiras na adoção deste sistema. Como conseqüência deste processo, observa-se uma paulatina desativação dos fornos intermitentes, resultante, ainda, de políticas de controle da poluição e da dificuldade no abastecimento de lenha, dada a crescente urbanização do entorno das fábricas.¹⁴

Para a produção em larga escala destes artigos, destinaram-se desde as mais modestas instalações (aproveitadas de outras atividades) até conjuntos de edifícios projetados especificamente para tal finalidade. Da modelagem às etapas de beneficiamento das matérias-primas; da confecção dos produtos à sua comercialização, o que se nota é um encadeamento de operações cujo grau de especialização – sobretudo dos ambientes – não pode passar despercebido em um estudo que se preocupe com as repercussões materiais (e espaciais) do processo produtivo.

De forma a complementar as informações delineadas nesta descrição sumárias das etapas de produção das louças, foi elaborado um *fluxograma* geral das atividades (fig. 2). Nos capítulos posteriores, porém serão reproduzidas fotografias dos ambientes fabris correspondentes no intuito não só de ilustrar, mas também de promover a análise do grau de especialização e da conformação física destes espaços.

¹² Cf. SÃO PAULO (Estado) Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio. *op.cit.*

¹³ Também conhecido como *forno-túnel*, consiste em um sistema no qual a peça é conduzida, por meio de carrinhos rodantes, para dentro de um forno de disposição linear, cujas temperaturas variam para propiciar um ciclo *contínuo* de queima e resfriamento (cerca de 30 horas), o que permite, além da diminuição de perdas por choque térmico, uma maior economia de tempo e combustível. PILEGGI, Aristides. *op. cit.*, p. 179.

¹⁴ Cf. TEIXEIRA, J. N. – José das Neves Teixeira: *op. cit.*, p. 16.

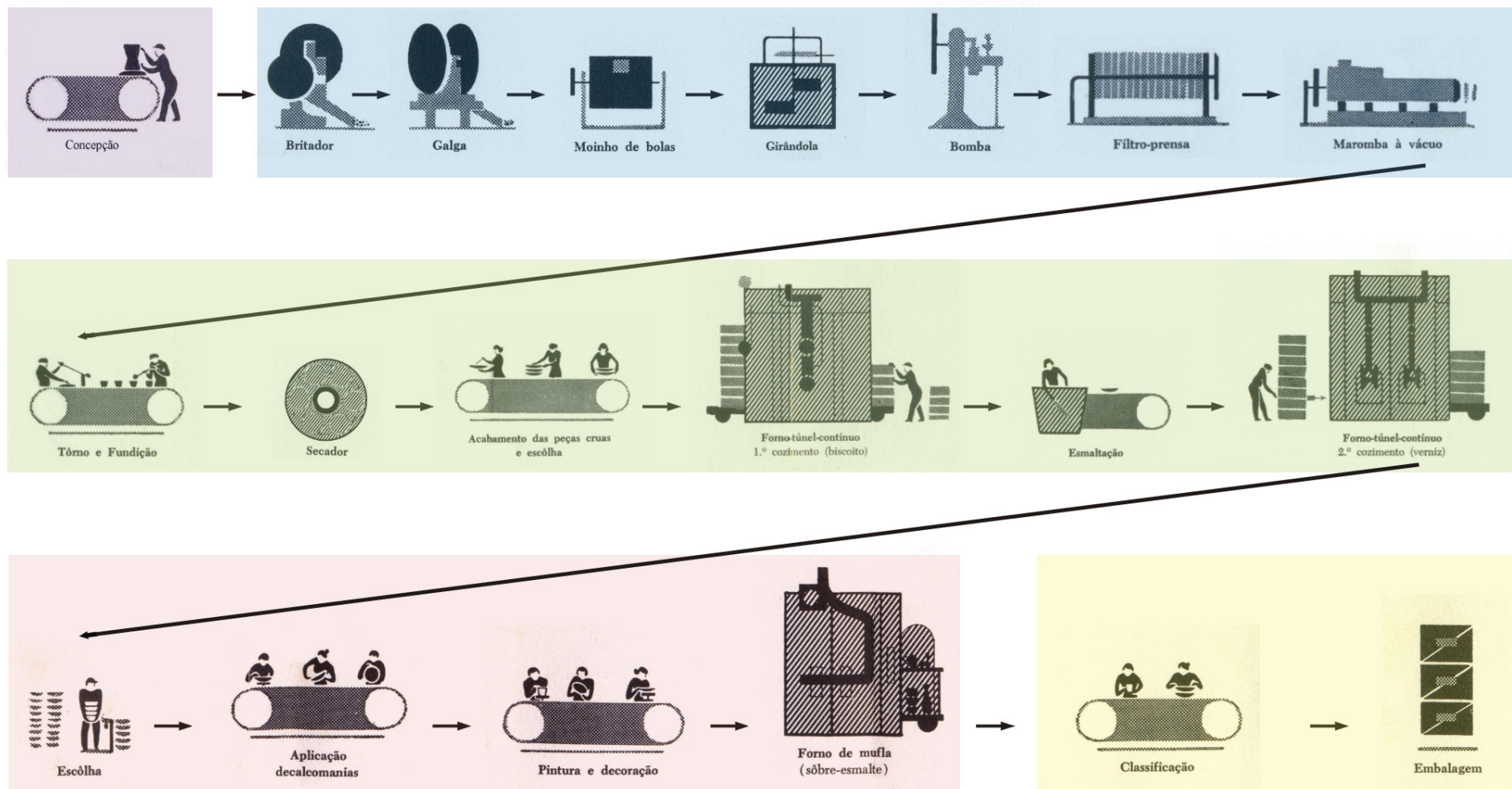


Fig. 2: Fluxograma da produção de louças de pó-de-pedra, elaborado a partir do original de Aristides Pileggi (*op. cit.*, entre p. 184-85). As diferentes cores utilizadas correspondem, respectivamente, às etapas de **concepção** (1 fase); **preparação**, (7 fases); **formação** (6 fases); **acabamento** (4 fases) e **armazenagem** (2 fases).

1.3 Histórico da implantação e desenvolvimento (1913-1940)

A Fábrica Santa Catharina (Água Branca, 1912-13) foi o primeiro estabelecimento a produzir louças domésticas do tipo pó-de-pedra na cidade de São Paulo. Seu proprietário, o italiano Romeo Ranzini, foi empreiteiro de obras na capital e lançou-se como industrial devido ao seu interesse por mineralogia e à constatação de um mercado constituído para as referidas louças, notadamente as *faianças finas*,¹⁵ simulacros das cobiçadas *porcelanas* inglesas e francesas.¹⁶ Suas instalações iniciais contavam com 15.000 m² de área coberta, tendo os galpões sido construídos sob supervisão direta de Ranzini, a partir de projeto trazido da Alemanha.¹⁷ Foram ali instalados quatro fornos de 4 metros de diâmetro (por volta de 1922, este número totalizava 10 fornos), cujo modelo, de *chama intermitente*, inspirava-se naqueles usados nas indústrias inglesas de *granito*.¹⁸

Os técnicos responsáveis pela produção foram contratados por Ranzini em viagem à Itália, na qual adquiriu, ainda, boa parte do maquinário ali empregado. Depois de cumpridos seus contratos, alguns destes operários tornar-se-iam também empreendedores, devendo-se a isso o surgimento de fábricas como a Paulista, fundada em Mauá, em 1916, e a Indústria de Louças Zappi S/A, (Vila Prudente, 1918). Mas estas não foram as únicas fábricas estabelecidas após este impulso inicial. Já em 1914, italianos estabelecidos desde finais do século XIX no distrito de Pilar, no município de São Bernardo (futura Mauá) fundaram a Fábrica Grande, atraídos pela qualidade da argila local.¹⁹

Tais empreendimentos distinguiram-se da Santa Catharina pelos modestos recursos empregados em suas fases iniciais. No caso da Paulista, foram aproveitadas, como estrutura de produção, as instalações de uma antiga serraria. A Fábrica Grande, conduzida pela viúva de Giuseppe Grande, engenheiro civil falecido em 1903, expandiu-se a partir de uma pequena olaria pertencente a uma propriedade rural, que foi mais tarde expandida com a construção de novos galpões.²⁰

¹⁵ Louças brancas e esmaltadas que apesar de muito próximas à *porcelana*, guardam, em relação a essa, diferenciais técnicos inerentes ao processo produtivo, principalmente no que se refere à uniformidade entre massa e *esmalte* relacionada, por sua vez, à concentração do *caulim*.

¹⁶ Cf. PEREIRA, José Hermes Martins. *op. cit.*, p. 11-12.

¹⁷ Cf. RANZINI, M. B. F. – *Miriam Bery Ferraz Ranzini*, depoimento [abr.2002]. São Paulo: Serviço de Objetos do Museu Paulista/USP, 2002. 1 fita cassete (57 min.). Transcrição, 55 p., p. 7-9 e 19. Este edifício, depois de passar para as Indústrias Matarazzo, abrigou mais tarde uma fábrica de biscoitos e foi demolido em finais de 2002.

¹⁸ VICENTE DE AZEVEDO, Francisco de Sales. “Os primórdios da indústria de cerâmica em São Paulo”, *Cerâmica: órgão oficial da Associação Brasileira de Cerâmica*. São Paulo: ABC/Habitat, ano X, n.º 40, p. 25-33, p. 27-29.

¹⁹ MÉDICI, Ademir. *De pilar a Mauá*. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1984. p. 40.

²⁰ CONTENTE, C. A. V. B. – *Carlos Alberto Vicente Bodani Contente*: depoimento [fev. 2003]. São Paulo: Serviço de Objetos do Museu Paulista/USP, 2002. 1 fita cassete (49 min.). Transcrição, 15 p., p. 3-5.

Em terreno bem próximo à ferrovia Central do Brasil, no bairro do Belenzinho, capital, instalou-se a Companhia Paulista de Louças Ceramus. Apesar do pouco que se sabia sobre sua fundação ou recursos materiais e humanos,²¹ esta fábrica garantiu presença no mercado através de uma produção variada de louças de mesa. Já em 1958, há referências de que suas atividades teriam se expandido para o município de Suzano.²²

De volta ao ABC, no ano de 1929, registrar-se-ia a fundação, por mãos portuguesas, daquela que se tornaria uma das mais portentosas fábricas paulistas do gênero: a Fábrica de Louças Adelinas (São Caetano). Ainda em 1929 ocorreu o retorno de Romeo Ranzini como empresário, mas agora produzindo tintas, vernizes e óxidos destinados a produção de louças,²³ além de velas para filtros. Após sucessivas ampliações, a Fábrica de Louças RR mudou-se para Osasco em 1946, onde funcionou até encerrar suas atividades, por volta de 1955.

Nos históricos dessas fábricas, é possível perceber uma mudança na constituição dos capitais investidos, provenientes agora dos próprios técnicos ceramistas e de comerciantes ligados à importação de louças.²⁴ Revelador do potencial comercial deste ramo, este fato desencadearia uma série de ampliações nas instalações fabris. Nessa época, a introdução de elementos iconográficos nas marcas de fábrica deixava transparecer, cada vez mais, os interesses corporativos ligados à expansão dos mercados consumidores.

A aposta do grupo Matarazzo neste segmento industrial é sintomática dessa fase, que se consolida em 1926, com a incorporação da pioneira Santa Catharina, fábrica que daria seqüência à produção de peças para uso doméstico em concomitância com a introdução de um novo segmento: o de louças sanitárias.²⁵ Nesta linha de atuação, Matarazzo montaria também uma segunda fábrica, a Louças Cláudia (São Caetano, 1935). Esse período registra ainda a publicação do *Catálogo Geral* da Adelinas, fábrica que a esta época entrou em franca concorrência com Matarazzo.

Mas o grande salto viria em 1937, com o surgimento da Porcelana Mauá S/A. Fundada por empresários de ascendência alemã, a primeira fábrica paulista a produzir *porcelanas finas*

²¹ Fundada em 1919, esta empresa teve como diretor-presidente o Sr. Francisco de Salles Vicente de Azevedo, ceramista e autor de artigo citado anteriormente, sobre o início da indústria de louça em São Paulo. As informações sobre a fábrica, no entanto, resumiam-se aos objetos remanescentes da produção, coletados pelo Museu Paulista no contexto de exposição organizada sobre a produção paulista de louças domésticas.

²² Cf. PILEGGI, Aristides. *op. cit.*, p. 162.

²³ Segundo a Estatística Industrial do Estado de São Paulo, ainda no ano de 1928, estes materiais provinham do “extrangeiro”. Cf. SÃO PAULO (Estado) Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio. *op. cit.*, 1928, p. 54.

²⁴ Manoel de Barros Loureiro, proprietário da Fábrica de Louças Adelinas, iniciou sua carreira no comércio. Em 1921, o nome de Viriato Correia, importador de louças, aparece associado à Fábrica Grande, que em 1926 seria vendida à João Jorge, Figueiredo S/A, firma de comércio e importação com sede em Santos.

²⁵ [INDÚSTRIAS REUNIDAS FRANCISCO MATARAZZO]. *Matarazzo, 100 anos*. São Paulo: CL-A, 1982. p. 52.

de mesa uniria sofisticação técnica (maior resistência mecânica e impermeabilidade) às propriedades estéticas (textura uniforme, brancura e novos padrões decorativos), para abrir caminho também para as porcelanas de fabricação nacional.

Suas bases, inicialmente modestas, constituíram-se em 1933, quando o jovem ceramista Fritz Erwin Schmidt, motivado pela existência local de mão-de-obra especializada e de matérias-primas adequadas, escolhe em Mauá um imóvel próximo à ferrovia. Com a entrada dos sócios Franz Staudacher e do capitalista Hans Lorenz, iniciou-se a produção da Staudacher, Schmidt & Cia., na época, em um pequeno edifício de dois pavimentos, dotado de um forno com capacidade para 5 m³.²⁶ Anos depois, com os sócios desestimulados pelos insucessos da pequena fábrica, Lorenz investe novamente na empresa, ampliando suas instalações para um pavilhão de 1.050 m², com dois fornos cuja capacidade total atingia 50 m³. Com esse aumento de capital, a firma Staudacher, Schmidt & Cia. foi sucedida pela “Porcelana Mauá S/A” em fevereiro de 1937.

Naquele mesmo ano de 1933, os irmãos Virgílio e José Teixeira (portugueses formados na Manufatura de Porcelanas de Vista Alegre), que então trabalhavam na D. Pedro II, do Rio de Janeiro, mudaram-se para São Paulo, onde trabalhariam na Argilex, uma indústria de pastilhas de porcelana para revestimentos. Em 1939, ano em que se iniciou, naquela fábrica, a produção de louças de mesa, os irmãos Teixeira já haviam decidido montar seu próprio negócio.²⁷

Trabalhando em jornada dupla – durante o dia como empregados e à noite na modelagem de suas próprias peças –, Virgílio e José Teixeira construíram um pequeno galpão com cerca de 100 m² ao lado do qual instalaram o primeiro forno da fábrica, e passaram então a se dedicar integralmente à sua empresa, Virgílio Teixeira & Irmão–Porcelana São Paulo, que tiraria sua primeira fornada em 24 de junho de 1940.

A partir desta década (1940), percebe-se uma maior afirmação da indústria local de louças, seja pela adoção de inscrições com a nacionalidade nas marcas de alguns produtores, seja pela participação de fábricas do ramo em exposições comemorativas – como as do quarto centenário de Santo André da Borda do Campo (1953) e de São Paulo (1954). Isso sem contar o prestígio de alguns fabricantes junto às autoridades²⁸ e o destaque dado ao setor, por

²⁶ SCHMIDT, Fritz Erwin, *apud* PEREIRA, José Hermes Martins, *op. cit.*, p. 108-109.

²⁷ TEIXEIRA, J. N. – *José das Neves Teixeira: op. cit.*, p. 5-7.

²⁸ O que pode ser percebido através de fotografias nas quais comparecem figuras como o ex-interventor Adhemar de Barros (1946 - Fábrica de Louças Romeo Ranzini), o governador de São Paulo, Lucas Nogueira Garcez (1954 - Indústria de Louças Zappi S/A), e o Embaixador português no Brasil (1947 - Virgílio Teixeira & Irmão - Porcelana São Paulo).

exemplo, em uma planta confeccionada pela Comissão do IV Centenário de São Paulo, na qual a Vila Prudente (capital) e o município de São Caetano são representados por ícones de suas respectivas produções de louças.²⁹

Nos anos 1950, entretanto, vários desses estabelecimentos perderiam sua força ou deixariam de existir. Alguns produtores de *faianças* não resistiram à concorrência dos artigos em *porcelana*; outros sofreram problemas relacionados à gestão familiar. A entrada no mercado de artigos plásticos e dos vidros especiais (mais resistentes e vendidos a preços baixos) também contribuiu para a crise de algumas das pioneiras da louça paulista.

Dos dez estabelecimentos aqui mencionados, apenas a Virgílio Teixeira & Irmão (atual Porcelana Teixeira Ltda.) continua em atividade. Ainda no ABC paulista, encontram-se dois outros remanescentes da arquitetura das fábricas de louça de pó-de-pedra: os galpões da Louças Cláudia/I.R.F.M., nas proximidades do centro de São Caetano do Sul; e ainda parte das instalações da Porcelana Mauá – atualmente utilizadas para funções diversas, de restaurante a estacionamento. Na capital, os antigos edifícios da Companhia Paulista de Louças Ceramus, foram reconhecidos em pesquisa de campo como integrantes de um conjunto do Belenzinho, atualmente ocupado por empresas diversas, entre elas uma distribuidora de papéis.

Seja em função do desaparecimento da maioria dos estabelecimentos estudados, seja pela descaracterização dos edifícios e inserção contemporânea dos remanescentes das fábricas paulistas de louça, os caminhos de pesquisa na área exigem rigorosa documentação, análise e interpretação dos casos de estudos, com ênfase nas relações espaciais entre os edifícios e seus respectivos sítios urbanos. Nesta ótica, torna-se necessária tanto a instrumentalização quanto a crítica histórica das tarefas de levantamento e sistematização de informações, com o objetivo de se constituir, sobre bases sólidas, um repertório de tipologias e padrões de implantação capaz de fornecer elementos para a compreensão não apenas do funcionamento como também das particularidades físicas e visuais dos complexos fabris, decorrendo daí o reconhecimento e a problematização daqueles espaços enquanto indicativos das formas de construção, organização e adaptação características da arquitetura industrial da primeira metade do século XX.

²⁹ Em: BRUNO, Ernani Silva. *História e tradições de São Paulo: A metrópole do café (1872-1918)*, São Paulo de agora (1918-1954). Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.

2 Métodos e materiais

2.1 Fábricas pesquisadas *versus* edifícios remanescentes

Como conseqüência da desconcentração espacial das indústrias no Estado de São Paulo, acelerada a partir da década de 1980,³⁰ e das rápidas transformações da paisagem urbana observadas na capital paulista e adjacências, observa-se nos antigos bairros, regiões ou mesmo cidades inteiras o surgimento de áreas “desprestigiadas” pelo capital industrial. Ligue-se a este fato a crise no setor das *louças domésticas*, verificada a partir do final da década de 1940,³¹ mais as nuances do mercado imobiliário, e o quadro obtido é um número reduzido de edifícios remanescentes (quatro), contra o número inicial de dez fábricas mencionadas neste trabalho.

Nessa discrepância entre as fábricas estabelecidas no período de implantação (1913-40) e os casos disponíveis para estudos de campo, encontram-se questões de cunho metodológico cuja apreciação, por ela mesma, constitui-se em tema para análise. Um primeiro aspecto do problema corresponde aos limites de acesso às instalações de indústrias desativadas, impostos por fatores ligados ao direito de propriedade privada e a outros problemas de natureza jurídica e até mesmo de política ambiental.

Neste sentido, há que se discutir preliminarmente alguns aspectos históricos relacionados à constituição deste quadro díspar, que resultou no desmembramento dos casos de estudo em dois grupos. O primeiro deles, que foi contemplado com um *estudo de campo*, compõe-se pelo caso de estudo da Porcelana Teixeira Ltda. e foi incorporado a esta primeira parte por tratar-se esta fábrica de uma exceção entre os casos analisados, visto que é o único estabelecimento fundado no período de que trata esse estudo que ainda mantém suas atividades no ramo das louças de pó-de-pedra.

Correspondendo a parte significativa do escopo da pesquisa, os edifícios pertencentes ao segundo grupo deverão receber um tratamento interpretativo diferenciado, no qual se considerem, paralelamente, este impedimento aos *estudos de campo* – e as conseqüentes lacunas informativas daí advindas – e as alternativas metodológicas para uma *análise retrospectiva* destes casos de estudo, expostos com maiores detalhes na **Parte II**, na qual foram organizados por ordem cronológica de estabelecimento.

³⁰ Para mais detalhes, ver: NEGRI, Barjas. *Concentração e desconcentração industrial em São Paulo*. (1880-1990). Campinas-SP: Editora da Unicamp, 1996. sobretudo parte II, cap. 1, p. 137-167.

³¹ Entre 1947 e 1968, oito das fábricas mencionadas já haviam encerrado suas atividades por motivos variados, de disputas familiares à concorrência representada pelos artigos de plástico e vidro; isto sem contar a cooptação de operários pelas montadoras de automóveis e outros ramos industriais que ofereciam melhores salários. Para maiores detalhes, ver “Dossiês”, in: PEREIRA, José Hermes Martins, *op. cit.*, p. 26 *et seq.*

A reconstituição de um “itinerário” das fábricas paulistas de louça, esboçada anteriormente (ver mapa na pág. 9), deixa entrever que a expansão do ramo, partindo da região oeste (bairro da Lapa), se fez no sentido centro-leste-sudoeste. Ainda que separadamente e guardados pequenos desvios, este eixo respeita a orientação das estradas de ferro São Paulo Railway, Sorocabana e Central do Brasil.

São conhecidos os contatos privilegiados de alguns produtores de louças de pó-de-pedra com as ferrovias paulistas e com jazidas minerais (argila e caulim) situadas a sudeste da capital, sobretudo em São Caetano, Mauá, Suzano e Mogi da Cruzes. Isto teria motivado aquisições conscientes de terrenos para a implantação das fábricas do ramo, a exemplo do que fizeram Fritz Schmidt, um dos fundadores da Porcelana Mauá S/A e as Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo, que instalaram a Fábrica de Louças Cláudia no seu complexo de São Caetano, no mesmo ano da aquisição, naquela localidade, de jazidas de argila e caulim.³²

Representativas dessa visão estratégica do espaço podem ser consideradas, ainda, as instalações da Companhia Paulista de Louças Ceramus – localizadas no Belenzinho, em terreno cujos fundos voltam-se para os trilhos da Central do Brasil – e os edifícios da atual Porcelana Teixeira Ltda., situados nas proximidades do Rio dos Meninos e do Sacomã, fontes, respectivamente, da água e do caulim utilizados nas atividades produtivas.

Os casos supracitados constituem-se em exemplos não somente de tendências a serem consideradas quando da análise da implantação de edifícios, mas também de estruturas industriais remanescentes do ramo das louças em São Paulo. Do total de quatro conjuntos, dois, apenas, apresentam-se em pleno uso: o primeiro deles – o da Porcelana Teixeira Ltda. –, terá seu estudo de campo apresentado adiante; já o segundo, que abrigava anteriormente a produção da Ceramus, pertence hoje a empresas diversas – entre elas uma distribuidora de papéis, cujos proprietários e/ou responsáveis não foram localizados.

Os dois casos restantes apresentam situação igualmente delicada, embora com motivações distintas. Em São Caetano do Sul, subsiste o complexo das Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo que, entre outras atividades, produziu louças domésticas e azulejos na Louças Cláudia até meados da década de 1990.³³ Apesar de funcionarem até este período, as instalações da fábrica, diluídas em meio a outros galpões igualmente abandonados, têm sua apreciação prejudicada, sendo uma das vistas mais interessantes aquela que se tem ao passar de trem pelo trecho imediatamente anterior à Estação São Caetano da Companhia Paulista de

³² Cf. SCHMIDT, Fritz Erwin, apud PEREIRA, José Hermes Martins, *op. cit.*, p. 108-109; [INDÚSTRIAS REUNIDAS FRANCISCO MATARAZZO]. *op. cit.*, p. 56.

³³ Ver PEREIRA, José Hermes Martins. *op. cit.*, p. 89-90.

Trens Metropolitanos (CPTM), no sentido Luz-Rio Grande da Serra. Tal vista, no entanto, não permite mais do que a constatação da existência de um depósito de matérias-primas onde se vêem, ainda hoje, montes de argila e caulim.

Outros aspectos da unidade produtiva, no entanto, são facultados a estudos de campo impossibilitados, sobretudo, pela dificuldade de acesso aos proprietários, ainda não identificados em função imbróglis judiciais. Esta situação agrava-se mais ainda se for considerado um problema de contaminação do solo o qual, apesar de não ter ocorrido propriamente no setor de produção de louças, causou paulatinamente a desativação e interdição de todo o complexo industrial.³⁴

Não bastassem estas dificuldades, é imperativo reconhecer que uma análise desta unidade isoladamente ao complexo das I.R.F.M.³⁵ apresenta-se, de saída, tolhida não somente pela falta de informações sobre a própria, mas também pela reduzida capacidade de se entender, nesta perspectiva limitada, a possível interatividade entre a fábrica e seu entorno igualmente fabril, relações estas certamente portadoras de sentido.

Já o caso da Porcelana Mauá, documentado por alunos da FAUUSP em 2003,³⁶ apresenta como principal obstáculo uma questão ligada à propriedade privada. Imóvel de reconhecido valor simbólico para a população local, o conjunto de edifícios situa-se na área central do município, nas proximidades do Terminal Urbano, da Estação Ferroviária da CPTM e do principal corredor comercial da cidade, a Avenida Barão de Mauá.

Este quadro, ao mesmo tempo em que reforça o interesse no estudo das antigas instalações da fábrica, faz da presença de pesquisadores uma ameaça potencial aos interesses do proprietário do imóvel. Parte desta situação advém do reduzido entendimento, por parte da população em geral, das ações preservacionistas e, sobretudo, do *tombamento*, seu instrumento jurídico. Outro fator de preocupação foi a iniciativa de se organizar na cidade um “Museu do Trabalho na Cerâmica”, cujo projeto previa atividades educativas ligadas ao

³⁴ Após a morte de um funcionário, em 1985, constatou-se a contaminação do solo por benzeno, um dos componentes do BHC (hexaclorociclohexano) ali produzido. Os anos seguintes foram marcados pelo imbróglis entre a empresa, ambientalistas e o Ministério Público, culminando com a interdição do local, que ocorreu efetivamente em finais da década de 1990. O caso voltaria às páginas dos jornais em maio de 2005, devido ao polêmico projeto de um viaduto, que teria uma das extremidades assentada sobre o terreno contaminado. Conf.: GRANCONATO, Elaine. “Prefeito acusa Tortorello por obra viária”. Disponível em <<http://setecidades.dgabc.com.br/materia.asp?materia=463659>>. Acesso em 15/06/2006.

³⁵ Que era formado não somente por indústrias diversas – destacando-se as químicas e de transformação –, mas também por habitações operárias e estruturas de apoio. Cf. [INDÚSTRIAS REUNIDAS FRANCISCO MATARAZZO]. *op. cit.*, p. 52-53, 130-131

³⁶ CARAMORI, Leonardo C.; FREITAS, Pedro Murilo G. *Porcelana Mauá S.A.* 2003, 29 p. Trabalho final apresentado à disciplina de graduação AUH127: Conservação e Restauração do Patrimônio arquitetônico - FAU/USP, São Paulo.

fabrico de cerâmicas em geral, e para o qual se chegou a cogitar um acordo no sentido de se aproveitar o imóvel como sede do referido Museu.³⁷

Ainda assim, houve em novembro de 2005 uma tentativa de visita técnica, na qual só foi possível fotografar a parte externa do edifício. Isso devido à orientação dos funcionários de impedir a entrada de “estranhos” nas dependências do estacionamento que funciona nos galpões voltados para a rua, os quais se comunicam com outros galpões remanescentes onde é possível verificar, ainda, parte do maquinário que pertenceu à fábrica.³⁸ Sobre a possibilidade de solicitar autorização para a visita junto ao proprietário, a resposta dos funcionários foi “não podemos fornecer o telefone do dono”.

Os exemplos citados demonstram alguns dos problemas enfrentados para a concretização de estudos de campo visando ao detalhamento e à apreensão das particularidades físicas das fábricas pesquisadas. Contudo, há que se reconhecer que a mera presença do objeto não resolve, isoladamente, questões de fundo interpretativo relacionadas, sobretudo, aos ambientes de trabalho e suas configurações técnica e espacial. Numa perspectiva mais abrangente, pode-se dizer que tais questões envolvem, inclusive, considerações acerca da representatividade dos edifícios e dos vínculos estabelecidos com o seu entorno, de maneira a se entender as transformações ali ocorridas ao longo do tempo.

Como se vem afirmando desde o início deste trabalho, a imersão prévia no tema de pesquisa pode auxiliar na compreensão de muitos aspectos ligados ao funcionamento orgânico das fábricas de louças, razão pela qual devem ser filtradas todas e quaisquer conclusões tiradas a partir deste conhecimento, a fim de que se evitem pré-concepções acerca dos aspectos materiais da produção recuperados através de uma documentação compartimentada e de fundo diverso, gerando uma série de lacunas e descontinuidades ao mesmo tempo nocivas e instigantes ao trato com fontes históricas.

Diante de tais situações, tanto as demandas informativas quanto as de interpretação devem ser precedidas de um tratamento teórico – das fontes e dos procedimentos adotados ao longo da pesquisa – onde estejam presentes não apenas esta consciência do alcance da pesquisa histórica, mas também os componentes críticos da mesma. Com este posicionamento, buscar-se-á refletir sobre métodos de recuperação e análise de sítios industriais desativados, sobretudo em ramos ainda pouco estudados, como no caso das fábricas paulistas de louça.

³⁷ Como pesquisador do assunto, o autor participou de reuniões com o grupo responsável pelo projeto, o qual contou ainda com a presença de antigos operários e de profissionais ligados ao Museu “Barão de Mauá”.

³⁸ CARAMORI, Leonardo C.; FREITAS, Pedro Murilo G., *op. cit.*, figuras 19 e 20.

2.2 A problemática da *análise retrospectiva*

Reconhecer, analisar e preservar conscientemente o patrimônio industrial, em suas diversas faces, são tarefas que exigem levantamentos documentais, bibliografia e instrumentos de pesquisa capazes de preencher lacunas informativas e de ordem teórico-metodológica inerentes à especificidade deste tema, sobretudo nos seus aspectos materiais, nos quais se incluem os *estudos tipológicos*, nos moldes propostos neste trabalho.

Nesta perspectiva, torna-se necessária a apreciação de fontes diversas – fotografias, projetos de construção, memoriais descritivos, publicações e estatísticas sobre a indústria, crônicas, entrevistas, cartografia etc.³⁹ – como meio de se obter informações sobre as unidades fabris e sua localização. Tal abordagem – aqui chamada de *análise retrospectiva* – consiste em utilizar as informações obtidas como subsídios à compreensão dos edifícios industriais e de sua implantação a partir das relações possíveis entre o funcionamento *orgânico* dos mesmos – em função da produção e circulação de artigos – e suas repercussões materiais mais diretas, com vistas à comparação entre estruturas remanescentes e os padrões perceptíveis (e/ou verificáveis) na documentação consultada.

Operação delicada, que envolve a leitura de fontes escritas e não-escritas, este tipo de análise requer um alinhamento com discussões de método, sobretudo no que se refere à problematização de *séries documentais descontínuas* e sua composição – com destaque para o recurso a *fontes visuais* – bem como de seu emprego em estudos voltados à *preservação dos bens culturais*. Não se trata aqui de fazer um balanço bibliográfico sistemático sobre os temas acima – o que, aliás, vem sendo feito com muita propriedade por outros autores⁴⁰ – mas sim de apontar, a partir de alguns problemas-chave, encaminhamentos possíveis e sugestões de procedimentos numa área em que a interdisciplinaridade, apesar de tão desejada, caminha ainda a passos lentos.

Um primeiro problema, de natureza informativa, advém da dificuldade em se obter dados mais concretos sobre o funcionamento de alguns ramos industriais já desaparecidos, ou cujas atividades se tornaram, ao longo dos anos, pouco representativas nos contextos paulista e brasileiro. Embora haja uma vasta bibliografia relacionada ao tema da industrialização de

³⁹ Discriminados em “Fontes consultadas”.

⁴⁰ Para mencionar alguns, destacam-se os textos recentes de MENESES, Ulpiano Bezerra de. “Fontes visuais, cultura visual, história visual. Balanço provisório, propostas cautelares” in: *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH, v. 23, n.º 45, p. 11-36, 2003; e BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. Bauru: Edusc, 2004. Sobre a preservação de bens culturais, sobretudo do Patrimônio Industrial, ver KÜHL, Beatriz Mugayar. *Preservação da Arquitetura Industrial em São Paulo: questões teóricas*. 2005. 376 p. Relatório Científico apresentado à FAPESP- FAUUSP, São Paulo.

São Paulo,⁴¹ o que de fato se verifica é o comprometimento de economistas, sociólogos e historiadores com temáticas e tendências interpretativas as quais, segundo a historiadora Raquel Glezer:

(...) quando falam de industrialização se referem à industrialização pesada, com produção de máquinas-ferramentas, o que no Brasil data da implantação da usina siderúrgica de Volta Redonda, em meados do século XX. A industrialização leve, de bens de consumo, que data do final do século XIX, não é considerada relevante.⁴²

Existem, logicamente, obras que superam esta visão, das quais o clássico de Warren Dean constitui um caso exemplar. Filiado à história econômica o autor, ao transitar com propriedade pelas origens do empresariado urbano e dos mercados consumidores, revela todo um contexto de inter-relações entre as necessidades materiais e cotidianas (tanto da crescente população urbana quanto da indústria), condicionante, ele próprio, da estruturação e disseminação de novos ramos de atividade.⁴³

Fato é que houve, entre finais do século XIX e meados do século XX, uma rápida e constante diversificação das atividades industriais, destacando-se aquelas mais diretamente vinculadas à produção de artigos para consumo imediato – tais como alimentos, têxteis, metalúrgicas, cerâmicas, etc.⁴⁴ Vale lembrar que a instalação de fábricas diversas – juntamente com a reorganização espacial daí decorrente –, contribui para a formação tanto da paisagem urbana quanto de seus valores sócio-culturais, aos quais, em última instância, devem estar atentas as análises de cunho histórico sobre o patrimônio edificado, esteja ele ou não associado a atividades econômicas.⁴⁵

Formulam-se então duas novas questões. Observada a carência, nos estudos históricos, de informações sobre implantação, desenvolvimento e organização – sobretudo processual – de ramos desta indústria *leve*, quais os critérios para uma efetiva abordagem do patrimônio

⁴¹ Dos quais, além da obra citada de Warren Dean, constituem-se referências: CANO, Wilson. *Raízes da concentração industrial em São Paulo*. Rio de Janeiro: Difel, 1977; PEREIRA, José Carlos. *Estrutura e expansão da indústria em São Paulo*. Rio de Janeiro: Editora Nacional, 1967; entre outros.

⁴² GLEZER, Raquel. *op. cit.*, p. 1.

⁴³ Cf. DEAN, Warren. *op. cit.*, *passim*.

⁴⁴ O que pode ser conferido a partir de publicações celebrativas do *progresso industrial* paulistano, almanaques, estatísticas industriais e estudos sobre a indústria paulista, como o de: BANDEIRA JUNIOR, Antonio Francisco. *Indústria em São Paulo em 1901: um estudo*. São Paulo: Typographia do Diário Oficial, 1901. Ver ainda, PICCAROLO, Antonio; FINOCCHI, Lino. *O progresso industrial de São Paulo através da Primeira Exposição Municipal*. São Paulo: Pocaí & Comp., 1918; e ALMANAK Laemmert: anuário administrativo, mercantil e industrial, com título variável. Foi criado por Eduardo von Laemmert, no Rio de Janeiro, em 1844 e durou até 1943 e SÃO PAULO (Estado) Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio, *op. cit.*

⁴⁵ Um bom exemplo deste tipo de reflexão pode ser conferido em: RUFINONI, Manoela Rossinetti. *Preservação do patrimônio industrial na cidade de São Paulo: o bairro da Mooca*. 2004. 183 p. Dissertação (Mestrado) – FAU/USP, São Paulo, sobretudo p. 6-48.

industrial se parte significativa do mesmo advém de atividades pertencentes a esta categoria? Partindo-se dessa constatação, e ainda do reduzido número de estruturas preservadas, como subsidiar o estudo de exemplares remanescentes da arquitetura industrial nos quais compareçam, sobretudo, os componentes físicos e organizacionais necessários à compreensão de sua representatividade cultural?

Instrumentos valiosos para o encaminhamento das questões acima, os estudos de campo, com o devido *registro de processos “in situ”*,⁴⁶ assim com o *inventário* podem, e devem, merecer atenção também enquanto componentes metodológicos das atividades de pesquisa, documentação e análise de edificações industriais. No caso específico deste trabalho, o primeiro destes instrumentos confronta-se com as restrições de acesso aos “sítios” discutidas anteriormente, o que limita, mas não invalida a sua aplicabilidade nos casos de estudo, como se verá adiante.

Em relação ao inventário, entretanto, fica aberta a possibilidade de se trabalhar diretamente com os componentes materiais dos edifícios em questão, atividade que exige considerações sobre as particularidades do objeto e sobre os procedimentos a serem adotados para que plena realização desta importante tarefa:

No que se refere ao inventário dos bens arquitetônicos em si, é necessário fazer um estudo histórico-documental e iconográfico, estudo analítico-descritivo e também comparativo, para se entender as tipologias e a transformação dos vários setores industriais. Para isso, é preciso entender os processos de produção, os espaços de trabalho a eles correspondentes e o tipo de energia utilizado. Devem-se registrar e analisar os edifícios, tanto aqueles destinados à produção propriamente dita, quanto as demais construções que podem compor o complexo (tais como escola, ambulatório e moradia), com sua configuração arquitetônica e espacial, suas técnicas e sistemas construtivos, e o maquinário existente. É necessário ainda estudar a inserção no local em que se encontram, sua articulação com a cidade ou território, suas relações com os meios de transporte etc.⁴⁷

Na linha defendida pela autora, observa-se uma confluência entre os procedimentos mais afeitos ao campo disciplinar da Arqueologia Industrial e as necessidades próprias de um *estudo histórico-documental*, mais ligadas ao trato com fontes impressas e sua interpretação na lógica de séries documentais, sendo estas mesmas passíveis de análise. Devido à amplitude e à diversidade das informações coletadas, organizadas e classificadas para que se efetivem

⁴⁶ Cf. MALAWS. Brian. “Process recording at industrial sites”. In: *Industrial Archaeology Review*, 1997, v. XIX, p. 75-98.

⁴⁷ KÜHL, Beatriz Mugayar. *op. cit.*, p. 22-23.

estudos desta ordem, torna-se essencial um comprometimento com a crítica epistemológica, como demonstra Jacques Le Goff, em seu escrito basilar “Documento/Monumento”:

A revolução documental tende também a promover uma nova unidade de informação: em lugar do fato que conduz ao acontecimento e a uma história linear, a uma memória progressiva, ela privilegia o dado, que leva a uma série e a uma história descontínua. (...)

Transformado em *dado* nos novos sistemas de montagem da história serial, o documento deve ser submetido a uma crítica mais radical.⁴⁸ (destaque no original)

Isto em função da equação *documento + poder = monumento*,⁴⁹ na qual se consagra a supressão de vontades coletivas – com as quais deve estar comprometida a produção do conhecimento histórico –, em prol de informações selecionadas, controladas e “produzidas em série”, sem a devida apreciação crítica dos seus sentidos, motivações, ou relevância cultural em determinado contexto, a exemplo do que vem ocorrendo na vinculação de bens patrimoniais à indústria cultural.⁵⁰

Feitas estas considerações, seguem-se alguns comentários sobre a orientação deste trabalho, a qual se deve, em parte, à sistematização dos conhecimentos adquiridos na pesquisa de graduação, na qual se buscou ultrapassar os limites de uma história institucional em prol de uma leitura que contemplasse, além de informações históricas sobre as fábricas e os objetos produzidos (ainda que fossem, estes últimos, o foco principal do trabalho) aspectos de sua organização interna e do impacto causado pela *presença física* das unidades produtivas nos locais onde se instalaram as mesmas.

Baseando-se nestes aspectos, surgiram temas relativos às *tipologias arquitetônicas* e aos *padrões de implantação dos edifícios*, em virtude da imponência de algumas instalações e do uso das mesmas como emblemas associados à identidade corporativa de empresas do ramo. Como se verá adiante, não foi raro, nas publicações sobre indústrias a veiculação de fotografias de ambientes internos e externos das fábricas, a partir das quais é possível visualizar alguns componentes materiais tanto do seu funcionamento quanto da associação entre estas e seu entorno imediato.

O trato destas questões, entretanto, implica em não se considerar tais edifícios como estruturas “ocas”, ou seja, isoladas de suas funções orgânicas. Trata-se, em vez disso, de reconhecer neste funcionamento as condicionantes seja da conformação física, seja das

⁴⁸ LE GOFF, Jacques. “Documento/Monumento” in: *História e memória*. Campinas: Editora Unicamp, 2003. p. 525-541, p. 532-533.

⁴⁹ Cf. ZUMTHOR, P. *apud*. LE GOFF, *op. cit.*, p. 535.

⁵⁰ CHOAY, Françoise. A alegoria do patrimônio. São Paulo: Estação Liberdade, 2001, sobretudo p. 205-237.

relações entre os complexos produtivos e os *sítios* a este destinados. Partindo dessa interação entre *sítios* e *objetos* – conceitos alinhados com as discussões sobre a Cultura Material –, retoma-se sobre novas bases a proposta de *estudo tipológico*, bem como de sua aplicabilidade aos trabalhos na área do patrimônio industrial, para o qual a documentação, segundo Ulpiano Bezerra de Meneses:

só pode ser montada num quadro de sistema – sistema entendido aqui, genericamente, como um conjunto de objetos solidariamente inter-relacionados e espacialmente dependentes. Como consequência, todo levantamento, proteção e valorização teria que levar em conta a natureza e atributos de sistemas complexos, sem o que a documentação ficaria seriamente prejudicada.⁵¹

A *natureza* e os *atributos* destes sistemas, no entanto, devem ser buscados internamente ao objeto em estudo, razão pela qual se valorizou aqui a imersão prévia no tema a partir de seus aspectos organizacionais, com vistas ao entendimento de uma problemática mais ampla, associada, sobretudo, à materialidade do processo produtivo e às repercussões de tal processo seja na *conformação física* dos edifícios, seja nos detalhes técnico-construtivos associados a diferentes momentos de sua história.

E é essa historicidade dos edifícios que deve balizar os comentários acerca da representatividade dos exemplares da Arquitetura Industrial, sob a pena de se atribuir a determinados bens características às vezes pejorativas, às vezes supervalorizadas. Isso porque os objetos arquitetônicos, assim como outros bens culturais, têm seus significados sociais alterados através dos anos. Tomando-se como exemplos as demolições ocorridas nas fábricas pesquisadas, e as profundas transformações das localidades que as abrigavam, ter-se-á uma pequena mostra de como os movimentos da memória urbana e da cultura material associada à indústria tomam caminhos distintos, sobretudo no que se refere à preservação.

Contudo, seria interessante neste momento do trabalho uma primeira apreciação das questões suscitadas pela documentação reunida seja para o *estudo de campo*, seja para os casos em que a *análise retrospectiva* se constitui como alternativa mais viável. São apenas considerações preliminares, mas que revelam uma composição intrincada no que se refere tanto ao acesso quanto à disponibilização de alguns dados para que enfim se organizasse coerentemente importantes passagens da indústria paulista de louças de pó-de-pedra destacando-se, evidentemente, o papel das instalações fabris nesse processo.

⁵¹ MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. “Patrimônio industrial e política cultural” in: *Anais do I Seminário Nacional de História e Energia*. São Paulo: DPH, Secretaria Municipal de Cultura, 1988, p. 69.

2.3 Considerações preliminares sobre o *corpus* documental

Na segunda parte deste trabalho, será apresentado um balanço das edificações fabris destinadas à produção de louças e outros artigos em pó-de-pedra para as quais, diferentemente da Porcelana Teixeira, não se dispõe de informações consistentes advindas de visitas de campo. Construídas entre 1913 a 1937 na capital paulista e nos atuais municípios de São Caetano e Mauá, as nove unidades aqui analisadas (seis delas já demolidas), guardam especificidades relacionadas não apenas à sua configuração física como também ao volume, à organização e às condições de acesso aos documentos oficiais sobre as construções e/ou reformas ocorridas nas fábricas pesquisadas.

Ao partir-se dessas especificidades e também das vinculações possíveis entre a materialidade dos edifícios fabris e os programas, projetos e soluções arquitetônicas adotados nas construções – apreensíveis principalmente em plantas e fotografias –, surgem demandas de interpretação das informações contidas nestas fontes, cuja discussão se fará a partir da organização cronológica dos casos selecionados para estudo. Contudo, se observadas as dificuldades encontradas na realização do estudo de caso com a Porcelana Teixeira Ltda., perceber-se-á que a tarefa exige uma postura diferenciada em relação ao material agora apresentado, que foi reunido através de pesquisas bibliográficas, buscas em prefeituras e arquivos públicos, visitas de campo e contato com instituições de memória municipais.⁵²

O tratamento destas informações envolveu um esforço sistemático de organização, classificação, diagramação e, sobretudo, de digitalização controlada. Estes procedimentos, embora onerosos em tempo, garantiram um processo de reprodução de imagens (sobretudo das plantas) no qual foram respeitadas escalas, cronologia e a lógica interna dos processos envolvendo construções, ampliações e reformas de edifícios fabris. Foram localizados, ao todo, quarenta e sete processos, quarenta e quatro projetos de construção – com maior ou menor grau de detalhamento –, vinte e um memoriais descritivos, além de onze peças gráficas contendo cálculos estruturais.

Paralelamente reuniram-se, entre fotografias e desenhos, cerca de noventa imagens contendo vistas externas e internas das fábricas pesquisadas, sendo estas últimas – em número de quarenta e seis – importantíssimas para a reconstituição do ciclo de produção de louças, sugerido como estratégia na interpretação dos espaços fabris e sua especialização. Mais do que isso, estas imagens permitem que se formulem novas questões sobre os diversos usos do espaço fabril, fosse para fins institucionais, fosse com finalidades sociais, a exemplo de

⁵² Relacionadas em “Fontes consultadas”.

confraternizações entre funcionários registradas em fotografias tiradas na Porcelana Mauá, em finais da década de 1950.⁵³

Uma exposição, ainda que sumária, de alguns atributos inerentes à documentação levantada demonstrará quais os próximos passos a serem seguidos no tocante à análise dos conjuntos fabris e às investigações em torno das *tipologias arquitetônicas* e dos *padrões de implantação* das fábricas de louça de pó-de-pedra, nos quais figurem também os aspectos relativos às técnicas construtivas empregadas e à funcionalidade intrínseca aos mesmos.

Os processos localizados⁵⁴ associam-se a apenas cinco dos dez estabelecimentos contemplados pela pesquisa. São estes a Fábrica Santa Catharina (dezoito), a Companhia Paulista de Louças Ceramus (sete), a Indústria de Louças Zappi S/A (sete) e Fábrica de Louças RR-Romeo Ranzini (catorze), além de um único para Porcelana Teixeira Ltda. Entre as motivações mais comuns para os requerimentos dos proprietários, encontravam-se as ampliações das instalações fabris, que comparecem em vinte e três processos, dos quais parte significativa coube à Santa Catharina e à RR, coincidentemente as duas fábricas fundadas por Romeo Ranzini, e situadas, respectivamente, nos bairros da Água Branca e da Lapa.

Considerando-se isoladamente as estruturas de produção *sui generis*, destacam-se a construção de uma chaminé pela Ceramus – destinada a dar vazão à fumaça gerada por fornos *intermitentes* –, que foi precedida pela construção dos fornos detalhada em projeto de 1920,⁵⁵ e uma “plataforma de cimento armado”⁵⁶ para alimentação de um forno de aquecimento de quartzo. A instalação de escritórios e outras dependências, tais como arquivos, sala de espera, etc., aparece também uma única vez.⁵⁷

Uma rápida apreciação dos projetos que acompanhavam os requerimentos revela traços de uma preocupação constante com o encadeamento das atividades produtivas, razão pela qual se construíam os edifícios novos, em boa parte dos casos, contiguamente aos existentes. Talvez advenha daí o padrão adotado para o escoamento das águas pluviais, no qual a instalação das calhas, no mais das vezes, era feita no ponto de intersecção dos telhados, garantindo uma espécie de “fluxo” contínuo das ampliações. (figura 3)

⁵³ Ver adiante, no estudo dos edifícios da Porcelana Mauá, figs. 84 e 85, p. 113.

⁵⁴ Com o intuito de facilitar suas recorrentes citações, após uma primeira referência completa os processos serão identificados pela sigla da secretaria municipal, seguidos do arquivo responsável pela guarda e do número ou notação correspondente.

⁵⁵ Respectivamente: SÃO PAULO (Cidade), Secretaria Municipal de Gestão, Divisão de Arquivo Municipal de Processos (SMG-DAMP). Processo 24.387/1929. f. 1; e SÃO PAULO (Cidade). Secretaria Municipal de Cultura, Departamento de Patrimônio Histórico, Arquivo Municipal Washington Luis (SMC-AHMWL). Fundo P.M.S.P. Diretoria de Obras e Viação. Série Edificações Particulares. Doc. não numerado, Cx. H1/1920 (proc. 240.547).

⁵⁶ SÃO PAULO (Cidade) SMG-DAMP, Processo 22.718/1933.

⁵⁷ SÃO PAULO (Cidade) SMG-DAMP, Processo 16.604/1940. Companhia Paulista de Louças Ceramus.

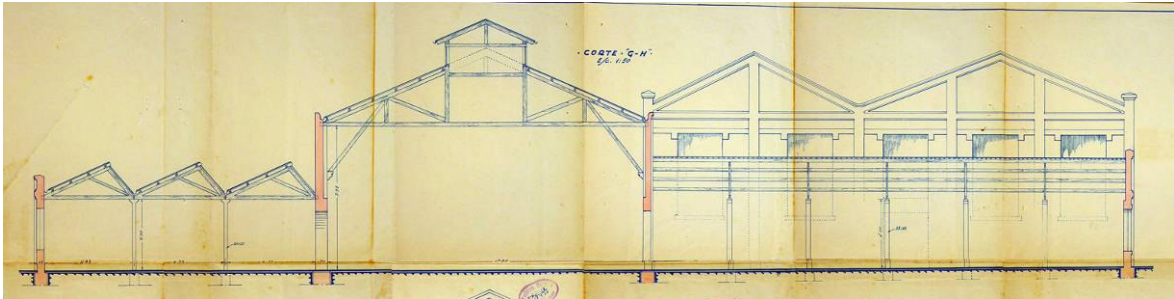
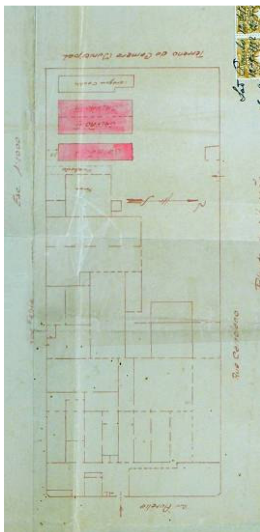
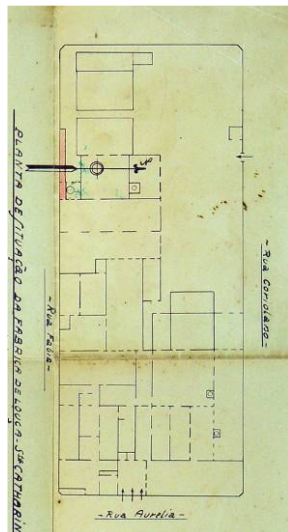


Fig. 3: Corte transversal “G-H”, integrante de projeto de ampliação da Fábrica Santa Catharina, 1934. As partes em vermelho correspondem aos pontos de intersecção entre os galpões existentes e a nova edificação. À esquerda, uma seqüência de módulos com telhados do tipo “dente de serra”, recorrente aos edifícios industriais, o qual favorece não somente a adição de novos módulos como também a instalação de sistemas de iluminação e ventilação. Fonte: SÃO PAULO (Cidade), SMG-DAMP, Processo 27.742.

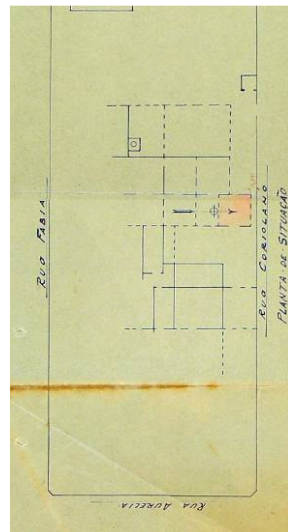
Este tipo de implantação também pode ser conferido através das “plantas de situação” nas quais, operando-se por sobreposição, ver-se-á a evolução do edifício e o sentido de orientação das ampliações (figuras 4 a 7), havendo casos de ocupação que privilegiavam as faixas lindeiras à rua, o que facilitava ao mesmo tempo o contato com o exterior e a produção de fachadas contínuas que abrangiam, às vezes, três ruas de um quarteirão.⁵⁸



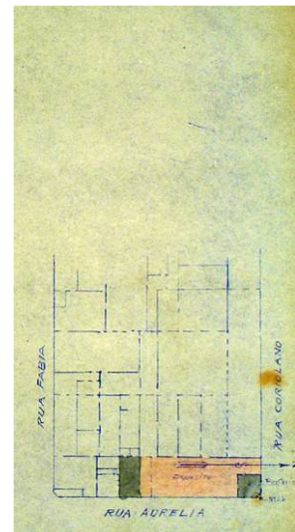
4



5



6



7

Figs. 4 a 7: Plantas de situação extraídas de processos da Fábrica Santa Catharina, na época pertencente às Indústrias Matarazzo. A seqüência permite ver a orientação de algumas fases de ampliação e reformas ocorridas nos anos 1932 (fig. 4), 1933 (fig. 5), 1934 (fig. 6) e 1939 (fig. 7). Fontes: SÃO PAULO (Cidade) SMG-DAMP. Processos 38.392/1932, 22.178/1933, 66.046/1934 e 31.742/1939.

Em relação às fachadas dos edifícios, o que se nota é a repetição de padrões formais já cristalizados, guardadas as exceções de projetos autorais, como no caso do engenheiro civil Francisco Verrone, cujos traços, dada a sua atuação nas Indústrias Matarazzo, podem ser percebidos não somente nos edifícios da Santa Catharina, em sua fase Matarazzo, mas

⁵⁸ Como no caso da Ceramus, cuja frente, inicialmente voltada para a Rua Herval, voltou-se já em 1919 para a Rua Eloi Cerqueira, e daí para a Rua Artur Mota. Cf. SÃO PAULO (Cidade) SMC-AHMWL, Doc. 51/ Cx. A7/ 1919. Processos 223. 650-A e Cx. H1.1920, processo 240.547-H.

também em construções no interior do Estado, a exemplo de um caso citado no sítio da Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto.⁵⁹

Os exemplos acima dão uma pequena mostra das informações encontradas nos projetos de construção e de outros documentos contidos nos processos levantados. Se da leitura dos memoriais podem surgir dados valiosos sobre as técnicas construtivas – tais como padrões de revestimento de pisos e paredes, o uso de tijolos em diferentes órgãos da construção, detalhes da cobertura, etc. –, nos desenhos de estruturas e cálculos diversos podem-se apreender detalhes sobre a introdução novos materiais, como o cimento armado.

Já o recurso às imagens, sobretudo fotográficas, traz demandas teóricas de outra natureza, cuja discussão deverá envolver um reconhecimento da ampla veiculação de imagens de indústrias, a qual não se constituiu em exclusividade das fábricas de louça. Poder-se-ia mesmo tomá-la como um pré-requisito às publicações de cunho celebrativo, comemorativo e institucional, ou ainda das obras de divulgação voltadas ao exterior.⁶⁰

Mais do que isso, a produção de fotografias e desenhos, tanto de ambientes externos quanto de internos, não ficou restrita aos exemplos citados. Parte significativa das imagens recolhidas provém de acervos de antigos operários, de técnicos e de familiares dos industriais, formando uma série documental bastante problemática na sua origem. Já o contexto de produção de imagens, sobretudo fotográficas, constitui-se em princípio basilar para o trato das mesmas como fonte histórica. Neste sentido, as questões relacionadas à autoria, finalidade e composição de séries (um álbum ou um rolo de filme, por exemplo), necessitam de tratamento teórico adequado, sem os quais toda e qualquer análise de documentação iconográfica ficaria comprometida.⁶¹

Na impossibilidade de esgotar tal assunto, o que certamente ultrapassaria os limites deste trabalho, apenas far-se-ão aqui os comentários necessários à apreciação destas fontes e seu emprego na recuperação de aspectos organizacionais da produção. Neste sentido, cabe uma distinção *por categorias* das imagens coletadas, com vistas à classificação das mesmas em função de *unidades de sentido* internas ao corpo documental.

⁵⁹ Ver “Detalhe da fachada do prédio da Sociedade Anônima Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo na Rua Saldanha Marinho esquina com Prudente de Moraes”. Fonte: Processo Administrativo. N. 27/1935 - ARHPR. Disponível em <<http://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/scultura/arqpublico/historia/i14algodoeira.htm>>. Acesso em 28/06/2006.

⁶⁰ Dos quais se destacam SOCIÉTÉ DE PUBLICITÉ SUD-AMÉRICAINÉ MONTE DOMEQ. *O Estado de São Paulo*. Barcelona: Estabelecimento Graphico Thomas, 1918; CALDEIRA, João Netto. *Album de São Bernardo*. São Paulo: Organização Cruzeiro do Sul; Betivegna & Netto, 1937, além da obra citada de PICCAROLO, Antonio; FINOCCHI, Lino, 1918.

⁶¹ Ver a respeito: BURKE, Peter. *op. cit.*, sobretudo p. 25-41.

Esta tarefa, no entanto, deve ser precedida pela análise e pelo detalhamento dos edifícios fabris a partir não apenas das imagens, mas também da documentação textual correspondente, buscando-se uma articulação entre os métodos de pesquisa e possíveis passos autônomos da massa documental, tema da **Parte II** do trabalho. Não obstante, há que se introduzir exemplos de interpretações dos atributos visuais identificados com o processo produtivo e com a constituição de uma *imagem* para algumas das fábricas pesquisadas.

Neste tipo de leitura, as características de desenho arquitetônico e de implantação afirmam-se pelo potencial informativo, sobretudo nos casos onde há relações entre a veiculação de imagens internas e/ou externas dos espaços destinados à produção e manifestações de identidade corporativa, de que é exemplo a recorrência do uso de desenhos das instalações fabris como ícone e/ou logomarca da fábrica. (figura 8)



Fig. 8: Um dos casos mais exemplares de associação entre a imagem de uma empresa e suas respectivas instalações industriais pode ser observado nesta placa publicitária produzida pela Porcelana Mauá, na qual se reproduz, a partir de um desenho, as portentosas edificações da fábrica. Fonte: Acervo do Museu Paulista/USP, RG 8367, foto de José Rosael.

No sentido de se obter informações sobre técnicas construtivas a partir das imagens, deve ser destacada, de antemão, a percepção dos edifícios fabris como estruturas robustas, de composição harmoniosa e aspecto visual intrinsecamente ligados ao uso da alvenaria de tijolos. Guardadas as devidas especificidades quanto aos materiais empregados – tijolos refratários, requemados ou comuns – fato é que tanto os fornos quanto os galpões eram construídos com esse material. Essa tendência talvez se explique pela proximidade das obras ao grande número de olarias e cerâmicas existentes, principalmente no bairro da Água Branca (capital), em São Caetano e em Mauá.

Nas fotografias internas e externas onde figuram as coberturas dos edifícios, revela-se uma característica recorrente à arquitetura industrial, ou seja, a instalação de lanternins e elementos fenestrados, visando melhorar as condições de trabalho com o aproveitamento da luz e ventilação naturais. Compostos como parte da estrutura dos telhados, a execução destes

sistemas demonstra o esmero característico dos trabalhos tradicionais de carpintaria, com largo emprego de tesouras em madeira, fixadas por peças de metal e por encaixes precisos.

Internamente às fábricas de louça, as fotografias localizadas retratam a alta especialização de alguns ambientes, destacando-se aqueles destinados ao processamento das matérias-primas, à formação das peças ou à secagem natural dos produtos. Não raro, estes últimos ocupavam uma grande área dos estabelecimentos e consistiam em espaços destacados nas publicações institucionais, juntamente com *salas de mostruário* (fig. 9), o que favorece a leitura desses ambientes enquanto indicativos da capacidade produtiva de uma determinada fábrica.⁶²



Fig. 9: Sala de Mostruário da Indústria de Louças Zappi S/A, 1954. Autor desconhecido. Instalação anexa ao complexo fabril, constituía-se em importante referência da qualidade dos produtos e do prestígio de uma fábrica, que nesta ocasião recebeu a visita do Governador de São Paulo, Lucas Nogueira Garcez (à direita). Fonte: Acervo do Colégio João XXIII, Círculo Operário de Vila Prudente.

Antes, porém, de se passar para o trabalho efetivo com as instalações fabris e a constituição histórica em busca de seus aspectos tipológicos e padrões de implantação, há que se mencionar as muitas vistas externas dos complexos produtivos. Além de informar sobre as dimensões e estilos arquitetônicos presentes nos estabelecimentos fabris, esta documentação permite comentários acerca da inserção das fábricas em locais diversos, bem como do impacto visual causado por suas instalações e o seu respectivo sítio, retrospectiva e contemporaneamente (no caso dos edifícios remanescentes).

Como exercícios teóricos, os exemplos aqui fornecidos podem favorecer a reflexão sobre as tipologias arquitetônicas das fábricas de louça e a aplicabilidade dos procedimentos

⁶² Nas descrições dos complexos fabris apresentadas, sobretudo, na **Parte II**, serão reproduzidas algumas destas fotografias as quais, mesmo referindo-se a estabelecimentos diversos, guardam características bem próximas, reforçando as impressões iniciais acerca de uma tipologia também para os espaços internos produzidos pela arquitetura industrial.

aqui esboçados a outros estudos temáticos, ou mesmo comparativos, visando à compreensão, com vistas à preservação, de parte significativa do patrimônio arquitetônico industrial.

Um contraponto a esta abordagem mais teórica poderá ser conferido a seguir, a partir do estudo de campo feito nas instalações da Porcelana Teixeira Ltda. (sucessora da Virgílio Teixeira & Irmão – Porcelana São Paulo Ltda.), que poderia ser definido como um caso de estudo “ideal”, ou seja, aquele capaz de fornecer pistas concretas (no sentido físico) para o encaminhamento das discussões propostas. Os edifícios da fábrica, localizada em São Caetano do Sul, encontram-se ainda hoje comprometidos com a fabricação de louças de pó-de-pedra, e apresentam-se como uma notável exceção no universo das fábricas pesquisadas.

Seu funcionamento ininterrupto por mais de seis décadas, pode ser tomado como uma das principais razões da preservação de boa parte dos seus edifícios, apesar das reformas ocorridas. Algumas destas instalações possuem características bastante interessantes para pesquisas no campo da arquitetura industrial, bem como dos aspectos organizacionais da indústria de louça e das técnicas construtivas tradicionais.

Por razões e circunstâncias históricas diversas, as edificações que abrigam atualmente a Porcelana Teixeira apresentam tipologias construtivas variadas, razão pela qual serão comentadas neste trabalho as fases de construção do complexo produtivo, com destaque para um conjunto de quatro galpões construídos por volta de 1932, período em que a fábrica de louças sequer existia.

Este conjunto – apesar de ter sido incorporado ao estabelecimento somente em 1952 –, revelou características mais afeitas histórica e cronologicamente ao recorte da pesquisa. Exemplos destas características, apreendidas em visitas, iconografia histórica e em depoimentos do atual proprietário, José das Neves Teixeira, são o foco do próximo tópico, o qual encerra a parte destinada às *diretrizes* para o estudo tipológico de edifícios industriais vinculados à produção de faianças e porcelanas na capital paulista e região.

3 Estudo de campo: Os edifícios da Porcelana Teixeira Ltda. em São Caetano do Sul

3.1 Apontamentos históricos

A produção de cerâmicas em São Caetano do Sul reporta-se à antiga tradição oleira, introduzida pelos monges beneditinos justamente na propriedade que consistira no núcleo inicial de povoamento daquela localidade.⁶³ Nas primeiras décadas do século XX – quando ainda pertencia ao município de São Bernardo – houve ali uma produção diversificada de artigos cerâmicos, que abrangia desde tijolos a material refratário, de telhas a revestimentos de diversos tipos.⁶⁴

Com o início da fabricação de louças de pó-de-pedra em 1929 (pela Fábrica de Louças Adelinas), esse distrito inseriu-se no roteiro das louças em São Paulo, que já contava, naquele ano, com quatro estabelecimentos na capital (Água Branca, Vila Prudente, Belenzinho e Lapa), e dois em Mauá. A afirmação do local enquanto produtor de porcelanas aconteceria somente na década de 1950, quando a produção sancaetanense suplantaria, em quantidade de estabelecimentos, a do distrito de Mauá, que vinha se consolidando neste setor desde meados da década de 1930.

Embora as condições para a implantação da indústria de louças fossem análogas ou até mais favoráveis do que as possuídas por Mauá – ferrovia, suprimento de matérias-primas, proximidade do mercado consumidor e forte concentração de imigrantes (principalmente italianos e portugueses) –, a primeira fábrica do gênero, a Fábrica de Louças Adelinas, veio a se instalar em São Caetano somente em 1929, sob o comando Manoel de Barros Loureiro, comerciante de origem lusitana radicado na capital paulista.

Após Loureiro, a iniciativa mais próxima no tocante à produção de materiais baseados nos componentes argila, caulim, quartzo de feldspato, foi a fundação da Argilex, empresa do ramo das pastilhas cerâmicas para revestimento. Esta empresa registrou na sua marca comercial, de 1937, a pretensão de produzir louças de mesa,⁶⁵ motivo pelo qual havia contratado, já nos inícios de suas atividades, os técnicos ceramistas Virgílio e José Teixeira.

⁶³ Estes e outros aspectos da atividade ceramista em São Caetano tornaram-se conhecidos a partir de escavações realizadas entre 1991-92 pela arqueóloga Margarida Davina Andreatta, no Bairro da Fundação (nome dado à região daquele núcleo colonial), a partir das quais se desenvolveram, entre outros, os estudos de Hildo Henry Maesima sobre a atividade oleira sancaetanense. Ver: ANDREATTA, Margarida Davina. *Pesquisa arqueológica histórica industrial: Bairro da Fundação, São Caetano do Sul*. 1997. Relatório apresentado à Diretoria do Museu Paulista/USP - Museu Paulista/USP, São Paulo; MAESIMA, Hildo Henry. *Tijolos do sítio Bairro da Fundação, São Caetano do Sul/ São Paulo*. 1997. 119 p. Dissertação (Mestrado) - FFLCH/USP, São Paulo.

⁶⁴ XAVIER, Sônia M. F. Arte, argila e cerâmica: raízes de nosso crescimento. In: *Raízes*. São Caetano do Sul, SP, ano 12, n.º 24, p. 23-27, dez. 2001.

⁶⁵ Cf. REVISTA DA PROPRIEDADE INDUSTRIAL, Rio de Janeiro: Departamento Nacional da Propriedade Industrial. 1933 - Diária. dez./1937, p. 23955.

Especialistas na fabricação de porcelanas de mesa, e formados na conceituada Manufatura de Porcelanas Vista Alegre,⁶⁶ os irmãos recém chegados de Portugal haviam trabalhado na modelagem e na seção industrial da fábrica Pedro II do Rio de Janeiro, onde travaram contato com outros importantes técnicos do ramo das cerâmicas. Um destes era Alberto dos Santos, responsável por desenvolver as ferramentas de fresagem para a seção de tornos. Já o francês Mr. Guy era especialista na construção de fornos *intermitentes*, como os que eram utilizados nas fábricas francesas de Limoges.⁶⁷

Esse acúmulo de experiências, aliado ao adiamento da produção de louças de mesa na Argilex acabou por estimular os Teixeira a montar, em 1939, sua própria indústria de porcelanas de mesa. Nessa época, ainda vinculados à fábrica de pastilhas, os dois trabalhavam em jornada dupla: durante o dia na Argilex e à noite na modelagem de peças, em um pequeno galpão construído para esse fim em um terreno próximo ao Rio dos Meninos. Mais tarde, com a construção do primeiro forno da fábrica, os irmãos resolveram dedicar-se integralmente ao seu negócio, mas não sem antes assumirem junto ao proprietário da Argilex um compromisso de prestação assistência técnica.

A escolha do terreno para a implantação do núcleo inicial de produção guarda estreitas relações com o fato de haver nas proximidades as matérias-primas e outros insumos necessários à produção (como água e mão-de-obra), característica que se constituiu, desde o início, em um dos pontos fortes da atividade cerâmica sancaetanense.

No caso da Porcelana São Paulo, as jazidas de caulim encontravam-se muito próximas à fábrica, na região do Sacomã (na divisa de São Paulo com São Caetano, a qual se faz por meio do citado Rio dos Meninos, conhecido por abastecer de água as várias indústrias cerâmicas localizadas naquela região).⁶⁸ A argila vinha de Mogi das Cruzes (na porção leste do Estado) e o feldspato, de Perus (a noroeste da capital), localidades servidas pelas estradas de ferro Central do Brasil e São Paulo Railway, respectivamente.

⁶⁶ A “Manufatura de Porcelanas Vista Alegre” foi fundada sob proteção real em 1824, em Aveiro, Portugal, e é uma das mais tradicionais empresas do ramo das louças. Outra característica da “Vista Alegre” era a formação, em escola que funcionava na própria fábrica, de técnicos especializados e artistas, os quais eram aproveitados ali mesmo ou então, como os Teixeira, traziam seus conhecimentos para outras partes do mundo. (Cf. CAMERON, Elisabeth. *Encyclopedia of pottery and porcelain*. New York/ Oxford: Facts on file publishing, 1986, p. 340; TEIXEIRA, J. N. – *José das Neves Teixeira: op.cit.* p. 1-4.)

⁶⁷ Cf. TEIXEIRA, J. N. – *José das Neves Teixeira. op. cit.*, p. 15, 34-35; PILEGGI, Aristides. *Cerâmica no Brasil e no mundo*. São Paulo: Martins, 1958, p. 147-148. O nome citado por Teixeira é “Body”, mas adotamos aqui o nome que corresponde à informação citada por Pileggi.

⁶⁸ Indústrias que vão desde as olarias históricas onde se produziram os tijolos para a construção da Igreja da Sé até a Cerâmica São Caetano, a maior do gênero na América Latina, além de outras fábricas de louça de mesa fundadas no período posterior ao nosso recorte cronológico, tais como a Porcelana Santa Maria (1943), Cerâmica Itabasil (1944) e Porcelana Monte Alegre (1945), entre outras. Cf. XAVIER, Sonia M. F. *op. cit.* p. 25-26; TEIXEIRA, J. N. – *José das Neves Teixeira. op. cit.*, p. 10-11.

Segundo depoimento de José das Neves Teixeira (filho de José e sobrinho de Virgílio Teixeira), o ano de 1940 foi considerado pelos proprietários como o ano de fundação da fábrica, isso porque no dia 24 de junho daquele ano foi tirada a primeira fornada de peças, de cuja venda dependiam os irmãos para o pagamento de compromissos relativos à construção do galpão e às despesas com os insumos para a produção. Como o resultado foi positivo, e até melhor que o esperado, os empreendedores puderam então pagar suas dívidas e continuar suas atividades.⁶⁹

No decorrer da década de 1940, a empresa denominada Virgílio Teixeira & Irmão – Porcelana São Paulo, fez ampliar seus negócios e suas instalações, apoiada pela mão-de-obra de cerca de 240 empregados, numa época em que já havia se afirmado como produtora de porcelanas de mesa, principalmente daquelas utilizadas em hotéis e restaurantes, ainda hoje a principal linha de artigos ali confeccionados.

Com a deflagração do Segundo Conflito Mundial, novamente se retraíram as importações, uma das razões pelas quais a fábrica dos irmãos Teixeira pôde se firmar no mercado nacional de porcelanas de mesa. Uma das vantagens dessa opção por porcelanas reforçadas foi o reconhecimento do potencial comercial desses artigos, tanto em nível local quanto nacional. Basta dizer que a Porcelana São Paulo, em poucos anos, passou a produzir para companhias de estradas de ferro como a Paulista e a Araraquarense, e ainda para hotéis, bares e restaurantes como o do Aeroporto de Congonhas (São Paulo).⁷⁰

O prestígio da empresa, bem como de seus fundadores, foi afirmado por sua participação em exposições como a IV Feira Nacional de Indústrias, de 1943, de onde saiu premiada com a distinção “medalha de ouro”. Na obra de Aristides Pileggi, onde se retifica a questão do “pioneirismo” na fabricação de porcelanas de mesa no Brasil – atribuída à Pedro II – fica patente a influência dos Teixeira na evolução do ramo, ao destacar-se a trajetória dos irmãos e suas atividades nas fábricas do Rio de Janeiro e de São Paulo.⁷¹

Nas décadas posteriores, no entanto, a Virgílio Teixeira & Irmão - Porcelana São Paulo contou com as dificuldades já verificadas em outras empresas do ramo. Sintomática da perda de poder aquisitivo de parcela de seus clientes, esta situação se expressou tanto na concorrência com outros materiais, como vidros e plásticos, como na opção pela fabricação, entre os anos de 1980 e 1990, de vasos e outros artigos em cerâmica, material de menor custo

⁶⁹ TEIXEIRA, J. N. – *José das Neves Teixeira. op. cit.*, p. 6-7.

⁷⁰ Conforme depoimento de José das Neves Teixeira, confirmado pela presença de objetos ligados a estas no acervo do Museu Paulista/USP.

⁷¹ PILEGGI, Aristides, *op. cit.*, p. 147.

e considerado inferior.⁷² A década de 1980 marcou também a mudança de razão social da mesma para “Porcelana Teixeira Ltda.”, que foi motivada por um acordo entre José das Neves Teixeira e seus primos, após a morte de Virgílio Teixeira. Isso motivou, ainda, a partilha dos bens da empresa, o que resultou no desmembramento de parte dos imóveis da fábrica, ficando esta sob o controle do primeiro.

Tendo chegado ao Brasil em 1947, José das Neves também deve parte do seu aprendizado à Vista Alegre, onde desenvolveu suas habilidades de pintor-decorador. Em São Caetano, foi incentivado pelo pai e pelo tio a dominar cada uma das etapas de produção – da modelagem às queimas; da decoração por filetes à técnica do decalque – com essa prática, acreditavam, o herdeiro far-se-ia respeitar entre os empregados, demonstrando-lhes as falhas no serviço quando porventura isso fosse necessário.⁷³

E é sob seu comando, com um quadro de pouco mais de oitenta funcionários, que encontramos hoje a Porcelana Teixeira. Do núcleo inicial, foi preservado o primeiro forno, transformado em uma espécie de *memorial* da fábrica. Há ainda uma seqüência de quatro galpões os quais, mesmo tendo sido incorporados tardiamente ao conjunto, possuem características tipológicas interessantes ao recorte deste trabalho.

Além dos desmembramentos comentados anteriormente, ocorreram reformas que descaracterizaram o conjunto tanto interna quanto externamente. Poucas alterações ocorreram no tocante à produção dos artigos, entre as quais vale mencionar a mudança no sistema de queima das peças que, atualmente, é feita em fornos a gás, menos poluentes. Já não se pode dizer o mesmo em relação à paisagem urbana de seu entorno. A ocupação da região do Sacomã tornou impraticável a extração de caulim nas vizinhanças, fazendo com que as matérias primas – que hoje vêm pré-beneficiadas (moídas) e ensacadas – sejam buscadas em outros estados, como o feldspato e caulim provenientes ou de Minas Gerais, ou do Rio Grande do Norte.

3.2 Cronologia das instalações fabris

A análise do conjunto fabril da Porcelana Teixeira teve como principal obstáculo o reduzido volume de dados oficiais sobre a construção e/ou reformas de seus edifícios. Não obstante, buscou-se superar tal carência utilizando-se fontes diversas, obtidas paralelamente às observações feitas em campo. Assim, tanto a iconografia histórica quanto aquela produzida

⁷² Cf. XAVIER, Sonia M. F. *op. cit.*, p. 26; KENDE, Pedro. Dossiê: Argila e cerâmica na história de São Caetano. In: *Raízes*. São Caetano do Sul, SP, ano XII, n.º 24, p. 5-22, dez./2001, p. 10.

⁷³ TEIXEIRA, J. N. – *José das Neves Teixeira. op. cit.*, p. 14-15.

in loco, que constituem o principal corpo documental para a tarefa pretendida, serão cotejadas com outras informações sobre a implantação, programa e técnicas construtivas captadas, sobretudo, na citada entrevista com o proprietário.

A análise do material obtido deverá privilegiar duas frentes. Na primeira delas, será feito um mapeamento dos edifícios e/ou de suas fases construtivas, destacando-se, quando possível, as relações entre as ampliações e o encadeamento das atividades produtivas. Um segundo caminho propõe o tratamento da documentação reunida pelo viés das técnicas construtivas e das diferentes tipologias dos galpões industriais que compõem o conjunto da Porcelana Teixeira Ltda..

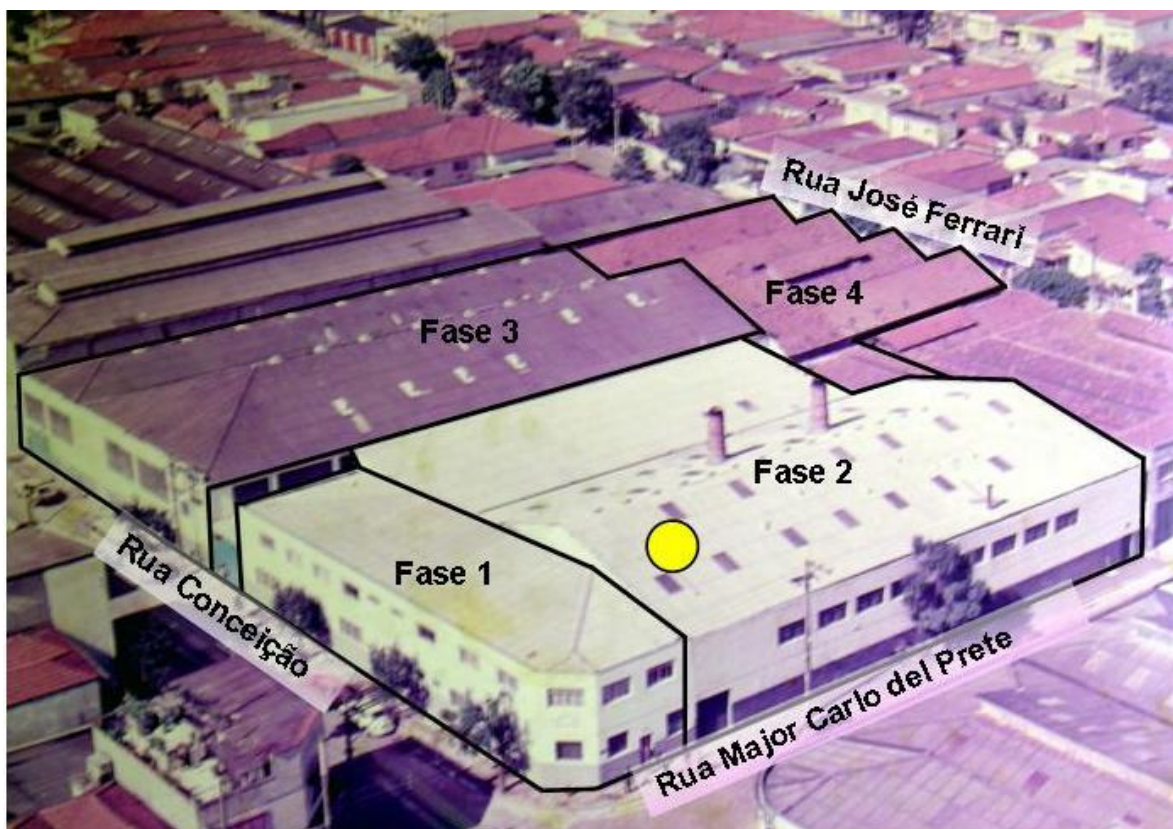


Fig. 10: Edifícios da Porcelana Teixeira Ltda., São Caetano do Sul-SP, em meados da década de 1980. Fachadas voltadas para as Ruas Conceição, Major Carlo del Prete e José Ferrari. **Fase 1:** Área correspondente ao núcleo inicial, que foi substituído por um novo edifício de dois pavimentos hoje ocupado pela parte administrativa e pelo *show room* da fábrica; **Fase 2:** Com o telhado reformado, formou-se um grande galpão a partir do conjunto construído na primeira ampliação da fábrica, provavelmente ocorrida no início da década de 1940, e cuja tipologia poderá ser verificada na [figura 13](#). O ponto assinalado demarca a localização do “forno memorial”, já desativado nesta época; a **Fase 3** corresponde à construção de 1948, e foi facilitada pelo apoio que os irmãos Teixeira receberam de seus antigos patrões; a **Fase 4** engloba os galpões incorporados em 1952, cuja tipologia teria inspirado as edificações da fase 2. Engloba também uma cobertura encarregada de promover a ligação entre as fases 2, 3 e 4, cujas características são típicas de uma estrutura de transição. Reprodução do original, exposto na sede da empresa. (2005)

A figura 10 apresenta a seqüência de construção e/ou incorporação dos edifícios pertencentes à Teixeira no contexto da década de 1980, antes da partilha dos bens entre os

filhos de José e Virgílio Teixeira. Independentemente das datas de *construção* das edificações, optou-se, neste trabalho, pela utilização do termo “fase”, seguido da numeração correspondente à incorporação dos mesmos à fábrica. Do conjunto apresentado na fotografia, foram desmembrados somente os edifícios da **fase 3**, ocupados atualmente por uma empresa do ramo de vidros especiais.

A seqüência acima foi proposta com base na documentação discriminada anteriormente, coletada entre os acervos da própria fábrica, da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul e pesquisa de processos referentes à inscrição do imóvel na Prefeitura Municipal. Concentrada de certa forma no trato das fontes não escritas, esta reconstituição das fases construtivas basear-se-á mais em aspectos visuais do que em projetos ou memoriais descritivos. Embora muito desejáveis, a única referência a este tipo de material está associada com a reforma da cobertura do segundo núcleo de produção, cujo processo foi aberto na Prefeitura Municipal em 1986, sob o n.º 6078.

Em consulta ao processo, devidamente autorizada pelo proprietário, constatou-se a presença de documentos mais afeitos à divisão da propriedade entre José da Neves Teixeira e seus primos do que à reforma propriamente dita. A única planta constante do volume corresponde a outro compartimento, identificado com a **fase 3**, e refere-se a uma ampliação das instalações ocorrida em finais da década de 1940, data atribuída em função de um carimbo do “Departamento de Saúde do Estado-Divisão de Serviço do Interior – 17/mar/1948”, encontrado na peça gráfica.

Apesar de ter sua leitura prejudicada pela má qualidade da cópia obtida, este documento auxilia a compreensão do sentido das ampliações e informa sobre as dimensões e compartimentos existentes nas fases anteriores (**1 e 2**) e até mesmo sobre a localização das instalações sanitárias, às quais se fará referência oportunamente.

Antes, porém, de se passar para as considerações históricas a respeito das fases e sua seqüência, faz-se necessária uma última observação a respeito da tipologia de fachada proposta no projeto.⁷⁴ De formas retilíneas e um tanto simplificadas, esta se encontra visível atualmente naqueles edifícios, além remeter aos padrões verificados tanto em edifícios vizinhos quanto em fotografia de 1976, na qual figuram o núcleo inicial e a segunda fase. (figs. 11, 12 e 13)

⁷⁴ Os comentários são pertinentes no sentido de indicar discussões futuras a respeito das diferentes tipologias de fachadas encontradas na documentação referente a outras fábricas, sobretudo por se tratarem estas de construções das décadas de 1910 a 1930, diferentemente do caso aqui apresentado, estilisticamente mais vinculado à década de 1940.



Fig. 11: Fachada de edifício da **fase 3** (Rua Conceição), atualmente ocupado por empresa de têmpera de vidros. Note-se o uso de platibanda como meio de esconder o telhado, cujo desenho remete ao projeto original, de 1948. Foto do autor. (2006).



Fig. 12: Edifício vizinho da fábrica, contíguo à fachada da Rua Major Carlo del Prete, no qual se verifica configuração análoga. Foto do autor. (2006).

O núcleo inicial da fábrica, (**fase 1**, de 1939) foi demolido em 1982 para a construção de nova edificação. Consistia num galpão com cerca de 100 m² (20 metros de comprimento por 5 metros de largura, provavelmente), no qual se desenvolviam as etapas de *concepção*, *formação* e *acabamento* das peças. Em vista destas reduzidas dimensões, que não comportavam a instalação de um forno, esse foi construído na parte externa, em terreno que abrigaria os edifícios da **fase 2**. Pelo mesmo motivo, o beneficiamento das matérias-primas era terceirizado, ficando a cargo da Moagem de Pedras São Caetano, empresa vizinha situada na Rua José Ferrari.

Informações sobre a construção do primeiro forno da fábrica remetem à questão dos *saberes itinerantes*⁷⁵ envolvidos tanto no processo de industrialização como nas construções que dão suporte a este:

⁷⁵ O termo *saberes itinerantes* é utilizado pela historiadora Anicleide Zequini para referir-se à participação de técnicos, profissionais liberais e mesmo operários que, portadores de conhecimentos específicos de suas áreas de atuação, eram contratados ou prestavam assessoria em diversas empresas, contribuindo para a disseminação de

Então este Doutor Body, que gostava muito deles [dos irmãos Teixeira], deu-lhe as plantas dos fornos de Limoges. Tinha para três metros de diâmetro, tinha para cinco e seis metros. E ele deu todas essas plantas. Depois eles fizeram o primeiro, com um pedreiro, um espanhol, o senhor José Bartolo, que era espanhol, e ele: “Não, faça assim, pois...” – porque o problema era fechar a abóbada não é? – Que os caipiras daqui já faziam muito bem, na roça, por aí, para assar pão, e não cai. E eles não tinham, mas: “Espera lá, a gente vai fazer igual”. E fizeram os fornos e isso passou a ser chamado de “Fornos franceses ou intermitentes”.⁷⁶

A apreensão de detalhes dessa ordem, muitas vezes perdidos em função da rápida evolução tecnológica, e da conseqüente substituição de equipamentos e reformas das instalações fabris, revelam um lado ainda pouco contemplado nos estudos sobre a construção civil no Brasil, ainda um tanto balizados pela ação de engenheiros e técnicos mais renomados, talvez pela dificuldade em se conseguir informações sobre a atuação de pedreiros, carpinteiros e outros profissionais do canteiro de obras.

A localização deste primeiro forno (assinalada na figura 10), que foi preservado em meio aos novos fornos e galpões da fábrica, informa claramente sobre os limites daquela primeira edificação, ao passo que aponta o sentido da primeira ampliação das instalações, que também pode ser notada na fotografia abaixo:



Fig. 13: Fachada da Porcelana São Paulo, em 1976. No primeiro plano o núcleo inicial, seguido dos galpões e aspectos da cobertura da **fase 2**. Note-se a orientação dos edifícios, perpendiculares à Rua Major Carlo del Prete, e as chaminés aparentes, que correspondem aos cinco fornos em funcionamento na época. Esta localização sugere, ainda, a concentração das etapas de queima neste setor da fábrica. Autor desconhecido. Acervo da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul.

A construção desses quatro novos galpões (**fase 2**) guarda também suas particularidades históricas e culturais, expressas no fato ter sido a sua tipologia inspirada nos galpões construídos em meados da década de 1930 pela supracitada a Moagem de Pedras São

novas tecnologias, materiais e equipamentos, que muitas vezes necessitavam ser adaptados à realidade de cada local e aos recursos – materiais e humanos – disponíveis. Cf. ZEQUINI, Anicleide. “O saber itinerante na construção do patrimônio industrial” in: *Diário Oficial do Estado de São Paulo* – Suplemento comemorativo dos 449 anos da cidade de São Paulo, p. 3.

⁷⁶ TEIXEIRA, J. N. – *José das Neves Teixeira. op. cit.*, p. 15. O Doutor Body foi um técnico ceramista, especialista na queima dos produtos, que atuou com Virgílio e José Teixeira na fábrica Pedro II.

Caetano.⁷⁷ Como se verá adiante (figura 21), uma apreciação mais atenta da iconografia e da planta correspondente à **fase 3** indicam que havia diferenças entre estas edificações, se não em relação à estrutura, dimensões e à cobertura, pelo menos no que se referia à tipologia de suas fachadas.

Empregando a alvenaria de tijolos portantes e telhados de quatro águas com lanternins fenestrados nos galpões centrais, as novas instalações da Porcelana São Paulo abrigavam as atividades de modelagem e queima das peças. Com a adição, a área total da fábrica alcançara pouco mais de mil metros quadrados, repetindo-se uma mesma fórmula de 20 metros de comprimento por 10 de largura, além do núcleo inicial, de 5 metros de largura (medidas aproximadas).⁷⁸

As ampliações, contudo, não cessaram neste ponto. Há registros de que tenham ocorrido em pelo menos mais duas fases: uma delas (a de 1948) motivada pela amizade entre os proprietários e os antigos donos da Argilex que à época, atuantes no ramo da construção civil, resolveram facilitar a edificação de um novo galpão da Virgílio Teixeira & Irmão (**fase 3**) em retribuição ao período em que os irmãos prestaram assessoria gratuita na fábrica de pastilhas.⁷⁹ Na planta mencionada anteriormente, é possível conferir a posição desta edificação de 46,5 metros de comprimento por 10 de largura (465 m²), a qual teve sua frente voltada para a Rua Conceição, faceando pela lateral os fundos do conjunto composto pelas **fases 1 e 2**.

Ainda nesta planta, verifica-se a localização das instalações sanitárias, com cerca de 28 m², divididos nos compartimentos para lavatórios e nos banheiros para homens e para mulheres. Seu posicionamento, nos fundos do “salão”, assim como as aberturas previstas no projeto, previa o acesso tanto pela edificação nova quanto pelas existentes.⁸⁰

A outra fase de ampliação (**fase 4**), no entanto, exigiu obras de natureza diversa, ou seja, consistiram em proporcionar a ligação entre as instalações existentes e os quatro galpões recentemente adquiridos à Moagem de Pedras São Caetano (por volta de 1952), quando da transferência desta empresa para o Alto da Serra, atual município de Suzano.⁸¹ Segundo o

⁷⁷ Informação cedida pelo proprietário na ocasião da visita técnica.

⁷⁸ Convém uma comparação entre as medidas fornecidas pelo proprietário (núcleo inicial 5x20 m, e demais galpões de 10x20 m) e aquelas verificadas na planta localizada, na qual a área construída antes da ampliação de 1948 era de 1069 m², medindo 46,5 de largura por 23 m de comprimento. Cf. PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL. Diretoria de Urbanismo, Obras e Habitação. Processo n.º 6078/86, f. 10 (planta).

⁷⁹ TEIXEIRA, J. N. – *José das Neves Teixeira*. op. cit., p. 5.

⁸⁰ PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL. Diretoria de Urbanismo, Obras e Habitação. Processo n.º 6078/86, f. 10 (planta).

⁸¹ Informação obtida em encaminhamento apresentado à Câmara Municipal de São Caetano, objetivando homenagear o ex-vereador José Rodrigues, sobrinho do proprietário da empresa, o Sr. Alfredo Rodrigues.

atual proprietário, nesta ocasião foram negociados também os equipamentos para a moagem do quartzo e do feldspato, então incorporados ao maquinário da fábrica.

Após este período de sucessivas ampliações, os edifícios voltariam a sofrer intervenções somente na década de 1980, com a reforma dos telhados e, posteriormente, por reduções dimensionais motivadas tanto pela desativação de setores – proveniente da crise geral na produção de louças em São Paulo –, quanto da partilha dos imóveis entre os herdeiros de Virgílio e José Teixeira.

3.3 Considerações sobre as técnicas construtivas

Característica da maioria dos edifícios destinados à fabricação de louças de pó-de-pedra, a alvenaria de tijolos portantes prevalece no conjunto que abriga a atual Porcelana Teixeira Ltda.. A iconografia revela diferentes momentos de sua aplicação, como já foi observado no “breve histórico” dos galpões. O aparelho utilizado apresenta-se pouco preciso, sendo constantes as referências ao sistema inglês, na sua variante, conhecida como “trincado”, ou aos panos de uma vez de tijolo.⁸² (figs. 14 e 15)



Fig. 14: Exemplo do emprego do sistema inglês, em sua variação alentejana, o “trincado”, que remonta às origens lusitanas. Este padrão figura em outros pontos das edificações analisadas e em uma fotografia da **fase 2** datada de 1954 (fig. 17). Foto do autor (2005).



Fig. 15: Parede de uma vez de tijolo, captada em um dos galpões do conjunto de 1932 (**fase 4**). Foto do autor (2005).

⁸² Cf. SEGURADO, João Emilio dos Santos. *Alvenaria e Cantaria*. Lisboa: Bertrand, 19-?, p. 74-76.

Os pilares de sustentação, também em tijolos, apresentam-se ressaltados em relação às paredes de vedação, e os há em espaçamento variável. Já aqueles que são responsáveis pela ligação entre os galpões, dando sustentação ao sistema de coleta de águas pluviais e à estrutura da cobertura, distam 3 metros uns dos outros. Revestidos, estes pilares contam com 37x37 cm.

Este tipo de alvenaria, contudo, não caracteriza mais a totalidade dos edifícios. Salvos enganos na leitura das imagens, os galpões das **fases 1 e 2**, totalmente reformados no âmbito da década de 1980, perderam estas características em função da substituição da cobertura, agora com estrutura metálica, o que tornou desnecessários os pilares internos. Nesses galpões, as paredes de vedação foram revestidas com argamassa, mas uma abertura recente, ocasionada pela substituição de um forno, permite visualizar uma pequena parte de sua composição. (fig. 16)



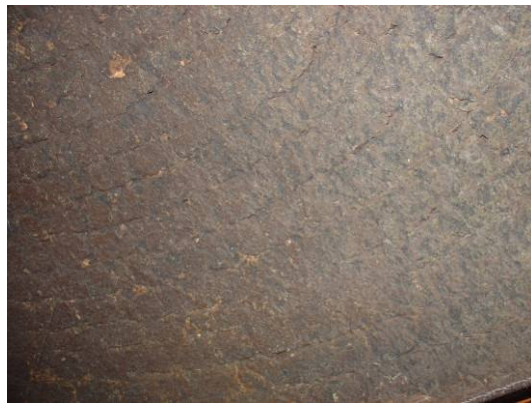
Fig 16: Remoção de forno a gás. Esta abertura, motivada pela remoção de um dos fornos da fábrica, revela a alvenaria de tijolos encoberta pelo reboco. O fechamento do vão, como se pode perceber, é feito displicentemente com o uso de técnicas contemporâneas, empregando blocos de concreto – por sinal, de largura inferior à da parede original – e argamassa de areia, cal e cimento. Foto do autor (2005).



Fig. 17: Ambiente interno da **fase 2**, durante visita do embaixador português no Brasil (1954). Note-se, ao fundo, a alvenaria baseada no sistema inglês, bem como detalhes de sua estrutura portante. Pertencente ao acervo da fábrica, esta foto encontra-se no “museu” organizado na parte interna do primeiro forno, que apesar de desativado encontra-se preservado (figs. 18 e 19).

Outro detalhe importante em relação às alvenarias diz respeito à construção dos fornos. Conforme trecho transcrito acima, os modelos destes remetiam diretamente a padrões estrangeiros (sobretudo franceses e ingleses). Contudo, muito de sua perfeita execução dependia da qualidade dos materiais empregados e da habilidade dos executores que, no mais das vezes, eram os pedreiros locais. Sobre o primeiro aspecto, São Caetano possuía, já há muito, estabelecimentos cerâmicos plenamente qualificados para a confecção fosse dos tijolos comuns, fosse dos refratários.

Sobre os pedreiros, pouco se pode afirmar além das habilidades dos “caipiras” reconhecidas pelo espanhol encarregado da execução do primeiro forno da fábrica. Neste sentido, vale uma análise comparativa das imagens obtidas, com especial atenção aos detalhes da construção e tipologias dos mesmos. (figs. 18, 19 e 20)



Figs. 18 e 19: Forno “Memorial” e seu interior. O fechamento da abóbada, levemente curvado, difere do executado posteriormente em outro forno (fig. 20), no qual a conicidade é mais acentuada. O detalhe indica o uso de refratários na construção dos fornos. Sua superfície, sinterizada pela ação do calor, guarda ainda informações sobre o assentamento destes materiais. Fotos do autor (2005).



Fig. 20: Este forno, fotografado em 1954, apresenta dimensões e execução diferenciadas em relação ao anterior, não somente por apresentar uma abóbada de conicidade mais acentuada do que a daquele, mas também pela ausência das saídas superiores (respiros). Outro detalhe interessante desta fotografia é a presença dos refratários utilizados como lastros nas queimas e para recomposição da parte interna. Acervo da Porcelana Teixeira.

Se por um lado o fato de a fábrica encontrar-se ainda em funcionamento facilitou a preservação de seus edifícios e o acesso aos mesmos, o mesmo não se pode dizer em relação à apreensão dos detalhes de sua construção – tais como distâncias entre os pilares, os pés-direitos e aspectos das alvenarias revestidas – limitada aos pontos não escondidos pelo maquinário ou pelas outras estruturas de produção, ou ainda àqueles ambientes onde a atividade fabril não fosse prejudicada com a presença de estranhos.

Ainda referentemente às alvenarias, embora não tenha sido possível explorar em maiores detalhes a parte externa dos edifícios, cabe aqui um comentário sobre as fachadas dos galpões cuja frente se volta para a Rua José Ferrari, nos fundos da fábrica. Como já foi visto, apesar de se tratar de uma construção do início da década de 1930, esta parte das instalações fabris foi incorporada à Teixeira somente na década de 1950. Comparadas à tipologia observada nas outras fachadas (Ruas Conceição e Major Carlo del Prete), verificam-se diferenças indicativas, sobretudo, das relações entre as fachadas e os telhados das edificações. Mais do que isso, sugerem uma discussão dos padrões construtivos da arquitetura industrial e suas mudanças no decorrer da primeira metade do século XX.



Fig. 21: Detalhe de parte externa do conjunto fabril (Rua José Ferrari) Revestido por argamassa, apresenta formas apreensíveis em outros edifícios construídos na década de 1930, nos quais o desenho dos telhados influenciava a aparência externa. Nesta fachada, percebe-se o coroamento nos arremates dos pilares de ligação, e um emolduramento que pode significar o fechamento de vão ou o deslocamento de caixilho. Foto do autor (2005).

Traço dos mais marcantes da arquitetura industrial, a construção dos telhados também foi objeto de atenção na visita realizada à Porcelana Teixeira. Os perfis e estruturas captados revelam uma preocupação permanente com a economia do local, a fim de se favorecerem a iluminação e ventilação natural com o emprego de fenestrados, lanternins, e elementos transparentes. Exemplos tradicionais e contemporâneos dessa tendência serão comentados a seguir.

Uma informação surgida lateralmente em conversa com o proprietário, sugere que uma das vantagens do sistema de galpões paralelos, largamente utilizado nas edificações industriais, seja a de permitir que se adicionem novas unidades sempre que isso se torne necessário. Neste sentido, a ligação entre as unidades promovida por pilares de sustentação

aos quais são acoplados os coletores de águas pluviais, revela mais do que uma solução de cobertura, apontando para a flexibilização das dimensões da edificação.⁸³(fig. 22)



Fig. 22: Detalhe da junção entre galpões. Em primeiro plano, estão os pilares que sustentam as tesouras e as duas terças paralelas, nas quais se apóiam os caibros da cobertura em telhas do tipo “Marselha”. Essa cobertura denota o uso intermitente de elementos transparentes, visando ao aproveitamento da luz natural. Na parte superior, situado entre as terças, têm-se o coletor propriamente dito, e logo abaixo desta, a entrada de luz amplamente favorecida pela fenestração. Foto do autor (2005)

Como se pode perceber pela fotografia, os galpões que compõem este conjunto concentram as seções de modelagem e secagem das peças, motivo pelo qual não somente a iluminação, mas também a ventilação deve ser favorecida. O uso do lanternim, com suas venezianas e fenestrados, cumpre bem essa função. Além disso, a apreensão dos detalhes sobre os materiais e execução dos mesmos contém informações valiosas sobre as técnicas tradicionais de carpintaria.



Fig. 23: Detalhe da veneziana. Localizada nos fechamentos de frente e fundo do lanternim. Foto do autor (2005).

Apreciando-se a montagem das tesouras, percebem-se as qualidades formais e de execução das coberturas da fábrica – sobretudo dos galpões mais antigos. A aplicação de sambladuras, ferragens e estruturas variadas, de execução impecável, denota as habilidades e conhecimentos técnicos dos carpinteiros responsáveis pela obra, ao passo que informa sobre padrões não mais encontrados nas construções contemporâneas, seja pela escassez de

⁸³ Casos análogos, perceptíveis nos projetos de construção localizados, foram comentados anteriormente, nas “Considerações preliminares sobre o *corpus* documental”, p. 29 *et. seq.*.

materiais e de mão-de-obra qualificada, sejam pelas novas necessidades de partido e de projeto. As figuras 24 e 25 apresentam detalhes de uma das asnas ali encontradas:



Fig. 24: Detalhe de asna com lanternim, específica para oficinas. Foto do autor (2005).

As imagens denotam, além de uma execução sofisticada, a pouca deterioração do material, como se pode perceber pela veneziana que teve apenas uma de suas peças desprendidas da estrutura, apesar de suas quase sete décadas de existência. Na figura 24, o que se verifica é o modelo de asna de uso recorrente nas edificações industriais, o qual compõe-se de escoras diagonais e verticais responsáveis pela sustentação das terças e da sua própria estrutura, embora não apresentem os perdurais laterais em MM, característicos deste tipo de elemento. Destaque para o uso de sambladuras e elementos em ferro (estribos), como reforço dos encaixes, verificado também na figura 25.⁸⁴



Fig. 25: Ligação feita através de ranhuras compatíveis do tipo “dardo de Júpiter”, reforçada por chapa de ferro e parafusos de cabeça redonda com porcas. Cf. SEGURADO, João Emilio dos Santos. *op. cit.*, p. 79, 210-11. Foto do autor (2005).

Nos galpões reformados, a troca das coberturas contestou uma informação anterior, a qual se referia à nocividade dos elementos metálicos que, quando aplicados à cobertura, poderiam contaminar as massas da porcelana, exigindo parcimônia em seu uso. Após reforma de 1986, a substituição do telhado da **fase 2** utilizou largamente este material. (fig. 26)

⁸⁴ Cf. SEGURADO, João Emilio dos Santos. *Trabalhos de Carpintaria Civil*. Lisboa. Bertrand, 19-?, p. 79, 206-07, 210-11.



Fig. 26: Detalhe do galpão da fase 2, após a reforma de 1986. Nesta ocasião foi utilizada a cobertura em telhas de fibrocimento sobre estrutura metálica. Os elementos transparentes, no entanto, foram aplicados como forma de favorecer a iluminação natural. Outro detalhe é a sustentação destas estruturas por colunas também metálicas, de perfis em treliça, dispensando os históricos pilares em alvenaria de tijolos. Foto do autor (2005).

Assim como para o caso das alvenarias, outros aspectos das coberturas, com destaque para uma fase de transição entre os galpões da **fase 2** e aqueles adquiridos em 1952 (**fase 3**), necessitariam de novas visitas e um levantamento mais apurado, a fim de registrar suas características formais e de execução. Contudo, ao constatarem-se as muitas carências informativas relativas a este caso de estudo, novas questões podem ser formuladas, tanto no que se refere ao limites da *análise retrospectiva* quanto aos trabalhos de campo realizados sem uma aproximação prévia ao objeto da pesquisa.

A maioria das fábricas paulistas do ramo, já desaparecidas, apresentava qualidades formais e de projeto dificilmente captáveis simplesmente através da iconografia reunida na pesquisa. Neste sentido, este estudo de caso correspondeu a uma primeira tentativa de aproximação entre os conhecimentos já adquiridos sobre a produção de louças e pó-de-pedra e uma análise dos edifícios a esta destinados.

As instalações da Porcelana Teixeira Ltda. certamente contribuem para preencher algumas lacunas informativas, mas este primeiro exercício revelou que a presença física do objeto, ainda que forneça dados preciosos, pode também omitir momentos interessantes da história das construções, motivo pelo qual se acredita que uma metodologia correta de trabalho deva contemplar, sempre que possível, a multiplicidade das fontes disponíveis.

E é justamente com base nesta multiplicidade de fontes – embora descontínuas –, que se pode propor o tratamento analítico e comparativo de exemplares da arquitetura industrial tão dispersos espacial e temporalmente. Embora os problemas aqui apresentados não se restrinjam aos exemplares da indústria de louças, o trato com o material relativo às fábricas do ramo pode auxiliar no encaminhamento de questões mais abrangentes envolvidas nos estudos do patrimônio arquitetônico, das técnicas construtivas tradicionais e das relações entre a produção e o espaço industrial, tão fundamental para a produção de conhecimentos na área.

Parte II - Casos para *análise retrospectiva*:
Fábricas de louça localizadas em Mauá, São Caetano do Sul e São Paulo

1 Fábrica Santa Catharina (Água Branca, 1913-193?)

1.1 Das origens à configuração do núcleo fabril

Com o surgimento da Fábrica Santa Catharina, em 1913, iniciou-se no Brasil a produção em escala industrial de louças de pó-de-pedra para uso doméstico. Embora a atividade ceramista não fosse mais uma novidade na cidade de São Paulo e no bairro de Água Branca, os diferenciais técnicos e estéticos daquela produção – assim como o *status* representado pelo consumo das louças brancas, importadas até então –, fizeram das instalações da fábrica pioneira um modelo quase que obrigatório a empreendimentos posteriores no setor, levados a cabo tanto por seus futuros concorrentes quanto pelo próprio industrial por ela responsável, em outro contexto.

Justamente por não possuir o Brasil um modelo a ser seguido, Romeo Ranzini, idealizador e sócio da Santa Catharina, realizou visita técnica à Europa com a finalidade de obter conhecimentos, contratar operários especializados e negociar o equipamento necessário ao empreendimento. Antes, porém, o local para a construção já havia sido escolhido:

Terreno com 36.000 m²,¹⁶⁹ com frente para a Rua Aurélia e limitado pela Rua Coriolano, Rua Fábila e nos fundos pela Rua Catão, na Vila Romana, no Bairro da Lapa. A construção dos primeiros pavilhões, iniciada em 1912, foi concluída nos fins desse ano. O Projeto foi fornecido pela firma August Reissmann, fabricante do maquinário que Ranzini adquiriu por ocasião da viagem à Itália.¹⁷⁰

Dados sobre a empresa fornecedora do projeto, assim como maiores detalhes do mesmo, são desconhecidos em função da ausência de documentos sobre as obras realizadas neste período. Todavia, é interessante notar que equipamentos e projeto, de procedência alemã, chegaram ao Brasil por intermédio de uma firma italiana, Vittorio Burco & Cia., estabelecida em Milão. A aproximação de Ranzini com aquelas duas nações, de larga tradição na produção de louças brancas, denota mais uma vez a atuação de empresas e técnicos estrangeiros na implementação de diversos ramos industriais em São Paulo e, neste caso, o reflexo de tal interação na própria conformação física das instalações fabris.

¹⁶⁹ Grifo nosso. É muito provável que esta informação seja tributária de um documento de data desconhecida, escrito de próprio punho por Romeo Ranzini. No entanto, tais dimensões não coincidem com a área de 28.000 m² mencionada em outra publicação, cuja cópia foi cedida por pessoas da família Ranzini ao Museu Paulista/USP, juntamente com o referido documento. Se apreciadas conjuntamente com informações contidas em plantas da década de 1930, a menor delas parece ser a correta. Ver: RANZINI, Romeo. *Questionário*. In: COLEÇÃO RANZINI, Acervo do Museu Paulista/USP.

¹⁷⁰ VICENTE DE AZEVEDO, Francisco de Salles. *op. cit.*, p. 30.

No tocante às obras iniciadas em 1912, merece destaque a experiência familiar dos Ranzini no ramo das construções civis. Sisto Ranzini, pai de Romeo, figura como empreiteiro responsável por um projeto de ampliação datado de julho de 1916.¹⁷¹ Em anúncio publicado em 1889, o mesmo se auto intitulava “um afamado empreiteiro e construtor de obras”, o qual se oferecia para a execução de “fornos a fogo continuado”, destinados à produção de “tijolos, telhas, vasos e *utensils* de terra, vidro, etc.”, [podendo ser] “mantidos com combustível em lenha só ou carvão só” (...) “não tendo rival” [em se tratando deste tipo de serviço].¹⁷²

Já nos primeiros anos de seu funcionamento, “de acordo com o desenvolvimento da fábrica”,¹⁷³ iniciaram-se as novas construções que futuramente caracterizariam o conjunto fabril. Não havendo maiores referências ao projeto do núcleo primitivo, há que se reconstituir a sua composição e o sentido das ampliações ocorridas a partir de outros processos, referentes aos anos de 1914-16. As informações extraídas destes processos, no entanto, remetem a uma área construída de pouco mais de 8.500 metros quadrados, inferior às dimensões informadas em publicação de inícios da década de 1920.¹⁷⁴

O período inicial é marcado por pedidos de licença para a construção de instalações provisórias, destinadas ao armazenamento de materiais, e cujas áreas, somadas, não ultrapassavam 46 metros quadrados.¹⁷⁵ Em outro pedido, o termo “provisório” desaparece, embora a tipologia e o material usados para definir a construção – “barracão de zinco” – denotem ainda certa economia, a qual se expressa também no pedido de “isenção do pagamento do imposto da referida licença.”¹⁷⁶

A construção deste barracão apresenta um primeiro sentido a ser considerado nas ampliações. Sua implantação, na esquina da Rua Aurélia (20 m) com a Rua Coriolano (40 m), sugere que o núcleo inicial não havia ocupado totalmente as faixas do terreno lindeiras a estas ruas. Reforça essa hipótese o fato de os proprietários da fábrica, poucos dias após o pedido anterior, terem solicitado junto à Prefeitura o alvará para a construção de um muro “Com 60 metros de frente para a Rua Aurélia e 20 metros para a Rua Fábria”.¹⁷⁷ Análises das peças

¹⁷¹ Cf. SÃO PAULO (Cidade). (SMC-AHMWL). Doc. 34 Cx. A6/1916.

¹⁷² Correio Paulistano 26/04/1889, *apud* BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Discurso e tradição em anúncios da imprensa brasileira: da informação à sedução – imagens do cotidiano*. Disponível em: <www.fflch.usp.br/dlcv/lport/VIPHPB_HBrandao.pdf>, p. 25. Acesso em 11/01/2006.

¹⁷³ Cf. RANZINI, Romeo. *Questionário. op. cit.*

¹⁷⁴ FABRICA SANTA CATHARINA – Fagundes, Ranzini & Cia. Impresso não identificado, 19-?. Cópia xerográfica. Não paginada. O autor e a data deste trabalho são desconhecidos, mas os dados apresentados têm como data máxima o ano de 1918, o que o identificaria com o início da década de 1920, período ao qual está associada uma quantidade significativa de publicações celebrativas da indústria paulista.

¹⁷⁵ Cf. SÃO PAULO (Cidade) SMC-AHMWL, Doc. 49 Cx. A6/1915.

¹⁷⁶ Idem, *ibidem*, Doc. 48 Cx. A6/1915.

¹⁷⁷ Idem. *Ibidem*, Doc. 31 Cx. A5/1915.

gráficas demonstraram ser esse muro o elo de ligação entre as fachadas das edificações existentes, nas ruas Fábria e na esquina da Rua Coriolano com Aurélio.

Na planta, a lateral daquele edifício encontra-se voltada para dentro do lote, caracterizando-se pela presença de arranques de parede indicativos de um volume anterior, do qual não foram obtidos maiores detalhes. Outras plantas apresentaram a mesma característica. Todavia, através de um trabalho de sobreposição destas últimas a uma planta de situação de 1932, e da localização de alguns elementos-chave (chaminés, fornos), pode-se inferir sobre o sentido das expansões ocorridas e sobre o posicionamento espacial e composição do núcleo inicial da Fábrica Santa Catharina.

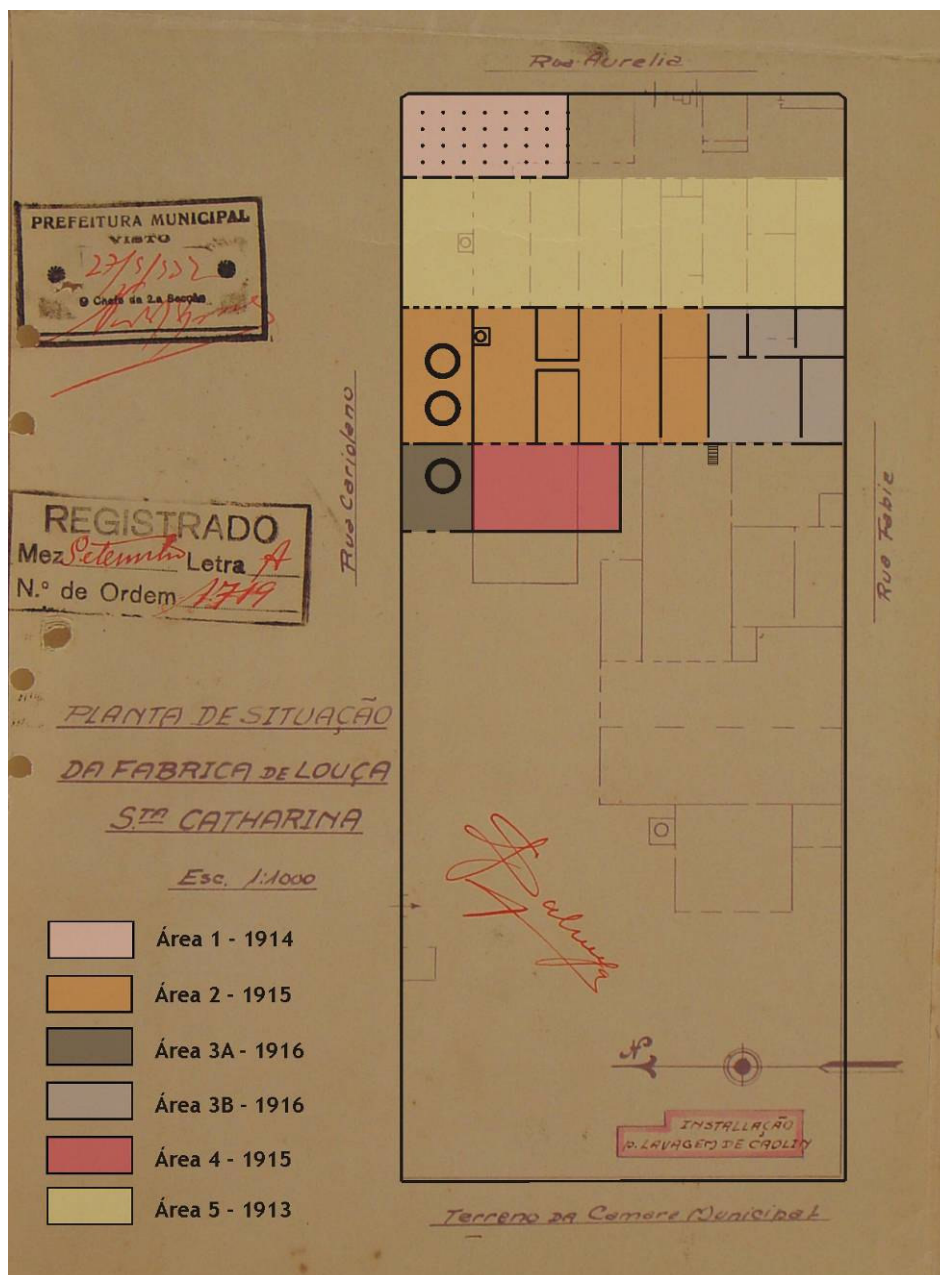


Fig.27: “Planta de situação da Fábrica Santa Catharina. Escala 1:1.000.” As legendas correspondem às fases de ampliação da fábrica documentadas nos processos analisados. Note-se uma grande área não identificada devido à ausência de informações sobre as construções na década de 1920. Fonte: SÃO PAULO (Cidade), Secretaria Municipal de Gestão, Divisão de Arquivo Municipal de Processos. (SMG-DAMP), Processo 37.902/1932.

Tendo como referência o pavilhão mencionado anteriormente (**Área 1**), situado na esquina das ruas Coriolano e Aurélia, ter-se-ia à direita uma construção com 30 m de largura, cuja lateral (paralela à Rua Aurélia) pode ser conferida na planta original da **Área 2** (32,5 m para a Rua Coriolano por 73,5 m na perpendicular). Esta última apresenta-se dividida em seis compartimentos de diferentes dimensões, um destes destinado à instalação de dois fornos.

A localização de um terceiro forno figura em outra edificação, cujo projeto data de 1916 (**Área 3A**). Neste caso, a fachada da Rua Coriolano mede 21 m. Sua lateral (17 m), juntamente com os fundos de um “telheiro para depósito” (**Área 4**, de 20 m X 34 m),¹⁷⁸ é compartilhada com a da construção da **Área 2** a qual, tendo sido prolongada até a Rua Fábica (paralela à Coriolano), forma outro bloco de 33 m (**Área 3B**, Rua Fábica) por 33 m (fundos do bloco anterior), igualmente representado no projeto, com detalhamento das seções fabris às quais seriam destinados os cinco compartimentos ali constantes.

Com base nas informações acima, configura-se uma quinta área, delimitada pelas áreas **1**, **2**, e **3B** e por trechos das ruas Aurélia, Fábica e Coriolano (**Área 5**). Considerando-se a cronologia dos processos, e mesmo nuances na efetivação dos projetos, situar-se-iam nesta faixa as construções anteriores a 1914, as quais corresponderiam ao núcleo inicial mencionado por Romeo Ranzini. Retomando-se a planta de situação de 1932 – a qual, vale dizer, foi reproduzida em peças gráficas posteriores – esta faixa encontrar-se-ia dividida em onze compartimentos, de formatos e dimensões variadas, perfazendo uma área total de 3.180 m². Esta planta revela, ainda, a configuração de um conjunto coerente com as dimensões de 15.000 m² mencionadas anteriormente, embora não haja outras informações sobre a composição de todos os blocos pertencentes ao conjunto.

Outras plantas e processos da década de 1930 mantêm esta lacuna informativa em relação ao núcleo original. Entre os assuntos abordados pelas mesmas, figuram ampliações e reestruturações ocorridas em pontos isolados no terreno, cada vez mais afastadas da parte descrita até agora. Um apanhado destas ações será apresentado oportunamente, após alguns comentários sobre atributos internos dos edifícios e suas relações com o programa de uso, com a história da fábrica e com as características visuais dos compartimentos destinados à produção.¹⁷⁹

¹⁷⁸ Idem. Ibidem, Doc. 31 Cx. A5/1915.

¹⁷⁹ A análise do material iconográfico revelou que na maioria das fábricas pesquisadas as imagens internas serviam, antes de tudo, para demonstrar a capacidade produtiva da mesma. Além disso, a repetição de assuntos em diferentes publicações, ou mesmo em séries de fotografias tiradas por familiares dos industriais e funcionários, faz crer que eram estes os ambientes definidores por excelência do estágio de desenvolvimento da produção de louças em São Paulo.

1.2 Estruturação interna

Entre fins da década de 1910 e o início da década de 1920, a Fábrica Santa Catharina figurou em publicações celebrativas do progresso industrial paulista. Em texto com forte teor propagandístico eram destacados não somente o engenho de seus proprietários, como também os aspectos de sua organização interna, seus recursos humanos e físicos mencionando-se, inclusive, os aumentos previstos para as instalações:

A fábrica ocupa uma grande área de terreno de 28.000 metros quadrados, da qual se acha coberta cerca de 15.000 metros. Em breve, porém, a extensão da fábrica será muito maior, pois, que para isso se estão realizando obras importantes e com a maior atividade. Trabalham atualmente na fábrica cerca de 1.000 operários de várias nacionalidades, inclusive japoneses, havendo entre eles muitas mulheres e crianças. Esse número de operários será elevado ao dobro, logo que estejam concluídas as construções a que acima nos referimos.¹⁸⁰

No que se refere à estruturação da unidade fabril, fica claro que os “aumentos” comentados anteriormente constituíram-se numa tendência vital às atividades produtivas. Sendo a fábrica uma pioneira, não somente o crescimento do mercado consumidor como também a retração das importações durante a I Guerra devem ser considerados como propulsores destas obras, cujo detalhamento revela, ainda, a racionalidade típica de programas funcionais, coordenados por quem entendia do ramo industrial em questão.

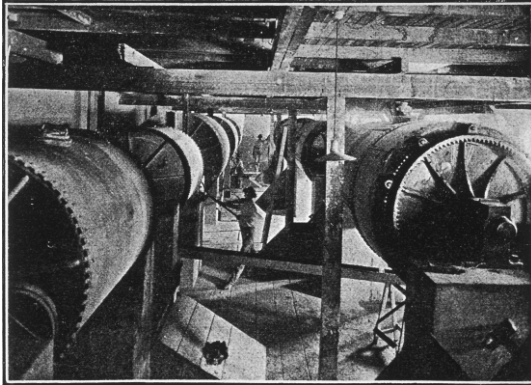
À exceção de alguns poucos compartimentos identificados na planta da **Área 3B**, e do posicionamento de pelo menos três fornos (**Áreas 2 e 3A**), são desconhecidas as localizações das seções fabris mencionadas nas publicações. Entretanto, fotografias e descrições dos ambientes dão a medida do alto grau de especialização dos espaços destinados às etapas de *concepção, preparação, formação, acabamentos e armazenagem* dos produtos, já detalhadas na Primeira Parte deste trabalho.¹⁸¹ Respeitando esta seqüência, as fotografias reproduzidas a seguir registram a ambientação do maquinário, aspectos da circulação e concentração de operários e produtos, detalhes dos telhados e de outras estruturas em madeira, tais como bancadas para trabalho, um mezanino instalado acima dos tambores de trituração e as estantes destinadas à secagem e armazenagem das louças.

(figs. 28-33)

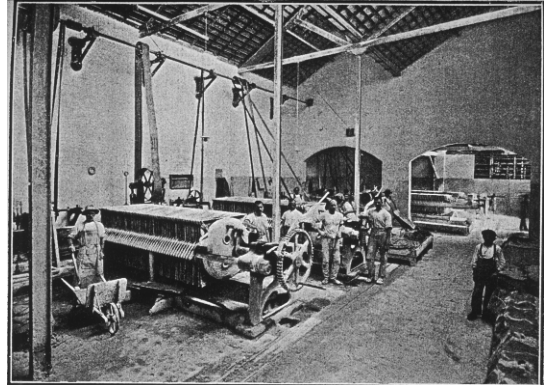
¹⁸⁰ FABRICA SANTA CATHARINA – Fagundes, Ranzini & Cia. *op. cit.*, não paginada. Ver ainda: PICCAROLO, Antonio; FINOCCHI, Lino. *op. cit.*, p. 147-148.

¹⁸¹ Conferir nas páginas 11-15.

28



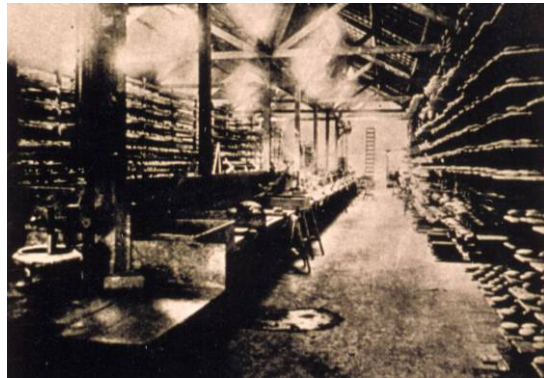
29



30



31



32



33



As figuras 28 e 29 apresentam, respectivamente, as seções de *trituração e manipulação* (compressão de massa). Na figura 30, uma bancada de tornos para a confecção de vasilhames e, na figura 31, outra seqüência de tornos (no centro da foto, em direção aos fundos), desta vez precedida por um misturador de esmalte e tanque para esmaltação das peças (quadrante inferior esquerdo). Na figura 32, uma linha de fornos dotada de trilhos para carris de ferro (quadrante inferior esquerdo), cuja concentração remete à localização dos mesmos, esboçada **na figura 27** e, na figura 33, o *armazém de louças*, espaço amplo, ocupado predominantemente por mulheres. Fontes: Figs. 28-30, 32 e 33, FÁBRICA SANTA CATHARINA – Fagundes, Ranzini & Cia. *op. cit.*; Fig. 31: PICCAROLO, Antonio; FINOCCHI, Lino. *Op. cit.*, p. 147.

As aberturas verificadas na planta da **figura 27** demonstram a interdependência entre as seções, sobretudo na etapa de formação, que exigia a passagem dos produtos por diversas fases intermediárias entre a *modelagem* e as queimas. No caso dos fornos, o destaque fica por conta da facilidade no abastecimento de lenha, certamente um dos motivos para o seu alinhamento e concentração. Já em relação aos compartimentos identificados na **Área 3B**,

revela-se a proximidade entre a *secção de pratos* e uma área destinada aos *modelos e modelistas em gesso*, ao passo que certo isolamento marca os setores de *fusão de esmalte, depósito e prensa de massa*.¹⁸²

Algumas seções da fábrica, no entanto, não foram contempladas nas fotografias, plantas ou outro tipo de material gráfico que auxiliasse na sua localização e inserção no ciclo da produção. As informações disponíveis são escritas, e referem-se tanto a setores essenciais como os de *decoreção e secagem*, quanto a atividades subsidiárias como a *Secção de refratários*, “em que se fabricam as caixas que vão aos fornos e tijolos”, e mais:

(...) grandes oficinas de carpintaria e caixotaria, serrarias com magníficas máquinas de cortar e rachar a lenha que alimenta os fornos; espaçosos armazéns onde se faz a embalagem e a exposição de mercadorias; bem montada oficina mecânica, onde se tem fabricado todas as peças das varias máquinas do estabelecimento; vastos depósitos; escritórios, gabinete químico, etc.¹⁸³

Conforme foi dito anteriormente, as obras de ampliação tornaram-se, desde os primeiros anos, essenciais ao funcionamento da Santa Catharina. Destinadas a armazenagem, depósito de matérias-prima, novos fornos ou seções inteiras de fabricação, atributos como (grandes) dimensões, especialização (da atividade desenvolvida), e racionalização espacial (verticalização) são largamente citadas na descrição das obras ocorridas em inícios da década de 1920, as quais objetivavam “produzir em dobro”:

E por isso mesmo estão se realizando importantes obras para a construção de mais as seguintes dependências: Um edifício de dois andares, sendo o térreo ocupado pelo secador geral e o superior para a fabricação de pratos, que será em media de 40.000 por dia e a fabricação de aparelhos de mesa, de cozinha e de artigos de fantasia. A parte térrea será constituída de um único salão de 50 metros de largura e outros tantos de comprimento. Um outro salão de grandes dimensões será construído, especialmente destinado ao encaixotamento de louça que tem de ir para os fornos. Anexo a esse salão, levanta-se um pavilhão para a instalação de mais 4 grandes fornos, com a capacidade de 250.000 peças cada um, ou seja, o total de dois milhões mensais. As chaminés desses fornos terão 55 metros de altura.¹⁸⁴

Esta tendência à ampliação da capacidade produtiva, segundo números fornecidos pela própria fábrica, gerou um aumento de 1.080.342 em 1914 para 7.840.939 peças em 1918.¹⁸⁵

¹⁸² Cf. SÃO PAULO (Cidade) SMC-AHMWL, Doc. 34 Cx. A6/1916.

¹⁸³ FABRICA SANTA CATHARINA – Fagundes, Ranzini & Cia. *op. cit.*

¹⁸⁴ Idem, *ibidem*. Grifos nossos.

¹⁸⁵ Idem, *ibidem*.

Para alcançar os 24 milhões de peças/ano, esperados com as novas edificações, estava prevista a duplicação da mão-de-obra empregada na fábrica, o que demonstra a pouca mecanização das tarefas da produção. Tanto o transporte de produtos quanto as tarefas de modelagem, acabamento e pintura – tarefas predominantemente artesanais – exigiam reduzida participação de energia motriz, mormente para movimentar os tornos. No entanto, esta necessidade aumentava nos setores de processamento das matérias-primas e manipulação das massas – com seus pesados trituradores, misturadores e filtroprensas –, o que certamente foi considerado quando da instalação dessas máquinas.

Em relação ao tipo de energia empregado nos primeiros anos da Santa Catharina, nota-se uma tendência comum a outros ramos industriais estabelecidos em inícios do século XX, ou seja, o uso da energia a vapor:

As máquinas não eram motorizadas, isto é, não tinham o seu próprio motor. Naquela época, as fábricas eram dotadas, geralmente, de uma máquina a vapor ou locomóvel, que acionava uma grande transmissão, a transmissão principal que, por sua vez, acionava as intermediárias, e, estas comandavam as máquinas. Grande era o desperdício de energia nessas numerosas transmissões.¹⁸⁶

Não foi possível datar com precisão a adoção da energia elétrica na fábrica, fosse como força motriz, fosse para a iluminação dos galpões industriais. Esta última, muito provavelmente, baseou-se por muito tempo na instalação de lanternins e nos perfis dos telhados, em dente-de-serra, os quais são percebidos nas fotografias externas da fábrica. No entanto, há referências de que o deficiente suprimento de energia elétrica, característico da década de 1920, tenha prejudicado as atividades produtivas justamente em um período conturbado da história paulista e dos primórdios da crise que se abateria sobre o setor:

Em 1924, a chamada revolução do Isidoro [Revolução Paulista de 1924]. (...) A indústria ficou paralisada. Em alguns bairros, como a Mooca, o Belenzinho, os danos foram de grande monta. A fábrica Santa Catharina não sofreu graves danos, teve apenas as suas atividades paralisadas. No ano seguinte, 1925, sobreveio uma fortíssima crise de energia elétrica. As fábricas que não dispunham de geradores próprios, funcionavam apenas três dias por semana. Cessada a crise, em virtude da inauguração das instalações da Light em Cubatão, os industriais da louça viram recrudescer a pressão da louça estrangeira.¹⁸⁷

¹⁸⁶ VICENTE DE AZEVEDO, Francisco de Salles. *op. cit.*, p. 30.

¹⁸⁷ *Idem*, *ibidem*, p. 32-33. A crise das fábricas de louça, segundo o autor, decorreu das reduzidas taxas alfandegárias, as quais favoreciam os produtos estrangeiros na concorrência com os artigos nacionais. A situação chegou a tal ponto que, em 1925, foi montada uma comissão com representantes dos industriais do setor para negociar melhores condições com o presidente Artur Bernardes, no que não obtiveram sucesso.

O resultado dessa fase difícil foi, em muitos aspectos, contrário ao otimismo difundido pelo material analisado até agora. Os esforços de Romeo Ranzini e de seus sócios, no sentido de diminuir seus preços e espantar a concorrência estrangeira, foram insuficientes. A Fábrica Santa Catharina passou para o controle das Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo. Tendo ou não interrompido as atividades da Santa Catharina neste intervalo, fato é que Matarazzo tinha planos bem definidos para a nova unidade do grupo:

Em 1927, o Conde Matarazzo inicia-se no ramo dos minerais não metálicos, adquirindo a fábrica de louças. Era um antigo estabelecimento na rua Amélia (sic.)¹⁸⁸ na Água Branca, que produzia louças domésticas de pó-de-pedra, e que foi remodelado imediatamente para produzir também aparelhos sanitários e azulejos.¹⁸⁹

Na documentação referente a esta fase, as remodelações concentraram-se em pontos afastados das edificações mais antigas. Salvo algumas aberturas de janelas, reforma do telhado, a construção de uma nova portaria, ou a reforma de uma sala (localizada na **Área 2**),¹⁹⁰ as plantas localizadas revelam a expansão do conjunto fabril em direção aos fundos do terreno, promovendo uma ocupação cada vez mais concentrada dos espaços deixados pelo núcleo inicial e, por vezes, instalando equipamentos em áreas lindeiras ao terreno vizinho, de propriedade da Câmara Municipal (ver fig. 27).

São exemplos dessas obras a construção de uma plataforma para trânsito de vagonetas, sala de encaixotamento, um edifício para lavagem de caulim, aumento da seção de pintura, entre outros.¹⁹¹ Nos memoriais descritivos, nota-se ainda uma tendência ao uso de materiais tradicionais, tais como madeira, tijolos e telhas de barro e corrugadas de ferro. A diferença mais significativa ocorrida nos padrões construtivos foi a adoção de estruturas em cimento armado como solução para os vãos maiores, ou mesmo para construção de estruturas de transporte e de processamento de matérias-primas, de que são exemplos a plataforma citada acima e a estrutura de um *lavador de caulim*, que consistia numa espécie de caixa dotada de canais paralelos intercomunicantes, cuja superfície apresenta um declive responsável pela precipitação do caulim, com a conseqüente suspensão das impurezas que o mesmo possa conter.¹⁹²

¹⁸⁸ O nome correto da rua é Aurélia. Esta incorreção, contudo, pode estar relacionada ao fato de ter-se usado como fonte a obra citada de Antonio Piccarolo e Lino Finocchi (p.146) na qual também ocorre o mesmo erro.

¹⁸⁹ [INDUSTRIAS REUNIDAS FRANCISCO MATARAZZO]. *op. cit.*, p. 52.

¹⁹⁰ SÃO PAULO (Cidade), SMG-DAMP. Respectivamente, processos 39.327/1932, 31.742/1939, 8.389/1933 28.157/1933.

¹⁹¹ Idem, processos 22.178/1933, 25.280/1933, 37.902/1932 e 52.636/1934, respectivamente.

¹⁹² Idem, processo 37.902/1932.

A falta de encadeamento entre o momento anterior a essas reformas, aliada à ausência de uma planta geral detalhada da unidade, impede uma análise mais acurada das obras e de seu impacto na composição do conjunto. Todavia, as nuances apreensíveis através de indicadores da capacidade produtiva, tais como número de operários, energia consumida e número de fornos existentes no período, apontam para uma interpretação, positiva daquelas obras.

| Ano | Operários | Força Motriz/ tipo | Fornos | Capital |
|------|-----------|----------------------------|---------------|-----------------|
| 1928 | 661 | 850 C.E./ não especificada | 17 | 2.000:000\$000 |
| 1929 | – | – | – | – |
| 1930 | 248 | 850 H.P./ elétrica | 17 | 3.000:000\$000 |
| 1931 | 446 | 950 H.P./ elétrica | 15 | 3.000:000\$000 |
| 1932 | 802 | 631 H.P./ elétrica | 12 | 3.000:000\$000 |
| 1933 | 1080 | 631 H.P./ elétrica | 12 | 3.000:000\$000 |
| 1934 | – | – | – | – |
| 1935 | 1464 | 1098 H.P./ elétrica | Não fornecido | 12.962:000\$000 |
| 1936 | 901 | 1117 H.P./ elétrica | Não fornecido | 12.962:000\$000 |

Dentre as variações percebidas, ressalta-se a questão da mão-de-obra, cuja redução no ano de 1930 contrasta com a manutenção dos índices de consumo de energia e recursos físicos. Seu aumento gradativo, seguido de uma nova redução no ano de 1936, também não corresponde à diminuição do número de fornos e da força motriz utilizada nos anos pós 1932, indicadores de uma retração das atividades entre 1930 e 1933. Curiosamente, as obras mencionadas anteriormente sugerem aumentos e incrementos das instalações ocorridas a essa época, embora seja possível que a introdução de novas tecnologias de processamento e transportes de matérias-primas, de controle das queimas e de decoração das peças, tenha gerado uma economia de pessoal e de energia.

Outro ponto intrigante na análise das estatísticas acima seria o aumento expressivo do número de operários, em 1935, e no consumo de energia, em 1935-36, os quais coincidem com os primeiros anos de funcionamento da nova fábrica de louças do grupo Matarazzo, localizada em São Caetano (Louças Cláudia). Isso em virtude da transferência dos dados relativos à produção de louças de pó-de-pedra de São Paulo para o endereço do grupo no ABC paulista, o que pode ter estimulado a ocupação do núcleo, anos depois, por outra unidade do grupo Matarazzo, destinada à produção de biscoitos.¹⁹⁴

¹⁹³ Cf. SÃO PAULO (Estado) *op. cit.* As páginas correspondentes são: 1928, p. 54; 1930 p. 97; 1931, p. 99; 1932, p. 102; 1933, p. 124; 1935, p. 125 e 1936, p. 137.

¹⁹⁴ Cf. [INDUSTRIAS REUNIDAS FRANCISCO MATARAZZO]. *op. cit.*, p. 127. A data exata desta mudança de atividades é desconhecida, porém, a legenda de uma ilustração data a introdução dos “Biscoitos Petybon” no mercado em 1949.

1.3 Imagens externas

Como pioneira no ramo das louças brancas em São Paulo, a Fábrica Santa Catharina foi responsável pela disseminação de estabelecimentos industriais congêneres para outros bairros da capital, para São Caetano e para Mauá, à época distritos do município de São Bernardo. Não somente pela sua presença física, mas também pelo fato de terem muitos de seus operários migrado – como proprietários, inclusive – para as novas fábricas de louça, as instalações da Santa Catharina constituíram-se, ainda que involuntariamente, na principal referência técnica e também arquitetônica para os empreendimentos futuros na área.

Malgrado a carência de recursos, a simplicidade das instalações mínimas, ou mesmo a tendência à economia na construção de instalações fabris,¹⁹⁵ as imagens difundidas pelas fábricas de louça – das mais modestas às mais imponentes – deixam claros os interesses corporativos destas empresas, para os quais a veiculação de vistas internas e, sobretudo, externas, trazia embutidos os ideais de grandeza, solidez e progresso, por sua vez identificados aos seus locais de instalação.

A paisagem do bairro da Lapa é ainda hoje permeada por antigos galpões industriais, sobretudo nos trechos lindeiros à ferrovia. Afastado quatro quadras dessa faixa, o terreno onde foi instalada a Fábrica Santa Catharina encontra-se na porção mais elevada da região conhecida como Água Branca. O perfil plano do terreno, assim como do entorno, facilitava a visualização, à distância, das instalações da fábrica. (fig. 34)

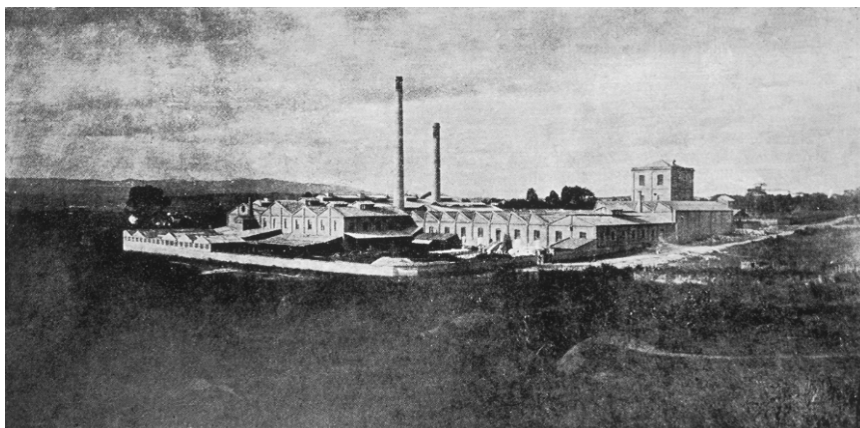


Fig. 34: Vista geral da “Fábrica de louças Santa Catharina”, apresentada na página inicial da matéria escrita por ocasião de sua participação na Exposição Municipal de 1918. Fonte: PICCAROLO, Antonio; FINOCCHI, Lino. *op. cit.*, p.146. Acervo do IEB/USP.

Na impossibilidade de identificar com precisão quais as faces do conjunto captadas pela foto, fica comprometida uma proposta de leitura paralela entre os dados sobre as

¹⁹⁵ De acordo com Helena Saia, o quesito economia referia-se não somente à força motriz – através da localização estratégica dos motores –, mas também ao aspecto externo das construções, não faltando nos manuais restrições ao luxo, considerado “um elemento imobilizador do processo produtivo”. Cf. COURTS de constructions industrielles. *apud* SAIA, Helena. *Arquitetura e indústria: fábricas de tecido de algodão em São Paulo 1869-1930*. 1989, 259 p., Dissertação (Mestrado) - FAU/USP, São Paulo, p. 33-35.

ampliações e da imagem externa da fábrica. Por meio desta leitura – que certamente enriqueceria os comentários sobre a representatividade do conjunto –, buscar-se-ia entender o sentido das ampliações a partir de eleição (ou não) de uma fachada “principal”, ou ainda superar-se a idéia de improviso e pouca especificidade atribuída aos exemplares da arquitetura industrial dos anos que antecedem o movimento moderno.¹⁹⁶

Neste sentido, cabem aqui algumas considerações sobre as tipologias arquitetônicas e os padrões de implantação dos edifícios, de maneira a complementar o raciocínio iniciado com a análise dos compartimentos internos e das sucessivas ampliações ocorridas. Vale lembrar que a foto apresenta uma vista *publicada* em 1918, o que não garante que o conjunto, a essa época, corresponda literalmente às impressões tiradas da documentação consultada.

O primeiro ponto a ser analisado – já esboçado anteriormente –, é a inserção espacial do conjunto. Elementos da paisagem revelam uma quadra situada entre ruas com pequena declividade, sem vizinhos imediatos (industriais ou residenciais). Respeitando o declive do terreno, as construções foram executadas em patamares, visando reduzir movimentações de terra, o que revela traços de economia característicos da arquitetura industrial. Observado este tipo de implantação, é possível realizar a leitura da imagem a partir de quatro faixas paralelas, nas quais ficam patentes as relações entre os detalhes de programa e do partido adotado na conformação de uma tipologia construtiva, apreensível nos atributos visuais do conjunto analisado.

Da direita para a esquerda, têm-se uma primeira faixa composta por quatro pavilhões, nos quais se verifica a ocorrência de aberturas e outros recursos destinados à ventilação e à iluminação zenital, tais como um óculo e lanternins instalados em pontos dos telhados. Próximo à extremidade da esquerda, há um volume dotado de pequena chaminé. Há também uma meia-água instalada paralelamente a um dos edifícios, provavelmente destinada ao armazenamento de matérias-primas.

Na segunda faixa – que contém uma das chaminés –, pavilhões contínuos apresentam maior compartimentação, que se revela também pelo perfil em dente-de-serra dos telhados e por um pavilhão composto por dois módulos espelhados, coberto por telhado de duas águas. Após a chaminé, na extremidade esquerda do terreno, aparecem detalhes de outro lanternim,

¹⁹⁶ O que pode ser conferido em vários textos panorâmicos sobre arquitetura, em especial, a brasileira. No que se refere à arquitetura industrial, estas publicações compartilham da mesma visão economicista que caracteriza a historiografia da industrialização. Nesta linha, são desconsideradas as especificidades daquelas construções estabelecidas na primeira metade do século XX, postura que reflete claramente a consonância entre tais estudos e uma postura valorativa da arquitetura do movimento modernista. Ver: REIS FILHO, Nestor Goulart. *Quadro da Arquitetura no Brasil*. (10.ª ed.), São Paulo: Perspectiva, 2004, p. 84-86; MAZZOCHI, Maurizio. *Considerações sobre arquitetura industrial*. Separata da Revista Acrópole. n.º 18, 1956, p. 1-3.

provavelmente parte de um galpão perpendicular às faixas citadas, não contemplado integralmente pela fotografia, e onde estaria instalada uma segunda chaminé.

Uma terceira faixa, pouco visível, situa-se entre os fundos da anterior e uma edificação de dois pavimentos. Também esta (3.^a faixa) apresenta telhados em dente-de-serra, sendo a sua lateral voltada para a rua, em empena cega. Completa o conjunto uma seqüência de cinco edificações menores, situadas na extremidade esquerda da foto.

Como se pode depreender desta leitura, há uma contradição entre a visão de conjunto, proposta pela fotografia, e a segmentação entre faixas de edifícios, comprovada pela implantação em patamar. Provavelmente involuntária, esta segmentação é coerente com o programa de uso, em vista da necessidade de expansão constante, e da versatilidade exigida pela arquitetura dos complexos fabris. O que poderia ter variado, no entanto, seria a adoção de uma tipologia de fachada mais contínua, capaz de promover a integração das diferentes fases construtivas e valorizar o conjunto. Descartada esta solução, restou ao fotógrafo a busca do ângulo mais adequado à finalidade institucional da imagem.

Seguindo essa linha, o registro fotográfico de “vistas gerais” das fábricas firmou-se como a tendência predominante no material de divulgação pesquisado. Mesmo a Santa Catharina, anos depois, ilustraria outra publicação comemorativa com uma “vista parcial” que nada mais era do que uma foto tirada do mesmo ponto, a qual o tempo e as novas construções se encarregaram de diferenciar daquela veiculada em 1918.

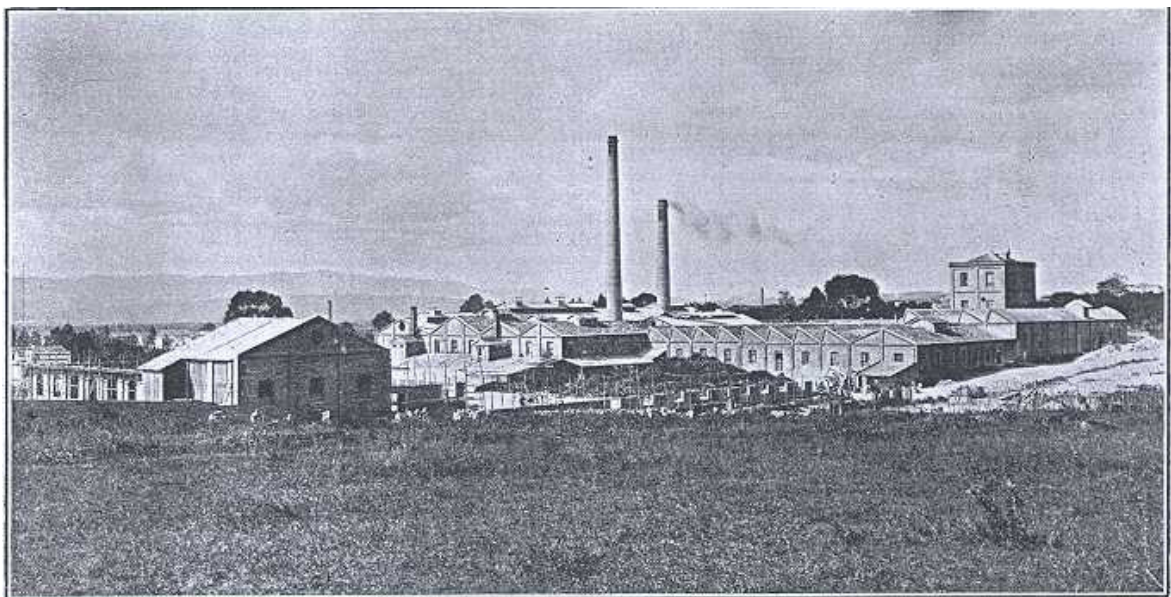


Fig. 35: “Vista parcial da Fabrica Santa Catharina”. Autor e data desconhecidos. Foi usada como página de abertura do texto sobre a empresa, no qual se enalteciam o sucesso alcançado pelo empreendimento e as novas obras de ampliação. Fonte: FABRICA SANTA CATHARINA – Fagundes, Ranzini & Cia. *op. cit.*.

Ao criticar-se a fonte da imagem,¹⁹⁷ pode-se concluir que a fotografia seja do início da década de 1920, daí as alterações perceptíveis não somente no entorno (como o crescimento das copas das árvores), como também na composição do conjunto. Destacam-se as adições de um novo edifício – afastado do núcleo principal – e de mais um volume dotado de pequena chaminé, o qual se localiza no centro da figura, formando par com aquele contido na descrição da primeira faixa. Também ao centro, nota-se um amontoado de material não identificado, de cor escura, possivelmente lenha. Já a extremidade direita apresenta uma concentração de material de cor branca, o que poderia configurar uma área destinada ao descarte de peças defeituosas, espaço comum nas indústrias de louça.

Outros exemplos de tipologias arquitetônicas e padrões de implantação – assim como outros atributos visuais presentes nas imagens e em outras fontes relacionadas às fábricas – serão comentados adiante, numa perspectiva comparativa entre os aspectos históricos, técnicos e simbólicos vinculados à pioneira Santa Catharina em relação aos novos empreendimentos do setor os quais, apesar de deslocados no tempo e no espaço, têm nas suas diferenças e nos pontos comuns o contributo essencial à análise da representatividade daquelas construções, seja como exemplares de arquitetura, seja como componentes de uma paisagem industrial que aguarda ser descoberta para que seja entendida.

¹⁹⁷ Por tratar-se de uma publicação ainda não identificada, foram considerados os limites cronológicos das estatísticas ali apresentadas, assim como as datas mais propícias para a edição de matérias celebrativas da indústria, as quais estão fortemente associadas aos anos de 1920 (superação do Rio de Janeiro, em números da produção) ou ainda a eventos preparatórios das comemorações do Centenário da Independência, em 1922.

2 Fábrica Grande (Mauá, 1914-1964)

No ano seguinte ao da instalação da primeira fábrica de louças na capital paulista, também o município de São Bernardo – ao qual pertenciam o vilarejo de Pilar (futura Mauá) e os atuais municípios que compõem o ABC paulista – dotou-se de uma fábrica de louças de pó-de-pedra. A Fábrica Grande, como ficou conhecida pelos moradores do local, surgiu por iniciativa de Viúva Grande & Filhos,¹⁹⁸ muito provavelmente influenciada pela presença de argila branca na região onde foi instalada a fábrica, no início da Estrada do Corumbê.¹⁹⁹

A produção de louças resultou da transformação de uma antiga olaria pertencente à família, o que parece ter causado alguns infortúnios, principalmente no que se refere à adaptação dos fornos para a queima das peças. Diferentemente de Romeo Ranzini, os proprietários da Fábrica Grande, agora administrada pelo genro de dona Adéle, Vicente Contente, não possuíam fluência no ramo das louças. Um episódio narrado por integrante da família ilustra bem os desdobramentos desta inexperiência:

É que nos engradados o material quebrava, os pratos trincavam muito, dado que eles não tinham muito controle do forno. O forno era um forno rudimentar, e sendo um forno muito rudimentar ele não tinha controle da temperatura. Ora ele queimava a uma dada temperatura, ora ele queimava em outra temperatura. Então o Matarazzo, o Francisco Matarazzo, (...), que era patrício do meu avô, Vicente Contente, mandou vir da Itália um ceramista, e esse ceramista foi para Mauá gratuitamente, quero dizer, foi para lá tentar consertar o forno e ver o que estava acontecendo.²⁰⁰

Numa tentativa de suprir essa deficiência de quadros técnicos, os Grande resolvem associar-se a Viriato Correia, português radicado em Santos e ligado ao comércio e importação de louças, o qual acabaria por assumir o controle da empresa em 1920.²⁰¹ Pouco se sabe sobre as instalações da fábrica neste período inicial. As fotografias conseguidas junto à família Contente são as únicas referências visuais dos galpões industriais nos anos 1910, e revelam uma tipologia – ao menos na parte externa – bem diferente daquela que caracterizou a Fabbrica Santa Catharina. (fig. 36)

¹⁹⁸ A empresa foi formada por Adéle Manservisi Grande, viúva de Giuseppe Grande, engenheiro civil atuante na capital, e seus filhos. CONTENTE, C. A. V. B.- *Carlos Alberto Vicente Bodani Contente: op.cit.*, p. 3-5.

¹⁹⁹ Reinaldo Chiarotti, antigo ceramista de Mauá, refere-se à abundância da argila branca ali encontrada que, segundo ele, “parecia caulim”. A Estrada do Corumbê, encontrava-se na perpendicular da Estrada das Pedreiras (atual Avenida Barão de Mauá), via paralela ao rio Tamanduateí que era responsável pela comunicação entre a estação Pilar, da São Paulo Railway, e unidades extrativas diversas, com destaque para a lenha e o granito. Cf. MÉDICI, Ademir. *op. cit.*, p. 31-35.

²⁰⁰ CONTENTE, C. A. V. B. – *Carlos Alberto Vicente Bodani Contente. op. cit.*, p. 6.

²⁰¹ Cf. VICENTE DE AZEVEDO, Francisco de Salles. *op. cit.*, p. 26.



Fig. 36: Vista externa de dois galpões da Fábrica Grande, na época administrada por Vicente Contente (ao centro). Década de 1910. Autor desconhecido. Acervo de Carlos Alberto Contente.

A fotografia apresenta-se em três planos, nos quais se percebem, além da disposição e características formais das edificações, aspectos da implantação dos mesmos. Em primeiro plano, tem-se uma construção marcada pela simplicidade de suas linhas e pelo telhado em duas águas, sem a utilização de recursos para facilitar a iluminação e a ventilação. Estas, por sinal, mostram-se bastante econômicas, dadas às reduzidas dimensões das janelas guilhotinas e do óculo situado acima da entrada, na linha da cumeeira. Na extremidade esquerda, ainda que com dificuldade, é possível notar a continuidade do galpão a partir de uma coluna estrutural e da parede a ela adossada, que poderá ser apreciada na **figura 38**. No lado direito, chama a atenção o reduzido pé-direito, principalmente se comparado à escala humana.

Em segundo plano está um galpão perpendicular ao anterior, caracterizado por módulos uniformemente demarcados na ossatura, nas quais se pode observar outro tipo de abertura, em arco abatido. Caracteriza-se também pelo telhado de duas águas e pelos fragmentos de duas chaminés, uma delas de maiores dimensões, situada na parte frontal do edifício. À esquerda destas, dois outros topos de chaminés, pertencentes ao galpão anterior. Constituindo-se em mais do que um fundo, simplesmente, o terceiro plano informa sobre a localização do terreno, ao pé de um morro. Outras fotografias da fábrica e o conhecimento da sua proximidade ao rio Tamanduateí confirmam esta implantação em terras baixas.

Não se sabe ao certo se a composição do conjunto fabril, à época dos Grande Contente, resumia-se a estes dois galpões, com seus respectivos (três?) fornos e uma provável fonte de energia a vapor, sugerida pela presença da chaminé maior. Não obstante, uma única fotografia da parte interna (fig. 37) denota uma ocupação espacial semelhante àquela observada na *seção de pratos* da Santa Catharina, ou seja, uma bancada de trabalho cercada de prateleiras de secagem pelas laterais. Note-se, ainda, o piso de tijolos (parte inferior

central), a abertura em arco pleno situada nos fundos da sala e uma polia pertencente ao sistema de movimentação dos tornos, situada embaixo da bancada.

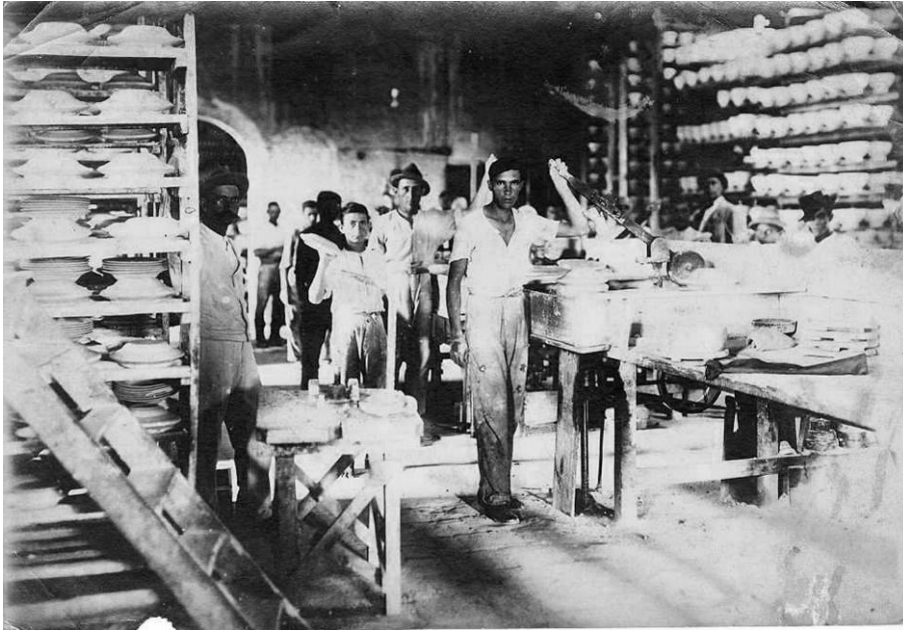


Fig. 37: Bancada de tornos e prateleiras da Fábrica Grande, década de 1910. No quadrante inferior direito, a polia responsável pela movimentação dos tornos. Acervo do Museu Paulista/USP, Coleção Carlos Alberto Contente. IC 24.181.

A gestão de Viriato Correia durou até 1926, quando a fábrica – então denominada Companhia Industrial do Pilar – passou para um grupo de empresas igualmente ligado ao comércio e à importação: João Jorge, Figueiredo S/A. Em 1937, o *Album de São Bernardo* publicou matéria ilustrada sobre a “Fabrica de Louças Mauá (Luso)”, em cujo conteúdo se percebem as modificações das instalações ocorridas entre a gestão de Vicente Contente e meados dos anos 1930.

Em imenso terreno, de propriedade dos Srs. João Jorge, Figueiredo S/A, estão os edifícios industriais, que cobrem a área de 4.000 metros quadrados.

O interior da fábrica – em que desenvolvem proveitosa atividade cerca de 80 operários – apresenta magnífica visão: todo dividido em secções para a execução das varias operações a que são submetidos os produtos antes de completamente confeccionados. (...) Os maquinismos, dos mais modernos, são acionados por meio de 15 motores elétricos, com a força global de 100 HP.²⁰²

A divisão interna destacada no fragmento acima demonstra novamente o seccionamento necessário às atividades produtivas, já adaptadas ao dinamismo da força motriz elétrica. A área construída – pouco mais de um quarto das dimensões da Fábrica Santa Catharina –, ainda apresentava formas modestas e esteticamente associadas mais a construções rurais do que ao modelo consolidado de galpões industriais. Esta tendência,

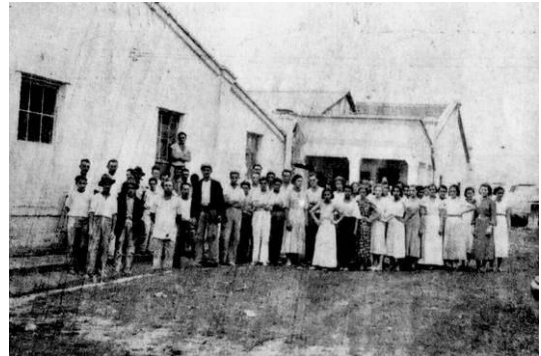
²⁰² CALDEIRA, João Netto. *op. cit.*, não paginada.

todavia, merece um tratamento que considere, além da aparência externa dos edifícios, as necessidades programáticas e a especificidade dos processos de construção, reformas e ampliações das unidades fabris, de forma a ultrapassar uma perspectiva meramente formal, sugerida por alguns estudos que atribuem esta configuração a uma resistência, nas construções industriais, das “formas rígidas dos tempos coloniais.”²⁰³

38



39



As figuras 38 e 39 representam a fase João Jorge, Figueiredo S/A, na qual se nota a ampliação do conjunto, que ainda guardava semelhanças formais em relação ao núcleo construído pelos primeiros proprietários. Fonte: CALDEIRA, João Netto. *op. cit.* Publicação não paginada.

Não foram localizados processos ou plantas capazes de esclarecer o contexto e os argumentos para reformas e ampliações percebidas nas fotografias. Pelas imagens, percebe-se a adição de novos galpões, à esquerda dos existentes na primeira fase da fábrica (figs. 38 e 39). Sem se alterarem suas configurações primitivas – linhas singelas, pés-direitos reduzidos nas extremidades, telhados de duas águas e economia nas aberturas –, as construções receberam revestimento na parte externa o que, contudo, não impede a verificação das diferenças formais entre o conjunto antigo e o mais recente, localizado nos cantos direitos das duas fotografias.

Segundo Ademir Médici, a Fábrica Grande ficou desativada entre finais da década de 1920 e início da década de 1930, quando foi assumida pelo bisneto de João Jorge, Carlos Miranda Coelho, que a comandaria até o seu fechamento definitivo, em 1964.²⁰⁴ Denominada Cerâmica Miranda Coelho, a empresa permaneceu no ramo das louças, e embora não haja registros precisos sobre reformas ou ampliações ocorridas sobre sua gestão, foram encontradas fotografias dos galpões industriais identificadas às décadas de 1950 e 60, as quais retratam a adoção de uma nova tipologia na construção das edificações, através de vistas de um pátio interno e da frente do conjunto, tirada à distância.

²⁰³ REIS FILHO, Nestor Goulart. *op. cit.*, p. 84-86.

²⁰⁴ MÉDICI, Ademir. *op. cit.* p. 41.

40



41



Figuras 40 e 41: Dois momentos distintos da fábrica, registrados por fotografos anônimos, nas décadas de 1950 e 1960, respectivamente. Fontes: Fig. 40: MÉDICI, Ademir. *op. cit.*, p. 40; Fig. 41: Acervo do Museu “Barão de Mauá”, RG 1013.

O conjunto constante na fig. 40 apresenta uma tipologia de implantação linear e se caracteriza por linhas mais racionais e aberturas mais generosas. Embora afinado esteticamente às ampliações verificadas em 1937, não se pode afirmar a data de sua construção, dado que a fotografia o apresenta isoladamente aos outros blocos. Não obstante, o registro destes edifícios denota uma valorização de suas características formais, refletindo uma associação entre as qualidades formais do espaço fabril e seus efeitos – positivos, neste caso – na produtividade da fábrica.

Na figura 41, marcam-se claramente as relações entre o terreno da fábrica e a região alagadiça às margens do rio Tamanduateí, embora não haja registros de que enchentes tenham afetado a Fábrica Grande, ao contrário do que ocorria com frequência na vizinha Fábrica de Louças Paulista, de onde provavelmente foi tirada a foto. Diferentemente do que se poderia esperar, esta proximidade entre as duas fábricas não promoveu semelhanças expressivas entre os dois conjuntos fabris, apesar da compatibilidade entre suas atividades.

Essa constatação alerta para a necessidade de se considerar, nas análises tipológicas, as diferentes condicionantes de projeto, de construção e de implantação espacial dos edifícios industriais. Dados sobre a origem dos fundadores, os recursos disponíveis e as demandas espaciais de determinada fábrica, a um determinado tempo, são fundamentais a uma abordagem dos exemplares da arquitetura industrial paulista mais afeita à história da cultura do que a características meramente formais.

Não foram encontrados registros sobre o destino das edificações da fábrica após 1964. No local, foi construído um Centro de Atividades do Serviço Social da Indústria (SESI), um indício da associação entre o passado industrial daquela localidade e a sua nova configuração urbana, na qual figuram estruturas ligadas aos ramos de comércio e serviços.

3 Fábrica de Louças Paulista (Mauá, 1916-1965)

Entre os operários técnicos contratados por Romeo Ranzini quando de sua viagem à Itália, estavam Rogério Manetti, Giuseppe Pedotti e Luigi Torrighelli. Para estes italianos especializados na *Societá Ceramica Italiana*, situada na região de Laveno Monbello, a iniciativa de montar sua própria indústria de louças começou a ganhar corpo quando do término dos compromissos assumidos com a Fabrica Santa Catharina, em 1916.

Os operários de Laveno tomaram diversos rumos. O grupo mais numeroso decidiu trabalhar por conta própria, realizando, assim, antiga aspiração, que os seus componentes alimentavam desde a Itália. Por volta de 1918, constituíram a firma Manetti, Pedotti & Cia., que foi estabelecer-se em Pilar, hoje denominada Mauá, adquirindo um barracão e as instalações de uma pequena serraria, movidos por uma roda d'água.²⁰⁵

Pouco mais se conhece sobre as instalações nesta fase inicial. A presença de uma roda d'água, no entanto, deve ser entendida como um fator relevante na escolha do terreno, que era delimitado à frente pela Estrada das Pedreiras e, aos fundos, pelo rio Tamanduateí. Aliás, essa proximidade ao rio esteve intrinsecamente ligada à trajetória do estabelecimento, seja pelas enchentes constantes documentadas por funcionários (fig. 45), seja pela construção do “Tanque da Paulista”, um lago artificial o qual, tendo servido como subsídio às atividades produtivas, acabou por dar nome à região situada em frente aos galpões industriais, no bairro de Vila Guarani.²⁰⁶

Não sendo possível mapear as diferentes etapas de construção dos edifícios fabris, seguem abaixo alguns comentários sobre as principais características formais apreensíveis nas fontes consultadas, entre as quais a fotografia e o texto publicados no *Album de São Bernardo 1937*. Segundo este, a área construída era de 2.900 metros quadrados, divididos em quatro “amplos pavilhões” nos quais trabalhavam, “em média, oitenta operários habilíssimos”. A vista “lateral” da fábrica, documentada na fotografia, pode ter sido preterida tanto em função de seus detalhes construtivos quanto pela sua implantação – um pouco abaixo do nível da rua –, a qual privilegiava esta vista em detrimento da face voltada para a Estrada das Pedreiras, havendo mesmo indícios de um caminho que ligava a referida estrada ao pátio da fábrica, o qual se situava em frente à vista mencionada.²⁰⁷

²⁰⁵ VICENTE DE AZEVEDO, Francisco de Salles. *op. cit.*, p. 31.

²⁰⁶ Há referências de que a diretoria da Paulista tenha adquirido uma grande área do referido bairro, a qual foi loteada e vendida aos operários para a construção de suas residências. Cf. MÉDICI, Ademir. *op. cit.*, p. 417.

²⁰⁷ Detalhes desta implantação podem ser verificados em fotografias pertencentes ao acervo do Museu “Barão de Mauá”, algumas das quais serão reproduzidas neste trabalho (figs. 43 e 44).

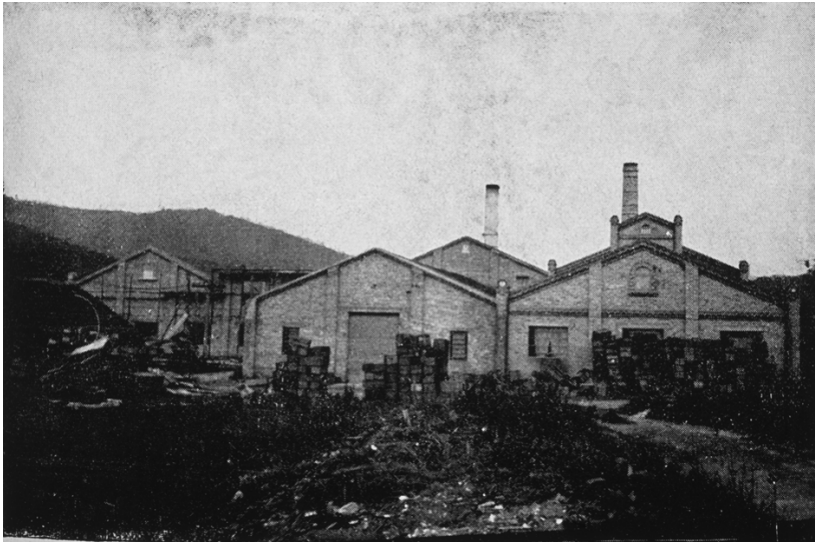


Fig. 42: Vista lateral da “Fábrica de Louças de pó-de-pedra ‘Paulistana’”, tal como é mencionada no *Album de São Bernardo*. Pilhas de lenha ocupam a área do pátio que daria lugar às futuras ampliações da Fábrica. Fonte: CALDEIRA, João Netto. *op. cit.*, não paginado.

O aspecto externo dos edifícios, diferenciados por pequenos detalhes nas aberturas e ornamentos, ou mesmo de pé-direito, ajuda a caracterizar o seccionamento do conjunto, fruto de diferentes fases construtivas ou mesmo das peculiaridades da implantação, que privilegiava a integração dos galpões pelas laterais ou pelos fundos. Vale notar a presença de um quinto pavilhão (extremidade esquerda), em cuja frente se percebe um andaime, como que a sugerir sua ampliação pela lateral. Nos fundos, a chaminés informam a disposição dos fornos.

Já o texto publicado no *Album* faz referência ao “aparelhamento” da fábrica, que “é moderno e completo, todo movido à eletricidade.”²⁰⁸ Embora corresponda à realidade da década de 1930, é provável que os fundadores da fábrica, que possuíam conhecimentos técnicos sobre a produção de louças, tenham desde o início vislumbrado um empreendimento com equipamentos os mais modernos possíveis, principalmente se forem considerados os seus concorrentes imediatos, entre os quais a Fábrica Santa Catharina – responsável pela vinda dos mesmos ao Brasil – e a vizinha Fábrica Grande, que passou por momentos difíceis justamente pela ausência de quadros técnicos entre seus proprietários.

Embora haja menções à produção de energia elétrica através do represamento de águas do Tamanduateí,²⁰⁹ não foram encontrados dados que confirmassem este fato, que certamente influenciaria a organização das atividades fabris e a disposição dos edifícios. Mesmo a roda d’água, existente quando da aquisição do terreno, já deve ter contribuído para uma maior concentração dos galpões em função dos problemas de transmissão, os quais se aplicam tanto a motores elétricos quanto à energia gerada por outros meios.

²⁰⁸ Cf. CALDEIRA, João Netto. *op. cit.*, não paginado.

²⁰⁹ Cf. MÉDICI, Ademir Médici. *op. cit.*, p. 44.

Ainda em relação à força motriz, as estatísticas dos anos de 1930 a 1937,²¹⁰ apontam para variações no consumo de energia elétrica pela Paulista. Após um período de retraimento (biênio 1932-33), que pode ter sido motivado por problemas de fornecimento de energia ou mesmo por uma diminuição na demanda, há um período de relativa estabilidade. Contudo, o acréscimo de um forno, já em 1933, e o aumento constante do número de operários, mostraram-se muito próximos ao estágio da fábrica documentado no *Album*.

| Ano | Operários | Força motriz/tipo | Fornos | Capital |
|------|-----------|-------------------|---------------|--------------|
| 1930 | 42 | 30 H.P./ elétrica | 2 | 250:000\$000 |
| 1931 | 42 | 30 H.P./ elétrica | 2 | 100:000\$000 |
| 1932 | 65 | 12 H.P./ elétrica | 2 | 100:000\$000 |
| 1933 | 71 | 15 H.P./ elétrica | 3 | 200:000\$000 |
| 1934 | — | — | — | — |
| 1935 | 91 | 42 H.P./ elétrica | Não fornecido | 400:000\$000 |
| 1936 | 85 | 46 H.P./ elétrica | Não fornecido | 400:000\$000 |
| 1937 | 102 | 40 H.P./ elétrica | Não fornecido | 400:000\$000 |

A década de 1940 foi marcada por alterações de *status* jurídico,²¹¹ as quais estimularam, além de uma mudança no nome da empresa, novos investimentos em infraestrutura, sobretudo no que se refere às edificações. Segundo Ademir Médici, esta fase caracterizou-se pela ampliação das instalações e pela construção de novos *fornos intermitentes*. Mas a principal inovação ficou por conta da instalação de um *forno contínuo*,²¹² que foi acompanhada pela admissão de operários especializados.²¹³

O aumento da área construída fica evidente quando se compara a fotografia publicada em 1937 (fig. 42) a outras pertencentes a uma série de registros das instalações fabris, identificadas aos anos 1950. Nesta nova configuração do conjunto, chama a atenção a variedade das formas e soluções empregadas na construção dos galpões, marcada por novos padrões de pé-direito, envasaduras e coberturas, ou ainda pela mudança na relação entre ossatura e vedações, agora ressaltada através do revestimento dos pilares de sustentação dos telhados. (fig. 43)

²¹⁰ Cf. SÃO PAULO (Estado) Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio. *op. cit.*. As páginas correspondentes são: 1930, p. 97; 1931, p. 99; 1932, p. 102; 1933, p. 124; 1935, p. 125; 1936, p. 138; e 1937, p. 149.

²¹¹ “Continuando em seu acelerado progresso, outros aumentos surgiram assim como novas denominações recebeu, até que, em 1943, transformou-se definitivamente em Companhia Cerâmica Mauá, S/A., com o capital registrado de Cr\$ 6.000.000,00 (seis milhões de cruzeiros)”. Cf. ZINGG, Paulo; ZERFF, Benedito R. *Anuario de Mauá – 1956*. São Paulo: Gráfica André Villani, 1956, publicação não paginada.

²¹² Descrito na página 14 deste trabalho (nota 13).

²¹³ MÉDICI, Ademir. *op. cit.*, p. 43.



Fig. 43: Fábrica de Louças Paulista, após ampliações da década de 1940. Autor desconhecido. Acervo do Museu “Barão de Mauá”. RG 2885.

Diluídas em meio aos novos pavilhões, as instalações antigas parecem não ter influenciado as novas construções, sobretudo em relação à simetria e à regularidade na composição das fachadas, substituídas por linhas mais funcionais. Um exemplo desse funcionalismo pode ser observado no desencontro das águas dos telhados, artifício que cria uma projeção vertical favorável à instalação de fenestrados visando melhorar a ventilação.²¹⁴ Mesmo privilegiando a visão do conjunto, ficam transparentes na fotografia os traços de uma implantação descontínua, característica de terrenos irregulares, das quais são indicativos tanto o seccionamento dos módulos quanto o desnível em relação à rua.

De outra perspectiva, captada pelos fundos da fábrica (fig. 44), também é possível perceber esta faixa de terras mais altas, a qual demarca bem o perfil do terreno, que foi recortado paralelamente à avenida. A mesma elevação caracteriza uma porção do lote situada nos fundos da fábrica, na qual se vêem acumulados materiais de coloração branca, típicos de uma área de descarte, situada em uma das margens do referido “Tanque da Paulista”, que aparece seco e delimitado por uma de cerca de arame farpado.



Fig. 44: Conjunto fotografado na década de 1950, por autor desconhecido. No quadrante superior direito, a parte inicial da Avenida Barão de Mauá (antiga Estrada das Pedreiras), que passava ao lado da fábrica. Outro aspecto interessante é o alinhamento das chaminés e, por consequência, dos fornos. Acervo do Museu “Barão de Mauá”. S/RG.

²¹⁴ É possível que esta solução tenha se inspirado nas coberturas dos edifícios da Porcelana Mauá onde, porém, foi executada com maior rigor técnico e formal, utilizando-se, ainda, de janelas para favorecer a iluminação do ambiente interno. Ver adiante, p. 110, fig. 80.

Analisando-se a situação do tanque em relação à disposição do conjunto e, principalmente, no tocante à localização dos depósitos, surgem embaraçosos questionamentos sobre o padrão de implantação adotado. Se, por um lado, a abundância de água constituía-se num importante insumo, as enchentes provocadas pelas cheias do Tamanduateí eram potencializadas pela proximidade do tanque à fábrica, tornando vulnerável boa parte dos compartimentos destinados à produção e armazenagem de louças.

Não se sabe ao certo quais foram e se foram usadas estratégias para proteger os locais destinados à armazenagem do *caulim*, *quartzo* e *feldspato*, produtos sensíveis à presença de matéria orgânica e outros minerais, metálicos ou não metálicos, que pudessem estar contidos nas águas invasoras. Neste sentido, cabe reflexão sobre a gratuidade com que são associadas implantação, soluções construtivas e tipologias arquitetônicas nas edificações industriais. Diante de casos como o da Paulista, desvela-se o limite tênue entre vantagens e desvantagens a serem consideradas na aquisição de um terreno para finalidades industriais.



Fig. 45: Pátio e instalações da Paulista, na ocasião, alagados por uma enchente no rio Tamanduateí. Como esta, há outras fotografias, inclusive da parte interna, nas quais se documenta esta situação. Acervo do Museu “Barão de Mauá”. RG 177.

A exemplo do ocorrido com a Fábrica Grande, não foi possível precisar o contexto de desativação do núcleo fabril da Paulista. Sabe-se que a fábrica permaneceu com suas atividades de produção de louças domésticas até 1965, quando foi vendida. Dez anos depois, os novos proprietários transferiram a produção para o pólo industrial de Sertãozinho, também em Mauá, onde passaram a atuar no ramo de isoladores elétricos.²¹⁵ As antigas instalações, abandonadas, pereceram à ação do tempo, até sua demolição final. Atualmente ocupado por lojas de duas redes supermercados, uma grande área destinada aos setores de comércio e serviços tem como endereço formal o bairro de Vila Guarani, embora a memória local tenha batizado aquela região como “Tanque da Paulista”.

²¹⁵ MÉDICI, Ademir, *op. cit.*, p. 44 e 57.

4 Indústria de Louças Zappi (Vila Prudente, 1918-1955)

4.1 Origem e evolução das instalações fabris

Entre meados da década de 1910 e finais da década de 1930, o ramo das louças de pó-de-pedra já havia alcançado uma expansão significativa não só em relação ao número de fábricas estabelecidas, mas também no que dizia respeito à sua disseminação para novas regiões, dentro e fora do estado de São Paulo.²¹⁶ Na capital paulista e na região dos atuais municípios de Mauá e São Caetano, este quadro foi em grande parte proporcionado pela constituição de um corpo de técnicos e operários especializados, muitos dos quais, findos os seus contratos de prestação de serviços, tornar-se-iam empreendedores.

A Indústria de Louças Zappi surgiu neste contexto em que antigos técnicos-operários – sozinhos ou unidos a sócios capitalistas – decidiram montar novas fábricas de louça, notadamente em localidades afastadas da pioneira, a Fábrica Santa Catharina. José Zappi, seu fundador, era natural de Imola, na Itália, e chegou a São Paulo juntamente com os primeiros ceramistas contratados por Romeo Ranzini. Zappi aparece ainda como um dos principais envolvidos no desenvolvimento técnico Santa Catharina e na difusão do ramo da fabricação de louças de pó-de-pedra em São Paulo.²¹⁷

Para a instalação da fábrica, foi escolhido o bairro de Vila Prudente, o qual vinha ganhando, desde finais do século XIX, uma configuração urbana e industrial, caracterizada pela presença de uma vila fabril, por habitações diversas, escolas e estabelecimentos comerciais além, é claro, de toda uma infra-estrutura ligada à produção.²¹⁸ Nas proximidades do local escolhido, foi instalada, ainda, a Companhia Cerâmica Vila Prudente, de propriedade do Dr. Luiz Inácio de Anhaia Mello, cuja produção em larga escala de tijolos e telhas fê-la figurar entre principais indústrias do estado.²¹⁹

O período que marca o auge da Indústria de Louças Zappi (décadas de 1940-50) coincide com a atuação de José Zappi junto a esta Companhia Cerâmica, na qual atuou como diretor-técnico.²²⁰ Outras informações sobre este período inicial referem-se à origem modesta da fábrica de louças, que foi idealizada com a finalidade de produzir azulejos e louças sanitárias. O núcleo inicial foi construído em 1918 em terreno baixo e alagadiço, situado nas

²¹⁶ Cf. PILEGGI, Aristides. *op.cit.*, p. 146-151.

²¹⁷ Cf. VICENTE DE AZEVEDO, Francisco de Salles. *op. cit.*, p. 28.

²¹⁸ BRUNO, Ernani Silva. *op. cit.*, p. 1182.

²¹⁹ LLOYD, Reginald (dir.) *Twentieth impressions of Brazil: its history, people, industries and resources*. London: Lloyd's Greater Britain Publishing Company Ltd., 1913, p. 697.

²²⁰ RONCO FILHO, Mário. *O bairro de Vila Prudente "um gigante paulistano": sua história, sua gente*. São Paulo: S.N. 1989, p. 28.

proximidades do Córrego das Vacas, o qual havia recebido o nome de “Poça Funda” em função das nascentes de água que ali se encontravam.²²¹

Em vista das necessidades operacionais – transporte de matérias-primas e produtos acabados, abastecimento de água e energia, oferta de mão-de-obra – e motivações econômicas – terrenos mais baratos –, seria impreciso atribuir a um só fator a instalação da fábrica numa área com tais características, seja pelos seus aspectos positivos e negativos, seja pela sua comparação com o terreno da Fábrica Santa Catharina, que além de alto, seco e relativamente mais próximo da ferrovia, constituía-se na principal referência visual deste tipo de instalação.

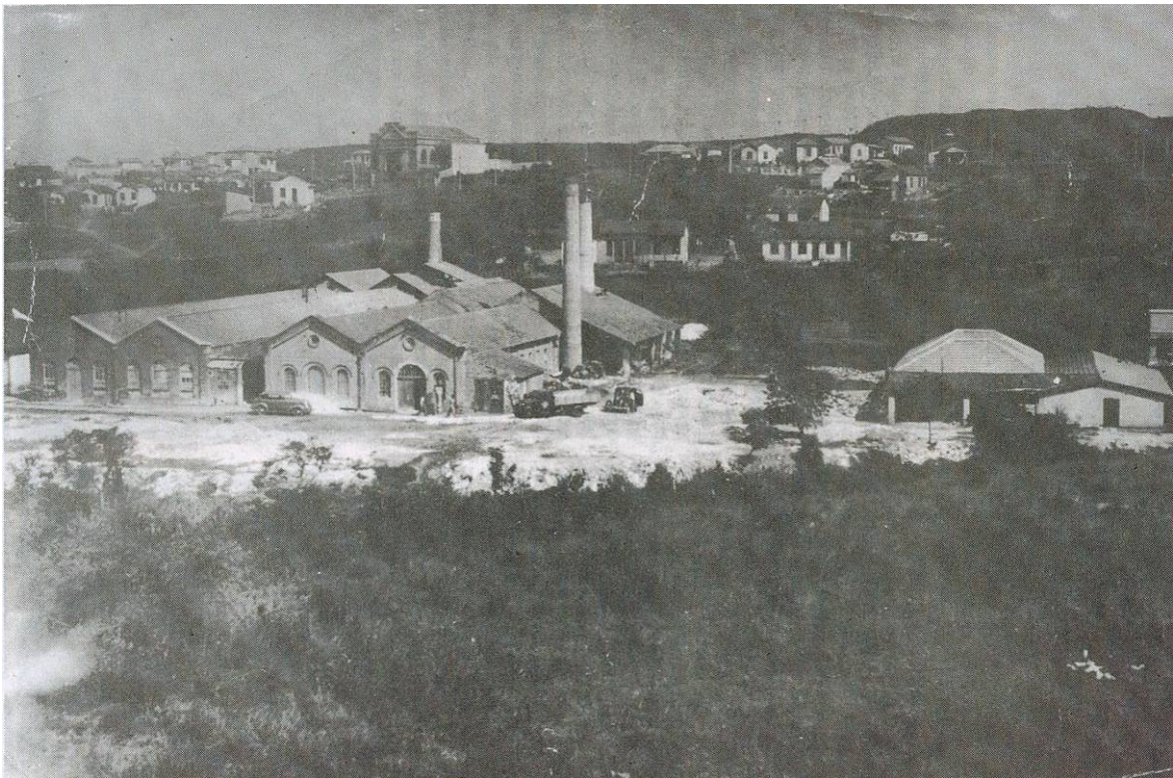


Fig. 46: Indústria de Louças Zappi em 1938. Autor desconhecido. As características de implantação refletem a topografia do terreno, que contribuiu para dar maior unidade ao conjunto, composto ainda por um telheiro e uma construção de feições residenciais. A foto também permite ver a posição da fábrica em relação ao seu entorno imediato, no qual se identificam algumas residências e uma construção religiosa. Fonte: RONCO FILHO, Mário. *op. cit.*, p. 42.

Entre as características externas do conjunto, destacam-se a padronização das janelas e portas em arcos plenos, a instalação de óculos nas partes superiores das fachadas e a elevação dos telhados na parte posterior dos galpões, gerando uma projeção vertical aproveitada como sistema de ventilação. Seguindo os padrões da época, os pavilhões foram construídos contiguamente, sendo a coleta de águas pluviais feita por calhas instaladas na junção dos telhados.

²²¹ Idem, *ibidem*, p. 42.

O padrão de implantação verificado revela uma interessante relação entre o perfil do terreno e a composição do conjunto fabril, que neste caso contribuiu para a maior unidade estilística dos edifícios. Vale notar, ainda, o espaço existente entre os dois blocos-pavilhões, e mesmo uma diferença na coloração dos tijolos que pode significar que a construção se deu em duas ou mais etapas até alcançar a configuração apresentada na fotografia.

Constituindo quase que uma regra nos casos estudados, esta construção em etapas é responsável, ainda, pela compartimentação dos ambientes produtivos, que pode ser verificada em um *layout* elaborado pela empresa que ocupou o prédio após o fechamento da fábrica, em 1957.²²² Contudo, a evolução do quadro funcional e do consumo de energia na fábrica, no período de 1928 a 1937, mostra indícios de que as construções tenham se dado em momentos distintos, como resposta às necessidades espaciais da produção e, sobretudo, a aumentos no capital da empresa, como demonstra o quadro abaixo:

| Ano | Operários | Força Motriz/ tipo | Fornos | Capital |
|------|-----------|---------------------------|---------------|--------------|
| 1928 | 18 | 30 C.E./ não especificada | Não fornecido | 60:000\$000 |
| 1929 | – | – | – | – |
| 1930 | 13 | 20 H.P./ elétrica | 3 | 50:000\$000 |
| 1931 | 14 | 37 H.P./ elétrica | 2 | 75:000\$000 |
| 1932 | 15 | 40 H.P./ elétrica | 3 | 100:000\$000 |
| 1933 | 32 | 45 H.P./ elétrica | 3 | 75:000\$000 |
| 1934 | – | – | – | – |
| 1935 | 46 | 53 H.P./ elétrica | Não fornecido | 136:000\$000 |
| 1936 | 45 | 56 H.P./ elétrica | Não fornecido | 136:000\$000 |
| 1937 | 55 | 60 H.P./ elétrica | Não fornecido | 300:000\$000 |

Todavia, não foram encontradas informações mais precisas sobre o maquinário, as fontes de energia e os meios de transporte de produtos e matérias-primas, assim como outras indicações sobre a organização interna da fábrica. Excetuando-se a localização das chaminés, indicativas dos locais destinados aos fornos, são limitadas as chances de uma reconstituição mínima do ciclo de produção. Neste sentido, faz-se necessário um olhar atento para as características formais dos edifícios da Indústria de Louças Zappi S/A, a partir das quais – assim como do padrão de implantação, já mencionado – surgem questões sobre a correspondência entre renovações formais e tipologias construtivas.

²²² Respectivamente: SÃO PAULO (Cidade), SMG-DAMP, Processo 132.653/1954; e CIA TEPERMAN DE ESTOFADOS. *Layout Planta Geral CTE*. Escala 1/400. in: CUSSIOL, Camila Chicchi; FERRETTI, Renata Cristóvão. *Zappi S/A*. 2003. Trabalho final apresentado à disciplina de graduação AUH127: Conservação e Restauração do Patrimônio arquitetônico - FAU/USP, São Paulo.

²²³ Cf. SÃO PAULO (Estado) Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio. *op. cit.* As páginas correspondentes são: 1928, p. 54; 1930, p. 97; 1931, p. 99; 1932, p. 102; 1933, p. 124; 1935, p. 125; 1936, p. 137 e 1937, p. 149.

4.2 Tipologias, técnicas e regularização das construções

Em trabalho de campo realizado antes da demolição total do conjunto, foram documentadas as técnicas construtivas, os materiais utilizados e as diferenças estilísticas entre o núcleo mais antigo da fábrica e ampliações ocorridas na década de 1940, quando da associação entre Zappi e Aristides Pileggi, também ceramista. Há indicações de que esta fase de ampliações tenha contemplado também a construção de escritório e de uma sala de mostruário, bem como de um laboratório para análise de matérias-primas, os quais se localizavam próximos ao portão de entrada da fábrica.²²⁴

Embora apresentassem estrutura e técnicas construtivas ainda tradicionais – alvenaria de tijolos, telhados de duas águas, com estruturas de madeira – os novos edifícios traziam renovações formais, as quais podem ser verificadas tanto no tratamento das fachadas quanto no emprego de caixilhos em cimento armado, além do uso de platibandas, que conferiram ao conjunto uma roupagem modernizante, apesar da manutenção de volumes e de uma concepção do espaço ainda afeita aos antigos edifícios. (fig. 47)

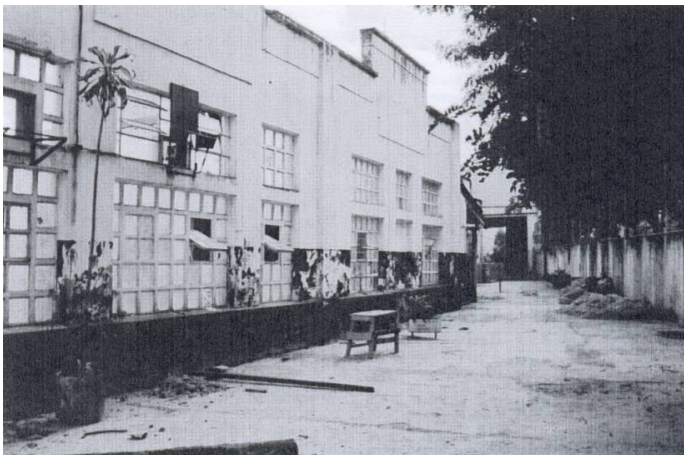


Fig. 47: Fachada da Zappi S/A. Década de 1950. Autor desconhecido. Este estilo de fachada caracteriza-se por conferir novas formas sem, contudo, se alterarem a configuração e a implantação tradicionais dos galpões industriais. Fonte: Acervo do Colégio João XXIII, Círculo Operário de Vila Prudente.

De maneira geral, a documentação oficial sobre as construções apresenta-se bastante deficitária. Não foram encontrados documentos oficiais (plantas, memoriais) que contemplassem esta fase das ampliações, assim como as construções do núcleo inicial da fábrica. Dessa maneira, fica prejudicada uma leitura mais detalhada do espaço interno, bem como das relações entre as novas construções e o encadeamento das atividades produtivas.

Das poucas referências às obras da Indústria de Louças Zappi, no contexto da década de 1950, duas estão associadas à regularização de construções existentes e apenas uma contém o projeto de uma edificação nova. Os pedidos de “conservação” de obras correspondem a uma área construída de aproximadamente 500 m², dividida entre quatro

²²⁴ CUSSIOL, Camila Chicchi; FERRETTI, Renata Cristóvão. *op. cit.* p. 1 e 9.

barracões erguidos sem licença, com a justificativa de serem “para depósito de materiais anexos à fábrica de louças sanitárias”, ou ainda como “estufa e 3 barracões para fins industriais”, tendo recebido o seguinte parecer por parte de técnico da prefeitura:

Snr. Eng. Chefe,

São construções para ampliação de cerâmica (Fábrica de Louças Sanitárias) instaladas no local com forno para cozimento, estando de acordo com o código e atendendo a natureza da indústria.²²⁵

Curiosamente, o processo contém notificações de multas e indeferimentos diversos, além de seu conteúdo projetual reduzir-se a apenas uma planta, na qual são representados apenas dois galpões (11,30 X 15,30 m), sem menção aos demais. Esta planta, apesar de conter a localização do conjunto e sua relação com o existente, tem sua leitura prejudicada por não apresentar cotas ou escala. A mesma imprecisão caracteriza outros processos relativos às ampliações da Zappi, nos quais o volume de apensos supera o do processo original, resultando em um conjunto de informações confusas sobre a localização no terreno ou mesmo sobre o andamento das obras.

Contudo, ao analisarem-se planta e memoriais – descritivo e industrial – contidos em um processo de 1954, surgem indícios da vinculação entre processo produtivo, inovações tipológicas e exigências mínimas de salubridade dos ambientes, reveladas no projeto de um novo galpão a ser construído na extremidade sul do terreno, contiguamente às construções mais antigas, no qual são mencionados o número de operários, sua divisão por sexo, e ainda detalhes das instalações sanitárias.²²⁶

Destinado ao trabalho de “15 homens” e “25 mulheres” o salão foi projetado para a instalação de tornos para pratos e de prensas para a fabricação de azulejos. Apresentando uma tipologia totalmente nova em relação aos edifícios até agora analisados, os 482 m² deste pavilhão contrastavam com o padrão das demais construções, embora o memorial descritivo apontasse, ainda, para o uso de materiais tradicionais como tijolos e, sobretudo, a cobertura com telhas do tipo “Marselha”, assentadas sobre estruturas de madeira. Caracterizada pela presença de um lanternim central, com um perfil que apresentava leve curvatura, tal solução pode causar certo estranhamento, visto que estaria mais afeita ao uso de estruturas e telhas metálicas do que aos materiais citados.

²²⁵ Cf. SÃO PAULO (Cidade), SMG-DAMP, Processo 34.987/1938.

²²⁶ Idem, Processos 39.541/1954 e 132.653/1954. O primeiro pedido foi indeferido por não atender às exigências sanitárias e de iluminação, mas a tipologia e as dimensões do galpão foram mantidas no projeto aprovado.

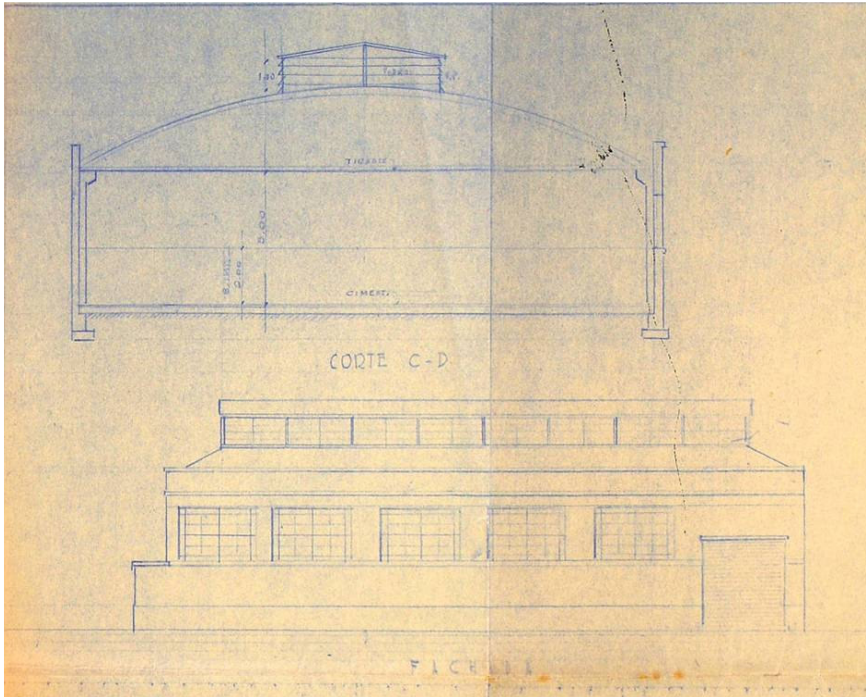


Figura 48: Corte e Fachada do edifício, com destaque para a curvatura do telhado, dotado de um tirante para a compensação de forças e de um sistema de coleta de águas pluviais, instalado nas laterais do galpão. Fonte: SÃO PAULO (Cidade), SMG-DAMP, Processo 132.653/1954.

Ainda no mesmo processo, uma “Planta Geral” dá uma idéia de qual era, à época, a composição do conjunto fabril. Com a adição do novo pavilhão, seriam ao todo quatro blocos de edifícios, cabendo a maior área aos edifícios identificados ao núcleo inicial e às ampliações ocorridas na década de 1940. Devido à posição central deste bloco, é possível que os aumentos na fábrica tenham privilegiado a concentração das tarefas produtivas, embora, neste período, a Zappi já houvesse diversificado a produção, abrangendo não só azulejos e louças sanitárias como também uma refinada linha de louças de mesa e peças decorativas. Ocupando cerca de um terço da área total, os outros volumes poderiam ser identificados às tarefas administrativas e subsidiárias, tais como oficinas e depósitos.

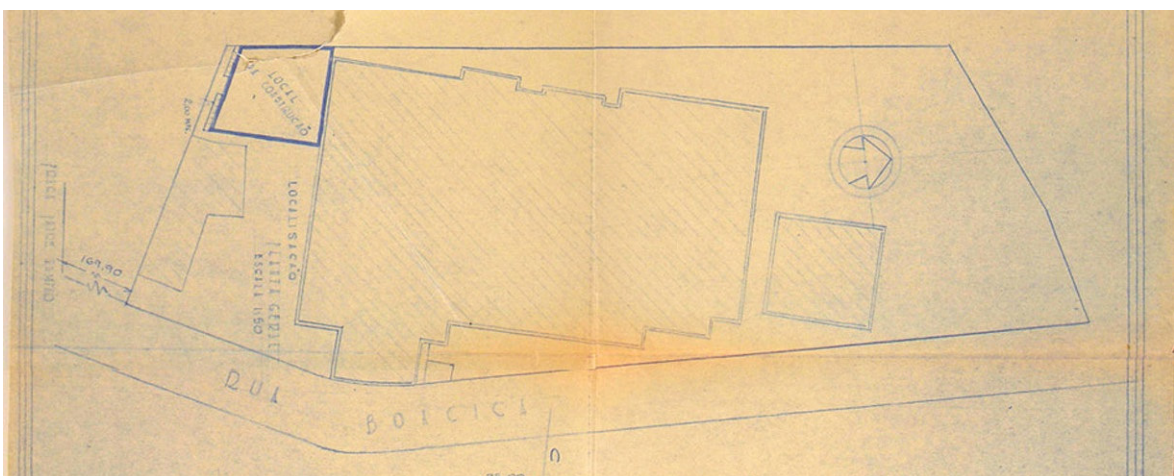


Fig.49: “Planta Geral”, com a situação do novo pavilhão, na extremidade superior esquerda. Com o norte à direita, pode-se perceber a implantação do núcleo anterior (hachurado) e ainda a existência de dois edifícios anexos, sem maiores referências no material consultado. Fonte: SÃO PAULO (Cidade), SMG-DAMP, Processo 132.653/1954.

Em uma foto aérea do conjunto, tirada antes da demolição ocorrida em 2003, esta nova construção destaca-se do conjunto fabril, à época, bastante modificado e adensado, mas que ainda permite a identificação das características tipológicas comentadas anteriormente. Embora com ressalvas, estas características favorecem uma proposta de reconstituição dos principais momentos de constituição do conjunto fabril, cujas atividades de produção de louças encerrar-se-iam em 1957, talvez como um primeiro indício da crise enfrentada pelo setor nas décadas posteriores.



Fig. 50: Fotografia aérea da Cia. Teperman de Estofamentos. Autor e data desconhecidos. As legendas correspondem à cronologia dos galpões, formulada a partir do trabalho com as fontes textuais e iconográfica consultadas. Na primeira fase, o bloco correspondente à **figura 47**, o qual teria sofrido alterações e ampliações durante as ampliações da década de 1940. O último bloco corresponde ao galpão da figura 48, e destaca-se do conjunto pela sua tipologia diferenciada. Fonte: CUSSIOL, Camila Chicchi; FERRETTI, Renata Cristóvão. *op. cit.*

5 Companhia Paulista de Louças Ceramus (Belenzinho, 1919-?)

5.1 Constituição e organização interna do complexo fabril

Diferentemente dos casos anteriores, as instalações da Ceramus não figuraram em publicações celebrativas. Tampouco foram biografados seus fundadores e, estranhamente, sua memória parece ter sido apagada do bairro do Belenzinho.²²⁷ As reduzidas referências textuais e iconográficas aos recursos materiais e humanos da fábrica contrastam com a reconhecida qualidade dos artigos produzidos, indicada pela participação da mesma na Primeira Feira Internacional das Indústrias, de 1954.²²⁸ As únicas fotografias do conjunto são contemporâneas, resultado de visita ao local feita em junho de 2006.

Todavia, foram localizados processos e plantas relativos a construções realizadas no primeiro biênio de seu funcionamento (1919-20), e projetos de ampliação e reformas identificados com os anos de 1924, 1929 e 1940. Do conteúdo deste material foram extraídas informações sobre a organização interna da fábrica, tais como a localização das seções e dos depósitos (matérias-primas e produtos acabados), quantidade e implantação dos fornos; externamente, percebem-se o sentido da ocupação do terreno, detalhes de fachada e a relação entre fornos e chaminés.

As primeiras referências às instalações da Ceramus surgiram indiretamente, em resposta a uma dúvida sobre a construção de um muro na Rua Eloy Cerqueira, entre as ruas Dr. Arthur Motta e Herval. No esclarecimento prestado pelo requerente, em setembro de 1918, consta que “O terreno para construir o muro está em aberto e pertence à fábrica de faiança em construção.”²²⁹ Como requerente, no entanto, o nome da fábrica surgiria somente em outubro de 1919,²³⁰ solicitando licença para o “aumento de uma fábrica.”

O objeto do pedido é uma edificação em “L” com cerca de 43 m², a qual seria destinada a abrigar três fornos *intermitentes*, cujo formato – com a chaminé acoplada –, pode ser observado nos cortes (fig. 51). A planta de situação remete a um núcleo preexistente, localizado na esquina das ruas Arthur Motta com Eloy Cerqueira, a uma distância de 105 m da Rua Herval. Neste bloco, há um forno, assinalado como “existente”, com o qual se alinhariam dois dos novos, fornecendo uma primeira orientação para análise da próxima fase construtiva.

²²⁷ Informações sobre a fábrica e seus funcionários foram buscadas, sem sucesso, em publicações sobre a memória dos bairros de São Paulo, e ainda em trabalho acadêmico sobre a região. Ver: ANDRADE, Margarida Maria. *Bairros além Tamanduateí*. 1991, 275 p. Tese (Doutorado) - FFLCH/USP, São Paulo.

²²⁸ CATÁLOGO Oficial da Exposição do IV Centenário e I Feira Internacional de São Paulo, SP. São Paulo: Impres, 1954, p. 365.

²²⁹ Cf. SÃO PAULO (Cidade). SMC-AHMWL, Doc. 9 Cx. E1/1918.

²³⁰ Idem, *ibidem*, Doc. 51 Cx. A7/1919.

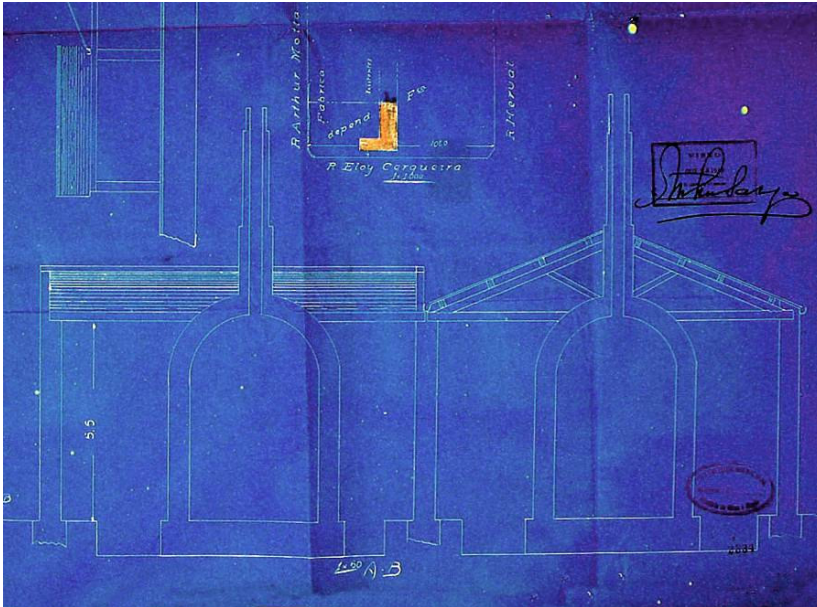


Fig. 51: Corte A-B e Planta de Situação, constantes de projeto de aumento da Ceramus, 1919. Note-se o formato dos fornos *intermitentes*, e a implantação em “L” do novo edifício, o qual margeia a construção existente. Fonte: SÃO PAULO (Cidade). SMC-AHMWL, Doc. 51 Cx. A7/1919.

Encaminhada juntamente com um novo pedido de ampliação (construção de fornos e de um galpão), a “Planta Geral da fabrica de louças da Cia. Paulista de Louças ‘Ceramus’”²³¹ traz detalhes de sua organização interna, com direito à localização das principais seções, dos depósitos e de instalações auxiliares. Considerando-se os aumentos previstos, a área destinada às atividades produtivas seria de aproximadamente 4.380 m², a qual se encontrava dividida nos seguintes compartimentos:

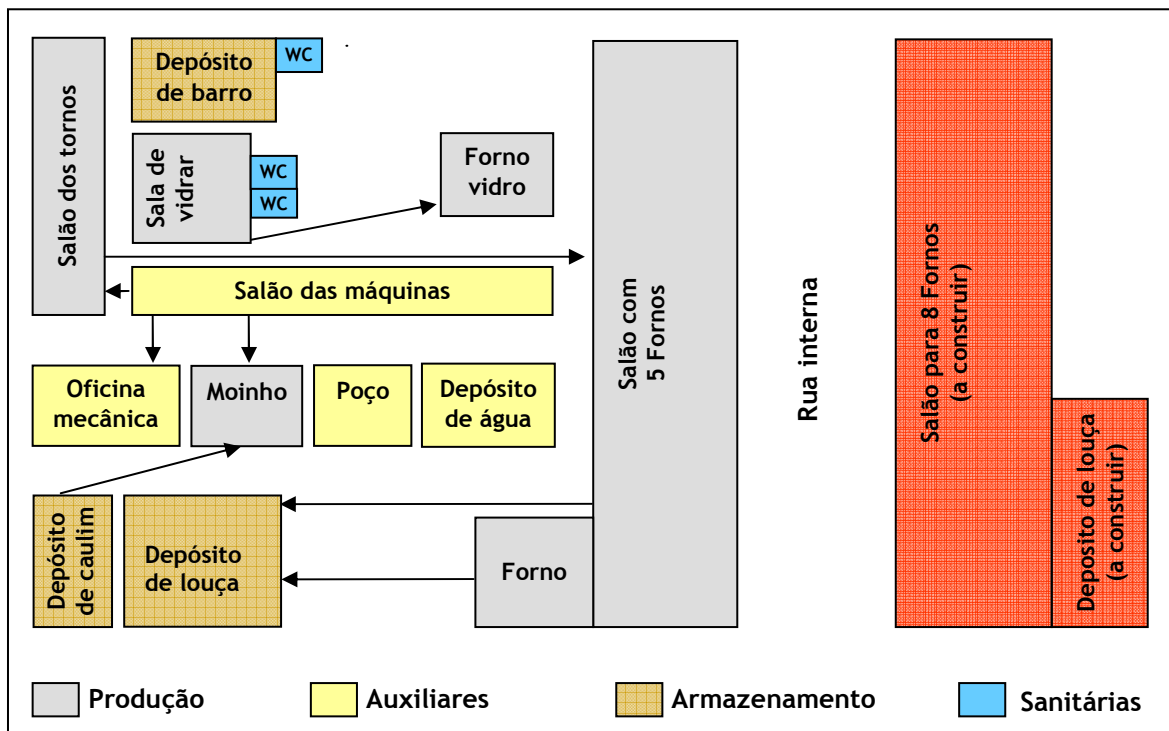


Fig. 52: Esquema da organização espacial da Cia. Ceramus, elaborado a partir da “Planta Geral”, de 1920. As setas indicam as relações de dependência entre alguns dos ambientes identificados.

²³¹ Idem, ibidem, Cx. H2/1920, documento não numerado.

O esquema da **figura. 52** permite a visualização das relações espaciais entre os diferentes compartimentos em funcionamento em 1920. Embora não apresente integralmente as etapas da produção de louças, a planta original é uma das poucas a fornecer claramente a localização da sala das máquinas, dos depósitos e de instalações sanitárias. A circulação entre os ambientes é favorecida por aberturas existentes em vários pontos, sobretudo naqueles relacionados às etapas de queima e aos depósitos de caulim, água e barro.

Das etapas de *formação* – amplamente difundidas nas fotografias de outras fábricas –, estão ausentes (ou não foram identificadas) as seções responsáveis pela transformação das matérias-primas em massa (líquida ou pastosa), bem como as seções de fundição e os amplos espaços destinados à secagem dos produtos, diferentemente do que ocorreria com a seção de fornos, de longe a mais privilegiada na fábrica. Apreciando-se a planta original e o esquema da figura 52, pode-se averiguar a concentração dos seis fornos existentes e o projeto de novos salões com capacidade para abrigar oito novos fornos.

5.2 Características externas: os projetos e suas fachadas

As outras peças gráficas constantes do pedido de ampliação trazem cortes da região dos fornos – que seguem as diretrizes daquele contido na figura 51 – e do novo depósito de louças. Neste último, detalhes da caixilharia permitem ver uma predominância dos quadriculados e das linhas geométricas que caracterizariam um futuro projeto de reforma da fachada da Rua Eloy Cerqueira, reproduzido na figura 53:

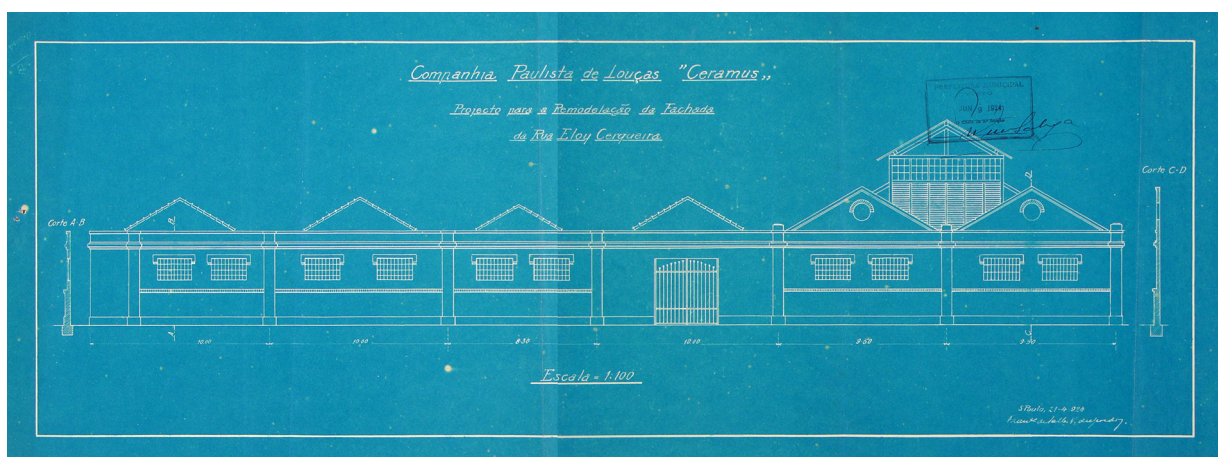
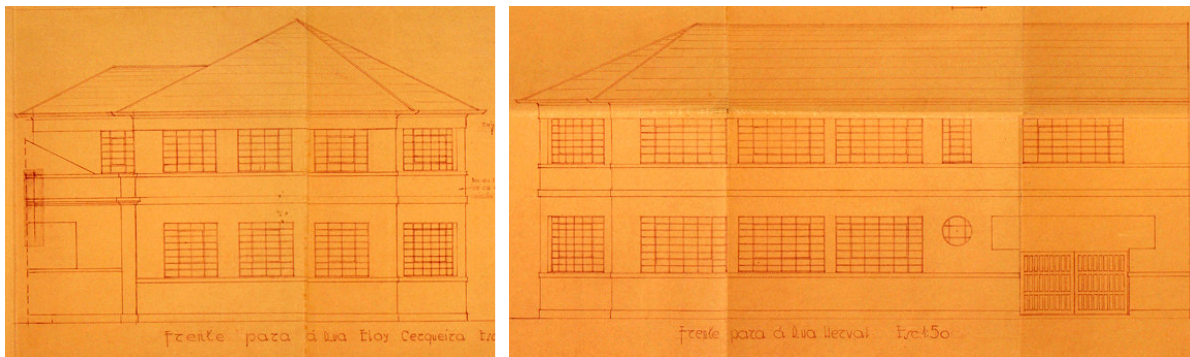


Fig. 53: “Projecto para a Remodelação da Fachada da Rua Eloy Cerqueira”, 1924. Seu autor, o engenheiro civil Francisco de Salles Vicente de Azevedo, foi eleito diretor-presidente da fábrica em 1939. Cf. SÃO PAULO (Cidade), SMG-DAMP. Processo 16.604/1940.) Fonte: SÃO PAULO (Cidade), SMG-DAMP, Processo 58.766/1924.

O uso de platibanda e as aberturas quadriculadas demarcam uma distinção de estilos entre a proposta apresentada e o padrão predominante nas fábricas de louça na década de

1920, no qual se reproduzia, nas fachadas, o desenho dos telhados. Já internamente, os projetos revelam uma orientação ainda tradicional, caracterizada por galpões contíguos e por elevações propiciadoras de melhores condições de ventilação e iluminação. Em termos estéticos, outra inovação seria a integração do portão à fachada principal voltada para a Rua Eloy Cerqueira, contribuindo para o efeito de conjunto. Apesar de excluída a platibanda, e da verticalização imposta por ampliações ocorridas na década de 1940, foram preservados traços desta tipologia, apesar da forte descaracterização percebida nas fotografias contemporâneas.

Analisando-se essas ampliações, é possível verificar que a configuração de 1920 já havia sido alterada. Um edifício com pavimento térreo e “andar superior”, destinado a abrigar um depósito e outras dependências da área administrativa, foi projetado para ocupar a esquina da Rua Herval com a Rua Eloy Cerqueira. Sua implantação previa o aproveitamento, no térreo, das paredes de uma “seção de pintura” preexistente, mas que não foi contemplada pela “Planta Geral”. Ao se confrontar a medida da face voltada para a Rua Eloy Cerqueira (12 m), com a faixa de terreno deixada naquela fase (16 m), percebe-se que o espaço deixado fora, muito provavelmente, aproveitado para o aumento das instalações, antes de se ocupar totalmente a esquina das referidas ruas (figs. 54 e 55).



Figs. 54 e 55: Fachadas de edifício de 1940. Na Rua Eloy Cerqueira à esquerda, nota-se a manutenção do estilo adotado em 1924; na Rua Herval, o destaque fica por conta do novo portão de entrada (à direita), também harmonizado na composição. Fonte: SÃO PAULO (Cidade), SMG-DAMP Processo 16.604/1940.

Nos detalhes de fachada, nota-se a preservação das linhas adotadas em 1924, diferenciando-se pela cobertura do pavimento superior, que recebeu beirais. Também nessa composição, optou-se pela harmonização do novo edifício com os existentes e a volumetria do conjunto, caracterizada por trechos recortados, os quais promovem um agradável efeito visual. Em termos funcionais, surge ali um compartimento identificado como “entrada”, responsável por dar acesso tanto ao novo depósito e às dependências da produção quanto à parte administrativa, composta por escritório, diretoria, sala de espera e arquivo (que, aliás, consiste em um dos poucos exemplos deste tipo de instalação localizados na pesquisa).

Ao se observar o mesmo edifício contemporaneamente, ainda é possível perceber as linhas da antiga fábrica de louças. Apesar das mudanças no uso, da forte descaracterização do conjunto e do esforço dos atuais ocupantes em criar uma identidade visual para suas empresas (figs. 56-58), aquelas linhas registram a presença de uma entre as tantas atividades industriais desenvolvidas no bairro do Belenzinho, o que pode estimular – e este é um dos objetivos deste trabalho – a busca por outras referências, talvez melhor documentadas, de seu patrimônio arquitetônico industrial.



Fig. 56: Esquina das ruas Eloy Cerqueira (E) e Herval (D). Em primeiro plano está o edifício de 1940, cuja volumetria e tipologia foram mantidas, apesar da verticalização dos edifícios adjacentes, a qual gerou sua descaracterização. Foto do Autor, 2006.



Fig. 57: Parte da Fachada da Rua Eloy Cerqueira. Neste ponto são afirmados, através da pintura das paredes, os indicadores de identidade corporativa das diferentes empresas que hoje ocupam o antigo complexo da Ceramus. Foto do Autor, 2006.



Fig. 58: Esquina das Arthur Motta (E) e Eloy Cerqueira (D). De tipologia próxima àquela adotada na década de 1940, as ampliações denotam um conjunto harmonioso, embora não haja indícios de que as obras tenham sido realizadas pela fábrica de louças. Foto do Autor, 2006.

6 Fábrica de Louças Romeo Ranzini (Lapa, 1929)

Com o estabelecimento desta nova fábrica, em 1929, o industrial Romeo Ranzini voltou à lista dos empreendedores do ramo das louças. Mesmo após a perda do controle da Santa Catharina para o grupo Matarazzo, Ranzini ali permaneceu durante um curto período, como responsável técnico.²³² Em época marcada por forte crise econômica, é de se admirar essa nova investida, concretizada com a construção de um pequeno galpão em terreno da Rua Clélia, esquina com a Rua Duílio, a poucas quadras da pioneira.

Nos processos relativos à construção e a aumentos da fábrica, ocorridos entre 1929 e 1938, encontram-se detalhes de implantação, tipologia dos edifícios, materiais e técnicas construtivas, além de aspectos da organização interna advindos da identificação dos compartimentos, em diferentes etapas. As plantas de situação constituem-se em raro exemplo de documentação da trajetória dos edifícios.

Mesmo não possuindo a pujança das instalações da Fábrica Santa Catharina, a “RR” caracterizou-se, desde o momento de sua fundação, pela coerência entre o espaço fabril e a visão estratégica de Romeo Ranzini, que iniciou a produção pelas “tintas e colorantes minerais”, e não pelas louças de pó-de-pedra propriamente ditas.²³³ Esta opção deveu-se, em grande parte, ao fato de Ranzini conter as patentes de certo tipo de esmalte colorido, o qual fora muito difundido entre finais da década de 1920 e início da década de 1930.²³⁴ Além disso, há que se considerar que a produção de esmaltes necessitava de uma estrutura bem menos complexa do que a produção integral das louças, o que pode ser confirmado pela ausência de fornos, e pela reduzidas dimensões do galpão (203 m²).

Esta fase modesta, porém, não deixava de prever a ampliação dos negócios e, conseqüentemente, da área construída, como demonstra a implantação deste primeiro núcleo, no fundo de um terreno em “L”, de razoáveis dimensões. Em 1932, uma planta anexa a um pedido de *Habite-se*, encaminhado pelo industrial, revelava aumento significativo da área construída, que a essa época atingiu 500 m², descontadas as instalações sanitárias já existentes em 1929 (cerca de 12 m²). Ainda nesta fase, constata-se a existência de um forno com 8 m de diâmetro e a previsão de instalação de um segundo, ambos na longitudinal de um salão identificado como “Fábrica de velas para filtros.”²³⁵

²³² RANZINI, M. B. F. – *Miriam Bery Ferraz Ranzini, op. cit.*, 55 p., p. 1.

²³³ SÃO PAULO (Cidade) SMG-DAMP, Processo 67.945/1929.

²³⁴ Ver a respeito: RANZINI, M. B. F. *op. cit.* p. 5; e ainda: PEREIRA, José Hermes Martins. *op. cit.*, p. 78.

²³⁵ SÃO PAULO (Cidade) SMG-DAMP. Processo 44.824/1932. Assim como a produção de tintas, a de velas para filtros pode ter surgido como alternativa não só à falta de recursos, mas também devido à grande

Embora houvesse sido projetada uma fachada para o edifício, foi somente ao ampliar-se este salão que as instalações da “RR” puderam deixar os fundos do terreno – situação que justificaria, ironicamente, o uso do termo “fábrica de fundo de quintal” – para ganhar a Rua Clélia, na qual se consolidaria, ainda na década de 1930, a imagem externa da segunda empresa fundada por Romeo Ranzini.



Fig. 59: Fachada da Fábrica de Louças “Romeo Ranzini”, década de 1930. Autor desconhecido. Ausência de beirais e linhas simplificadas caracterizam esta parte do conjunto, implantada na esquina das ruas Duílio (E) e Clélia (D). A seqüência do edifício, que não aparece na foto, constitui-se do núcleo inicial expandido, aos quais se associam as chaminés dos fornos (do centro para a direita). Fonte: Reprodução do original, in: COLEÇÃO RANZINI. Acervo do Museu Paulista/USP.

Até chegar a essa configuração, entretanto, a fábrica passaria por nada menos que nove fases construtivas, duas delas relacionadas à verticalização edifícios existentes. O resultado destas ampliações, em termos de implantação, poderá ser conferido na figura 61. Internamente, as reformas deixam entrever as crescentes necessidades espaciais de empresa, apesar de não apontarem diretamente para a diversificação da produção. Todavia, em dezembro de 1932, um pedido que corresponde à quarta fase de construção do conjunto já apresenta a “RR” como uma “fábrica de *louças* e tintas minerais”. Na planta anexa, a consolidação das etapas anteriores se faz acompanhada pela adição de um volume perpendicular (12,40 x 8,70 m), destinado a abrigar um terceiro forno.

Na esquina das ruas Clélia e Duílio, dois novos blocos de dois pavimentos foram executados entre a fase anterior e outubro de 1933.²³⁶ No mesmo período, completou-se a ocupação do terreno na face voltada para a Rua Clélia, com a construção de mais um bloco transversal (18,90 x 7,60 m). A seqüência dos compartimentos presentes nestes blocos revela aspectos da estrutura organizacional da fábrica, ainda identificada com a produção de velas para filtros, visto que são ausentes as seções características ou mesmo indicações sobre a

concorrência que então se verificava no ramo da louça doméstica, em vista do número de fábricas já estabelecidas nesta época, tanto na capital, quanto no ABC paulista, 7 ao todo.

²³⁶ Cf. SÃO PAULO (Cidade) SMG-DAMP. Processo 33.343/1933.

fabricação de louças domésticas. Nesta configuração, que abrangia as construções existentes, o pavimento térreo seria composto por depósitos, arquivo, escritório, outros dois depósitos, cabina de força, depósito de lenha e materiais, estufa e ainda o pavilhão da *fábrica de velas para filtros*, além das instalações sanitárias; e o pavimento “alto” conteria três pequenos salões, hall, três estufas e terraço.²³⁷

Em 1938, porém, ocorreu a última etapa de ampliações, na qual se esgotou a capacidade do terreno tanto para a construção quanto para a verticalização. Esta fase consistiu no aumento do pé-direito do volume relativo ao salão da *fábrica de velas para filtros* e do bloco destinado ao terceiro forno, aumentando-se em cerca de 450 m² a área construída. Aliada a isto, verifica-se a reformulação da fábrica, que fora dotada das seções de *galga* (pavimento térreo), *colagem*, *secagem*, *modelagem*, *pintura*, e *vasilhame*, vinculadas à produção de louças domésticas, sobretudo de jogos de chá e café.²³⁸

Comparando-se a seqüência de ampliações apresentada acima aos indicadores da fábrica durante aquela década, nota-se novamente uma correlação entre os incrementos na estrutura produtiva e o aumento do capital empregado. Tendo em vista os poucos recursos financeiros relacionados ao biênio 1930-31, e o aumento dos mesmos em mais de 893% no ano de 1933, poder-se-ia argumentar que entre as origens modestas e a composição final do edifício fabril, a Fábrica de Louças Romeo Ranzini não somente sobreviveu em um mercado concorrido como também demonstrou que a racionalidade operacional, presente desde o início da fábrica, constitui-se em elemento-chave para o sucesso e para a autonomia de um empreendimento industrial.

| Ano | Operários | Força Motriz | Fornos | Capital |
|------|-----------|------------------|---------------|--------------|
| 1931 | 5 | 3 H.P./elétrica | 1 | 50:000\$000 |
| 1932 | 60 | 21 H.P./elétrica | 3 | 50:000\$000 |
| 1933 | 74 | 25 H.P./elétrica | 3 | 446:815\$000 |
| 1934 | — | — | — | — |
| 1935 | 78 | 32 H.P./elétrica | Não fornecido | 446:815\$000 |
| 1936 | 71 | 32 H.P./elétrica | Não fornecido | 350:000\$000 |
| 1937 | 73 | 32 H.P./elétrica | Não fornecido | 350:000\$000 |

²³⁷ Cf. SÃO PAULO (Cidade) SMG-DAMP. Processo 49.918/1933.

²³⁸ Que consistiu em uma das principais linhas de atuação da fábrica no contexto da década de 1930. Papéis timbrados da empresa, hoje acervo de Museu Paulista/USP, e depoimento da nora de Romeo Ranzini (RANZINI, M. B. F. – *Miriam Bery Ferraz Ranzini*, *op. cit.*, p.11.) confirmam como estratégica a opção de produzir estas peças, o que também pode ser verificado em: VICENTE DE AZEVEDO, Francisco de Salles. *op. cit.*, p. 33.

²³⁹ Cf. SÃO PAULO (Estado) Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio. *op. cit.* As páginas correspondentes são: 1931, p. 99; 1932, p. 102; 1933, p. 124; 1935, p. 125; 1936, p. 137 e 1937, p. 149.

Na sua fase final, o conjunto revela os traços de uma tipologia consolidada, na qual se empregavam ainda os materiais tradicionais, acrescidos das estruturas de ferro utilizadas para sustentação das lajes, no caso de verticalização. Externamente, os projetos de fachada não se furtavam em adotar a mesma estrutura de galpões contíguos, observando-se, nos volumes laterais, o uso de platibandas. Havia ainda perfis marcados pela abundância de aberturas, tais como portas, janelas e portões, as quais se destinavam tanto a promover acesso e ventilação quanto a reforçar a iluminação natural, prejudicada no pavimento térreo, que não mais poderia contar com sistemas de iluminação zenital, agora restritos ao pavimento superior.



Fig. 60: Fachada da Rua Clélia. A autoria de Milton Ranzini, 1938. A parte assinalada refere-se à última etapa de verticalização do edifício, a qual contemplou a instalação de lanternins para a iluminação e ventilação da *seção de vasilhames*. O corpo maior, que também apresenta lanternim, é caracterizado pelo ritmo das aberturas existentes, entre as quais aquelas destinadas à entrada e à saída de matérias-primas e produtos acabados. Fonte: SÃO PAULO (Cidade) SMG-DAMP, Processo 66.005/1938.

Após um período de aproximadamente dez anos, marcado por ampliações sucessivas, a fábrica teve de conviver com os limites espaciais impostos pelo terreno do bairro da Lapa. Entretanto, apesar da insuficiência de informações sobre o funcionamento da “RR” entre finais da década de 1930 e meados dos anos 1940, sabe-se que em 1946, a produção de louças e velas para filtros foi transferida para Osasco, onde Romeo Ranzini encerrou suas atividades no ramo das cerâmicas, em meados da década de 1950.²⁴⁰

Em face dos limites cronológicos e espaciais deste trabalho, optou-se pelo não detalhamento destas instalações, que podem ser conferidas em vistas externas e ambientes internos fotografados pela família Ranzini.²⁴¹ Todavia, este esgotamento de potencial construtivo (ver fig. 61), em se tratando de um empreendimento industrial, merece atenção por revelar uma característica marcante desta tipologia de edificação. Se consideradas as recorrentes ampliações ocorridas nas fábricas pesquisadas, ver-se-á que existe uma estreita relação entre a localização, os recursos disponíveis e o grau de entendimento dos empreendedores em relação ao espaço para o crescimento de sua produção.

²⁴⁰ Cf. PEREIRA, José Hermes Martins. *op. cit.*, p. 81.

²⁴¹ Estas fotografias, assim como parte do material citado neste trabalho, foram reproduzidas com autorização da família, e estão agregadas ao material de pesquisas que vem sendo levantado pelo Grupo de Estudos de Faianças e Porcelanas do Museu Paulista/USP, de qual o autor faz parte.

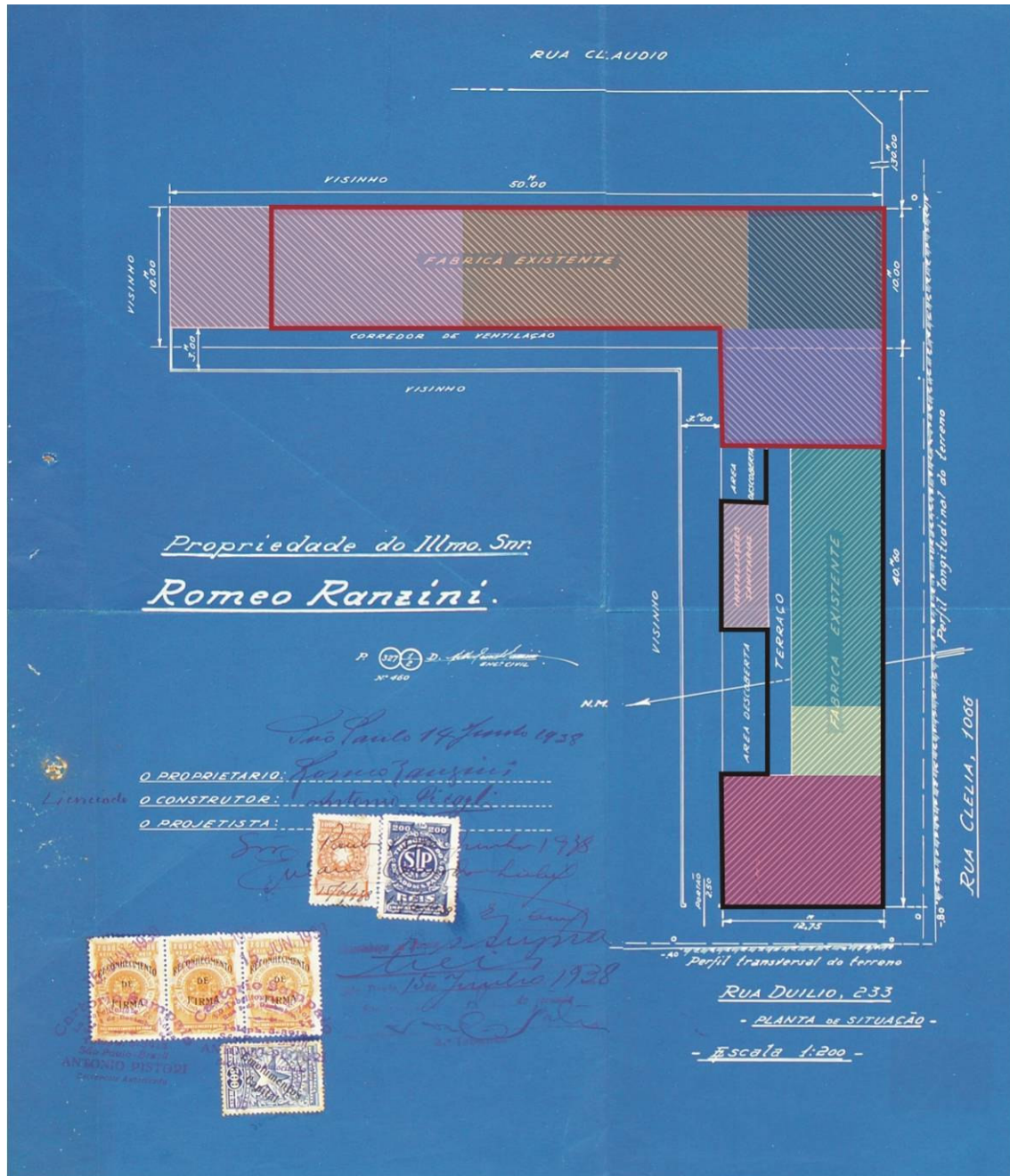


Fig. 61: Máscara identificadora das fases construtivas, sobreposta a uma planta de situação de 1938. O projeto previa o aumento de pé-direito e instalação de lanternim (que no original corresponde à área destacada pela linha vermelha). Com esta ampliação a fábrica encerrou o processo de ocupação do terreno, que fora iniciado em 1929. Na figura, é possível conferir, ainda, as assinaturas de Romeo Ranzini (proprietário), Antonio Picagli (construtor) e de Milton (...) Ranzini (autor do projeto, gravado no original da planta). Fonte: SÃO PAULO (Cidade) SMG-DAMP, Processo 66.005/1938.

7 Fábrica de Louças Adelinas (São Caetano, 1929)

Nas primeiras décadas do século XX, houve em São Caetano do Sul uma produção diversificada de artigos cerâmicos,²⁴² que abrangia desde tijolos a material refratário, de telhas a revestimentos de diversos tipos. Como já foi visto, as origens desta concentração reportam-se à antiga tradição oleira, que foi introduzida pelos beneditinos em propriedade situada no atual Bairro da Fundação, reconhecido como núcleo inicial de povoamento daquela localidade,²⁴³ que em breve não apenas entraria no roteiro das fábricas paulistas de louça de pó-de-pedra mas viria a se afirmar, em alguns anos, como um importante centro de referência da produção daqueles artigos.²⁴⁴

Aproveitando-se dessa antiga tradição e também das condições favoráveis que São Caetano oferecia – transporte ferroviário, suprimento de matérias-primas, proximidade da capital e forte concentração de imigrantes –, o comerciante português Manoel de Barros Loureiro decidiu montar, naquela localidade, a Fábrica de Louças Adelinas, a primeira do gênero a se instalar naquele distrito, que à época pertencia ao Município de São Bernardo da Borda do Campo.

Segundo um antigo técnico da fábrica, não tardou para que a empresa Barros Loureiro & Filhos alcançasse o *status* de “império industrial”, vendo triplicar o seu capital paralelamente ao crescimento dos pedidos.²⁴⁵ Como se verá adiante, esta imagem encontrava-se diretamente associada às imponentes instalações da fábrica. Ainda assim, a exemplo do ocorrido com outros estabelecimentos do setor, os únicos dados oficiais relativos à produção disponíveis provêm do volumes da *Estatística Industrial do Estado do Estado*, publicados na década de 1930. Embora haja uma discrepância entre alguns indicadores ali presentes e informações de outra fonte,²⁴⁶ sua utilidade está no registro do número operários, fornos, quantidade e tipo de energia empregada, além do capital investido na empresa. (quadro 5)

²⁴² XAVIER, Sônia M. F. *op. cit.*, p. 23-27.

²⁴³ Cf. ANDREATA, Margarida Davina. *op. cit.*; MAESIMA, Hildo Henry. *op. cit.*.

²⁴⁴ *Status* indicado tanto pela proeminência de sua indústria cerâmica – da qual se destacava a Cerâmica São Caetano, a maior do gênero na América Latina – quanto pela instalação, em período posterior, de outras fábricas de louça de mesa, tais como a Porcelana Santa Maria (1943), Cerâmica Itabasil (1944) e Porcelana Monte Alegre (1945), entre outras. (Cf. XAVIER, Sonia M. F. *op. cit.*, p. 25-26; TEIXEIRA, J. N. –*José das Neves Teixeira. op. cit.*, p. 10-11). Como que a coroar esta posição de destaque, os ícones que identificavam São Caetano na planta confeccionada pela Comissão do IV Centenário de São Paulo, (em BRUNO, Ernani Silva, *op. cit.*) compunham-se de telhas, tijolos e requintadas peças de louça de mesa, desenhadas em cores, diferentemente das peças que indicavam a Vila Prudente, outro local produtor de louças.

²⁴⁵ PATRÃO, Jayme da Costa. “O dia em que Dom Pedro visitou São Caetano”. In: *Raízes*. São Caetano do Sul, SP, ano 9, n.º 17, p. 65-67, jul.1998, p. 67.

²⁴⁶ CALDEIRA, João Netto. *op. cit.*. Pelos dados ali publicados, referentes a 1936, o número de operários seria de “cerca de 1200.”

| Ano | Operários | Força Motriz | Fornos | Capital |
|------------|------------------|---------------------|---------------|--------------------|
| 1930 | 286 | 300 H.P./elétrica | 8 | 1.000:000\$000 |
| 1931 | 377 | 300 H.P./elétrica | 8 | 1.000:000\$000 |
| 1932 | 443 | 300 H.P./elétrica | 12 | 3.517:075\$000 |
| 1933 | 483 | 300 H.P./elétrica | 14 | 3.517:075\$000 |
| 1934 | — | — | — | — |
| 1935 | 580 | 400 H.P./elétrica | Não fornecido | 6.000:000\$000 |
| 1936 | 580 | 400 H.P./elétrica | Não fornecido | 6.000:000\$000 |
| 1937 | 559 | 400 H.P./elétrica | Não fornecido | 3.000:000\$000 (?) |

A mesma lacuna informativa se repete no que diz respeito à construção do complexo fabril. Com a demolição do mesmo na década de 1980, seguida pela ocupação do terreno por um terminal rodoviário,²⁴⁸ tornou-se impraticável uma busca por processos relativos ao imóvel, inclusive pela indefinição de um responsável que autorizasse a busca por documentos ligados ao estabelecimento. Já a busca por documentos históricos esbarrou no fato de que São Caetano pertenceu, entre a época da fundação da fábrica e o ano de 1948, aos municípios de São Bernardo e de Santo André, o que pode ter acarretado uma dispersão de documentos por arquivos diversos.²⁴⁹

Não dispondo de maiores informações sobre a estruturação interna, localização dos compartimentos destinados à produção, ou ainda sobre as relações entre os edifícios do complexo fabril e fases de ampliação, instalação de maquinários etc., há que se fazer um recorte que contemple as características tipológicas e outros elementos materiais apreendidos na iconografia e em fontes textuais levantadas em pesquisa anterior, cuja leitura deverá privilegiar, sobretudo, as repercussões materiais e culturais de atributos visuais e dados históricos identificados às instalações fabris.

As primeiras referências visuais aos edifícios da Adelinas pertencem a um período de grande afirmação corporativa, iniciado com a publicação do *Catálogo Geral* da fábrica, em 1935, e estendido ao ano de 1937, data de publicação do *Album de São Bernardo*.²⁵⁰ Entre dados biográficos de seu fundador, informações sobre a capacidade produtiva e desenhos dos

²⁴⁷ Cf. SÃO PAULO (Estado) Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio. *op. cit.*. As páginas correspondentes são: 1930, p. 97; 1931, p. 99; 1932, p. 102; 1933, p. 124; 1935, p. 125; 1936, p. 137 e 1937, p. 149. A dúvida final refere-se à redução pela metade do capital invertido, apesar de os outros indicadores terem se mantido estáveis, fato este que mereceria um tratamento detalhado envolvendo outras fontes, o qual escaparia aos limites deste trabalho.

²⁴⁸ Cf. XAVIER, Sônia M. F. *op. cit.*, p. 25.

²⁴⁹ Foram consultados o arquivo do Museu de Santo André, município que reuniu a maior parte de dos documentos relativos à administração municipal daquele período, e o Centro de Documentação Histórica da Fundação Pró-Memória de São Caetano.

²⁵⁰ FABRICA DE LOUÇAS “ADELINAS”, *Catálogo Geral*. São Paulo: s.n., jan./1935. Publicação não paginada. Acervo da Fundação Pró-Memória de São Caetano; CALDEIRA, João Netto. *op. cit.*, não paginado.

principais artigos fabricados, figuram imagens das vistas “geral” e “lateral” de um portentoso conjunto fabril, imagens que surpreendem pela reprodução cuidadosa dos detalhes e proporções dos edifícios e do seu entorno, além de reforçar a associação entre a indústria e a ferrovia.

A primeira dessas imagens, que também seria reproduzida no *Album de São Bernardo*, apresenta em primeiro plano a portaria da fábrica, edificação de traços ecléticos caracterizada por uma torre, com paredes revestidas, emolduramento das janelas e coroamento da parte superior, representativa de valores como austeridade, solidez e nobreza, que também podem ser identificados na sua marca comercial, composta pelo nome da fábrica circunscrito entre folhas de louro, coroados por uma cinta mural.²⁵¹ Em perspectiva, o desenho retrata ainda duas extensas seqüências de galpões, as quais sugerem um austero e portentoso conjunto, assim descrito em 1937:

A Fabrica de louças ‘Adelinas’ – nome escolhido em homenagem a pessoas da exma. família do proprietário – ocupa a enorme área de oitenta mil metros quadrados, abrangendo trinta mil metros de edificações, de imponentes proporções e de harmoniosas linhas arquitetônicas.²⁵²



Fig. 62: “Vista geral da Fábrica de Louças ‘Adelinas’ São Caetano S.P.R. – São Paulo”, publicada no seu *Catalogo Geral*, de 1935. Acervo da Fundação Pró-Memória de São Caetano.

À imponência e à harmonia arrogadas pelo fragmento acima, há que se acrescentar o agradável efeito estético oferecido pela composição entre os galpões da fábrica e os trilhos da São Paulo Railway os quais, entremeados por um jardim lateral, formavam uma rara paisagem. Valorizada ao ponto de ter sido reproduzida em desenho colorido – também publicado no referido *Catálogo* –, essa vista lateral reforçava a vinculação entre indústria e ferrovia, ao mesmo tempo em que demarcava seu território por meio de inscrição com o nome

²⁵¹ Ver: PEREIRA, José Hermes Martins, *op. cit.*, p. 65.

²⁵² CALDEIRA, João Netto, *op. cit.*, não paginado.

da fábrica no ponto de maior visibilidade do conjunto, ou seja, aquele voltado para os passageiros dos trens que por ali circulavam. (fig. 63)

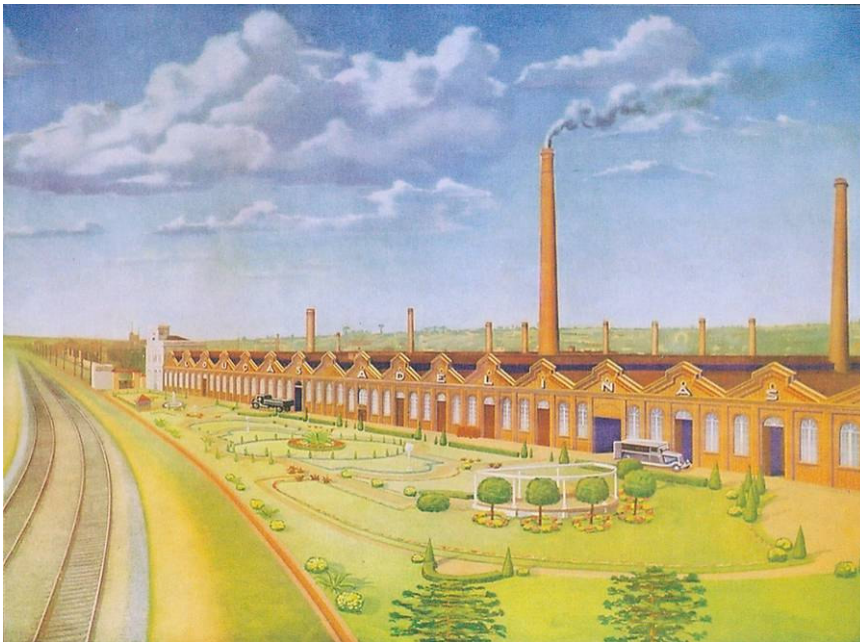


Fig. 63: “Vista lateral da Fábrica de Louças ‘Adelinas’ São Caetano S.P.R. – São Paulo”, publicada no mesmo catálogo. Acervo da Fundação Pró-Memória de São Caetano.

Há indicações, inclusive, de que essa concentração de esforços corporativo e publicitário tivesse como alvo principal a Fábrica de Louças Cláudia, concorrente da Adelinas inaugurada naquele mesmo ano de 1935 pelas Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo.²⁵³ Não obstante, o que a veiculação dessas imagens coloca em discussão é justamente a repercussão das instalações da fábrica enquanto referência visual, fosse para pessoas externas, como os clientes da fábrica ou os passantes, fosse para os operários que ali trabalhavam cotidianamente.

Exemplos dessa relação dos trabalhadores com o espaço fabril, tanto externo quanto interno, podem ser conferidos em séries de fotografias, muitas delas produzidas por pessoas dos quadros da empresa, nas quais figuram não somente o referido jardim como também aspectos da portaria e dos galpões, uma rua interna e ainda a *seção de pintura*, local marcado pela expressiva presença de mulheres.²⁵⁴

Embora não possibilitem comentários mais precisos sobre a estrutura interna da fábrica, técnicas construtivas ou cronologia das edificações, algumas daquelas fotografias foram selecionadas pelo fato de permitirem a visualização de características tipológicas do conjunto, com direito à conferência de detalhes construtivos de setores como a portaria, alguns galpões laterais e ainda a diferenciação destes em relação aos de outro bloco, identificado com um volume interno da fábrica.

²⁵³ PATRÃO, Jayme da Costa. *op. cit.*, p. 66-67.

²⁵⁴ Fotografias consultadas no acervo da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul.

A primeira destas a receber atenção, justamente por ser uma das poucas a retratar aspectos internos da produção, é uma fotografia da seção de pintura, que apesar da situação registrada deixa visível um entorno caracterizado de um lado (esquerdo) por prateleiras de louças e pilares de sustentação dos telhados, e de outro por uma parede em parte revestida, em parte de tijolos aparentes. Outro destaque seria o contraste entre a iluminação natural, que entra pelos fundos do galpão, e as lâmpadas elétricas instaladas logo acima da bancada, em clara alusão à insuficiência do primeiro sistema, sobretudo nas tarefas mais delicadas da etapa de *decoreação*. (fig. 64)



Fig. 64: Seção de pintura da Fábrica de Louças Adelinas, 1935. Autor desconhecido. Acervo da Fundação Pró-Memória de São Caetano. ID 1043.

Um retorno às imagens da parte externa da fábrica demonstra o quão fiéis e detalhistas foram os desenhos realizados para o *Catálogo* de 1935, o que reforça a interpretação dos atributos visuais inerentes aos edifícios como a materialização dos ideais corporativos mencionados anteriormente. Neste caso, há que se analisar os elementos construtivos e as características tipológicas do conjunto através dos limites entre uma imagem *pretendida* e uma imagem “real” ou *despretenciosa* dos edifícios.

No exemplo da figura 65, vê-se à portaria da fábrica uma carroça puxada por burros, uma cena corriqueira na São Caetano da primeira metade do século XX.²⁵⁵ No entanto, ao se comparar esta visão à magnitude das instalações fabris e do jardim fronteiriço à ferrovia, no qual se vêem estacionados caminhões em vez de carroças (cf. fig. 63), nota-se a incompatibilidade entre a imagem *idealizada* e a anterior, permeada por generalidades, na qual a carroça passaria a ser um elemento secundário não por ser indesejável, mas por representar a vivacidade do cotidiano.

²⁵⁵ Cf. RAMOS, Adriana M. C. de, SOUZA, Mônica de. *Cotidiano e história em São Caetano do Sul*. São Paulo: Hucitec/Prefeitura de São Caetano do Sul, 1992, p. 30-32.

Em contrapartida, os aspectos formais da portaria não deixam dúvidas quanto à fidelidade dos desenhos ao edifício existente. Detalhes como o revestimento das paredes, o coroamento da torre e o emolduramento das esquadrias denotam a diferenciação clara entre aquela construção e o restante das instalações, podendo-se mesmo associá-la à imagem de uma fortaleza, situada logo à entrada da fábrica. Em relação aos materiais e técnicas empregadas, pouco mais se poderia afirmar a não ser o uso de esquadrias de ferro em arco pleno, bipartidas no pavimento superior e de abertura tipo basculante no pavimento térreo.



Fig. 65: Portaria da Fábrica de Louças Adelinas. Autor e data não identificados. Além dos aspectos comentados acima, vale notar a presença de uma guarita, situada ao lado do portão e, ao fundo dessa, os postes da rede elétrica. Acervo da Fundação Pró-Memória de São Caetano. ID 1044.

Os próximos exemplos sugerem uma discussão sobre a relatividade da correspondência entre a fachada e a cobertura nos edifícios fabris, sobretudo no que diz respeito à instalação de sistemas de iluminação zenital e coletores de água pluviais, emblemáticos de uma tipologia arquitetônica superada apenas no contexto dos anos 1940, quando foram adotadas soluções formais com a finalidade explícita de desvincular aspectos externos e internos das construções destinadas à indústria.²⁵⁶

Na figura 66, em que se registra a saída de operárias, ficam patentes as aberturas dos lanternins situados na parte superior das coberturas. Comparando-se a fotografia e os desenhos de 1935 (figs. 66 e 67), ver-se-á que no segundo caso ocorre uma ilusão de ótica, cujo efeito é o de atribuir aos galpões desprovidos deste recurso (lanternim) uma mesma conformação estética, contudo, sem a correspondente melhoria das condições de trabalho

²⁵⁶ Exemplos destas soluções foram comentados anteriormente, no estudo de caso da Porcelana Teixeira Ltda., e também no exemplo da Indústria de Louças Zappi S/A, em cujos edifícios foram adotadas fachadas de linhas mais racionais, com uso de platibandas recortadas que escondiam a forma dos telhados.

proporcionada por aquele sistema de iluminação e ventilação, que ficavam restritas às janelas e às portas dos pavilhões, o que pode ser observado na figura 67.



Figs. 66 e 67: Saída de operárias e rua interna da Adelinas, década de 1940. Autor desconhecido. Acervo da Fundação Pró-Memória de São Caetano. ID^ºs 1085 e 1100, respectivamente.

Outro detalhe presente nas fotografias é a implantação de construções comuns, de feições residenciais, tanto à entrada quanto na rua interna da fábrica. Nesta última, inclusive, as construções caracterizam ambos os lados da referida rua, que parece ligar dois blocos de edifícios por meio de uma cobertura, também visível nesta foto, que sugere ainda a localização de um dos fornos.

Como se pôde observar, não são poucas as restrições a uma análise mais completa do conjunto da Fábrica de Louças Adelinas, de sua tipologia e padrões de implantação. O fato de o edifício ter sido demolido há mais de duas décadas contribui para o distanciamento entre a população local e o caráter simbólico daquele imponente conjunto fabril. Neste sentido, as considerações feitas a partir da documentação levantada têm como objetivo subsidiar a elaboração de um repertório crítico e analítico do qual constem, além das estratégias de pesquisa e tratamento metodológico das fontes, pontos para uma interpretação positiva das lacunas informativas tão caras às pesquisas no ramo da arquitetura industrial.

8 I.R.F.M.-Fábrica de Louças Cláudia (São Caetano, 1935)

Remonta ao ano de 1927 a entrada do grupo Matarazzo no ramo das louças de pó-de-pedra. Iniciada com a aquisição da Fábrica Santa Catharina, localizada no bairro de Água Branca, capital, a produção expandiu-se não só através de aumentos das instalações daquela, mas também em direção ao Grupo São Caetano, como era conhecido internamente o complexo industrial ali instalado, no qual se desenvolviam mormente atividades ligadas ao ramo da química.²⁵⁷

Ocupando uma área próxima à ferrovia (São Paulo Railway) a Fábrica de Louças Cláudia surgiu em 1935 com a tarefa de produzir louças domésticas, azulejos, isoladores de porcelana e louças sanitárias. Destas, somente a produção de azulejos teria sobrevivido até o encerramento das atividades, em meados da década de 1990.²⁵⁸ Apesar desse funcionamento até um período recente, as instalações da fábrica têm a sua apreciação seriamente prejudicada, principalmente, pelo abandono sistemático das edificações, o qual fora caracterizado por imbróglis judiciais desencadeados após a morte de um funcionário em 1985, vítima de intoxicação por resíduos associados à antiga produção do antigo conjunto químico do Complexo São Caetano das I.R.F.M..²⁵⁹

Não bastasse esta dificuldade de acesso ao complexo fabril, é imperativo reconhecer que, por mais que se consistisse a fábrica de louças de uma indústria “autônoma”, sua análise isoladamente ao complexo das I.R.F.M. apresenta-se deficitária por não permitir maiores averiguações em torno da interatividade entre a fábrica e seu entorno. Ainda assim, serão comentados a seguir alguns pontos de interesse a este estudo tipológico, mais pelas questões levantadas do que por pelo teor informativo.

Em visita a campo, realizada no primeiro semestre de 2006, pôde-se constatar o abandono de todo complexo, que ocupa uma grande área no Bairro da Fundação, muito próximo ao centro do município de São Caetano do Sul. A área destinada à fábrica de louças, situada numa faixa de terreno lindeira à ferrovia, não pode ser contemplada senão externamente, sendo uma das vistas mais interessantes aquela que se tem pelos fundos do terreno, quando se passa de trem pelo trecho imediatamente anterior à Estação “São Caetano” da CPTM, na qual se nota a existência de um depósito de matérias-primas onde se vêem, ainda hoje, montes de argila e caulim.

²⁵⁷ O GRUPO Matarazzo nas terras do município. *Raízes*. São Caetano do Sul, SP, ano 13, n.º 25, p. 5-7, jul. 2002, p. 5.

²⁵⁸ Ver PEREIRA, José Hermes Martins. *op. cit.*, p. 89-90.

²⁵⁹ Cf. GRANCONATO, Elaine. *op. cit.*.

Em outras vistas, igualmente tomadas da parte externa, percebe-se um conjunto de composição híbrida, revelando diferentes traços de tipologias arquitetônicas e detalhes construtivos de algumas delas, cuja identificação tornou-se possível graças a um *layout* do complexo fabril elaborado para um trabalho de graduação em 1995, do qual foi extraída a parte relativa à fábrica de louças (fig. 68):

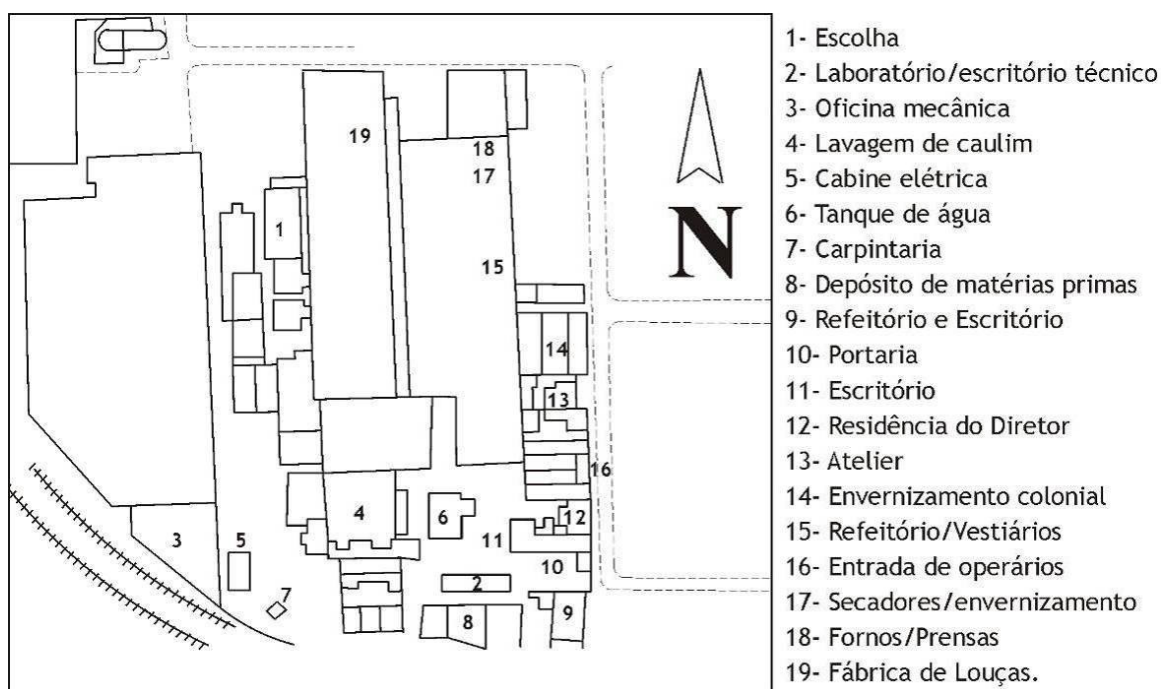


Fig.68: Parte do complexo das Indústrias Matarazzo, São Caetano do Sul, 1995, sem escala. À direita, os blocos correspondentes à Louças Cláudia. O grande bloco à esquerda pertencia à fábrica de Rayon, uma das principais indústrias do conjunto; os menores, à Fábrica de Papel e Celulose. Fonte: SOUZA, Adriana. *Repensando o espaço Matarazzo*. 1995. 81 p. Trabalho de Graduação Interdisciplinar - FAU Santos, Santos-SP.

O espraiamento notado na organização interna da fábrica de louças, fruto da especialização dos ambientes produtivos, pode ser entendido como produto da experiência adquirida na fábrica da Água Branca. Desde a localização dos depósitos na área próxima à ferrovia, até a concentração das etapas de *formação*, *decoreção* e *armazenamento*, passando por setores de laboratório, *concepção* e instalações subsidiárias, vê-se um empreendimento marcado pela racionalidade espacial, infelizmente, pouco contemplado na iconografia histórica.

Um dos raros ambientes documentados nas fotografias institucionais foi a *seção de secagem*. Esta seção, tornada emblemática pelo seu repetido uso por várias fábricas, tem como característica principal uma grande quantidade de prateleiras, todas ocupadas por louças aguardando o momento de serem queimadas. Na foto referente à Cláudia, a mesma cena se repete, no entanto, a presença de um operário, que se utiliza de uma escada para alcançar a altura da prateleira a ocupar, denota a simplicidade de algumas soluções internas, de certa

forma desalinhadas com a sofisticação sugerida pela fotografia de outro ambiente interno, o *mostruário* da fábrica. (figs. 69 e 70)



Figs. 69 e 70: Seção de secagem e mostruário da Fábrica de Louças Cláudia, década de 1940. Fonte: [INDÚSTRIAS REUNIDAS FRANCISCO MATARAZZO]. Matarazzo, 100 anos. São Paulo: CL-A, 1982, p. 109.

Voltando à parte externa, foram tomadas na ocasião da visita a campo, além da portaria (fig. 71), vistas de edifícios identificadas com a parte administrativa da fábrica, tais como escritórios e a “Residência do Diretor”, e ainda subsidiários, como o refeitório. A extensão deste último tem sua visão prejudicada pela vegetação que aderiu à parede de tijolos aparentes, na qual podem ser vistos detalhes da caixilharia – de madeira e de cimento armado – e também dos elementos vazados instalados na parte superior, rentes à cimalha ornamentada na própria alvenaria. (fig. 72)

Na seqüência deste prédio, à esquerda da portaria da fábrica, é outra tipologia que caracteriza uma construção com a face revestida, toda pintada de branco, dotada de platibanda com cimalha simples, sem ornamentação. Ali estão presentes três janelas e uma porta, cujo material e padrão não puderam ser verificados devido à falta de contraste provocada pela pintura das mesmas, inclusive dos vidros, com a mesma tinta branca das paredes. Contíguo a este volume, uma cobertura em duas águas sugere um galpão fabril, do qual não se sabe a destinação funcional. (fig. 73)

Ainda na mesma seqüência, mas do lado direito da portaria, mais um prédio administrativo, também identificado com o escritório. De feições simples, telhado de quatro águas e com tijolos de vidro instalados na lateral, este bloco antecede a residência destinada ao Diretor da fábrica (fig. 74), numa das poucas referências a este tipo de edificação, que apesar de indicada pelas fontes escritas, ainda não havia sido comprovada, material ou visualmente.



Fig. 71: Portaria da Louças Cláudia, que encerrou suas atividades na década de 1990 com o nome de “Cerâmica Matarazzo”. Foto do autor, 2006.



Fig. 72: Detalhe da cimbalha e caixilhos em cimento armado pertencentes ao edifício do refeitório. Foto do autor, 2006.



Fig. 73: Edifício de escritórios, visto da portaria. Foto do autor, 2006.



Fig. 74: Antiga residência do diretor da fábrica. Foto do autor, 2006.

Com estas considerações, retomam-se os argumentos anteriores sobre a necessidade de uma metodologia de trabalho aplicada não só às imagens e ao corpo físico dos edifícios, mas também no trato da documentação textual referente aos diferentes ramos industriais. Traçando-se um paralelo entre as diferentes fontes de conhecimento histórico e as várias impressões geradas por uma visita de campo, ficam comprovados, ao mesmo tempo, os limites e o alcance da *análise retrospectiva*, cuja contribuição situa-se justamente no questionamento das diferentes possibilidades de interpretação advindas, seja de informações controversas, seja da problematização do intervalo compreendido entre o projeto, as obras de construção e perpetuação de um edifício.

9 Porcelana Mauá (Mauá, 1937-1968)

9.1 A constituição do núcleo fabril e a criação de uma imagem corporativa

Na região central do distrito de Mauá, a antiga Estrada das Pedreiras se distanciava do rio Tamaduateí, constituindo uma faixa de terra que seria ocupada por uma via marginal, à qual era paralela, ainda, a Rua Santa Helena, que se tornou o endereço de dois estabelecimentos cerâmicos destacados pela sua presença no *Album de São Bernardo, 1937*.²⁶⁰ Em outro trabalho, foram destacadas as relações entre estas vias e a estação Mauá da São Paulo Railway, principal meio de comunicação entre aquele distrito e os pólos consumidores das louças que ali se fabricavam.²⁶¹

Apesar da posição privilegiada, nenhuma cerâmica de porte havia se instalado naquela área mais próxima à ferrovia. A primeira iniciativa neste sentido deveu-se a três empresários catarinenses decididos, desde finais da década de 1920, a montar em São Paulo uma fábrica de louças de pó-de-pedra. Atraídos por uma conjunção de fatores positivos, o grupo encabeçado pelo ceramista Fritz Schmidt aportou em Mauá:

Após longos estudos, resolvemos instalar esta pequena fábrica em São Paulo, em virtude de existir aqui uma forte indústria de louça de pó-de-pedra, havendo, portanto, operários especializados, boa matéria-prima e, principalmente, um grande mercado consumidor. À procura de um terreno a bom preço, vim certo dia a Mauá, onde fui informado pela família Milanez que o preço do metro quadrado, próximo à estação, era de cinco a seis cruzeiros o metro, sendo a maior gleba de propriedade de um senhor Morelli. Procurei o senhor Morelli e adquirei dele quatro mil metros quadrados a quatro cruzeiros o metro, terreno onde se localiza hoje a Porcelana Mauá S/A.²⁶²

Adquirido este terreno, estavam constituídas as bases da Staudacher, Schmidt & Cia., firma que tinha como sócios, além de Schmidt, Franz Staudacher (diretor comercial) e Hans Lorenz (investidor passivo).²⁶³ A produção da fábrica iniciou-se em 1933, com a construção de um pequeno edifício de dois pavimentos no qual foi instalado um forno com capacidade para cinco metros cúbicos.

²⁶⁰ Fábrica Nacional de Artefatos de Porcelana Brasilusa (isoladores e tijolos refratários), de 1925, e a Cerâmica Santa Helena (louças, vasos), de 1935. Cf. CALDEIRA, João Netto, *op. cit.*, não paginada.

²⁶¹ PEREIRA, José Hermes Martins. *op. cit.*, p. 41-42.

²⁶² SCHMIDT, Fritz Erwin. “Retificação histórica de um artigo publicado na ‘Folha de Mauá’ sob o título de ‘Breve histórico de Porcelana Mauá S/A’”. In: *Folha de Mauá*, Mauá/SP, ano III, n.º 202, 23/mar./1957, p. 1.

²⁶³ No *Album de São Bernardo 1937*, a firma aparece como “Standaker, Schmidt & Cia.”, não identificando o ramo de atividade. Em livros sobre a história de Mauá, baseados no *Album*, repete-se o erro ortográfico, e apesar de terem sido escritos em época posterior à sua sucessão pela Porcelana Mauá, a associação entre as duas firmas passou despercebida. (CALDEIRA, João Netto. *op. cit.*, não paginado; MÉDICI, Ademir. *op. cit.*, p. 143; BOTACIN, Roberto. *Mauá... sua história*. Ribeirão Pires: Editora Coimbrig, 1979, p. 36).

Neste edifício, considerado um “*pilot plant* para os estudos necessários das matérias-primas nacionais”,²⁶⁴ seriam feitos os primeiros ensaios das inovações de técnicas e processos que culminariam com a posterior fabricação de *porcelana fina*. Nesta primeira etapa, contudo, a produção resumiu-se a um tipo de cerâmica fina desconhecida no Brasil, o *bunzlau*, opção que em breve traria dificuldades aos empreendedores, que resolveram substituí-la pela de artigos em *porcelana* para uso em laboratórios e farmácias.²⁶⁵

Em 1936, com os sócios desestimulados pelos insucessos da pequena fábrica, ocorreria uma transformação significativa na composição da empresa. Hans Lorenz, sócio capitalista, resolveu investir na ampliação das instalações, delegando a Schmidt a tarefa de mandar construir novos galpões, cuja área totalizava 1.050 m², e ainda mais dois fornos *intermitentes*, com capacidade total de 50 m³. Neste contexto, a firma Staudacher, Schmidt & Cia. é sucedida pela Porcelana Mauá S/A, constituída em fevereiro de 1937.

Advém dessa origem comum o emprego de uma imagem do edifício de 1933 em um anúncio comemorativo dos vinte anos desta última empresa (1937-57), num período em que a fábrica já havia se tornado sinônimo de qualidade e sofisticação.²⁶⁶ No desenho, vê-se não apenas a configuração mencionada por Schmidt, mas também os padrões de abertura (com elementos quadriculados) e de cobertura (com telhado em quatro águas).²⁶⁷

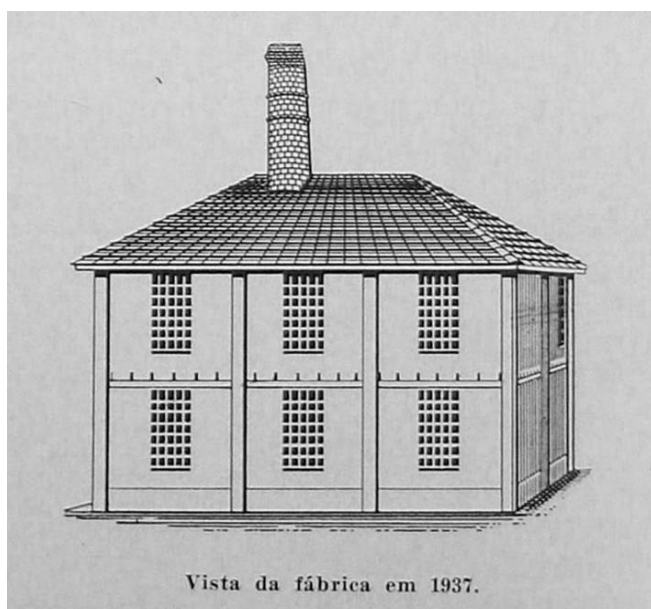


Fig. 75: “Vista da fábrica [Porcelana Mauá] em 1937”. Desenho publicado em anúncio comemorativo dos 20 anos da empresa. Fonte: *Cerâmica*: órgão oficial da Associação Brasileira de Cerâmica. São Paulo: ABC/Habitat Editora, ano III, n.º 9. mar./1957, não paginado.

²⁶⁴ BREVE histórico de Porcelana Mauá S/A. In: *Folha de Mauá*. Mauá/SP, ano III, n.º 201, 09/mar./1957, Edição extra, p. 2-4, p. 2.

²⁶⁵ Idem, *ibidem*, p. 2.

²⁶⁶ *Status* este que fora alcançado em função de ter sido pioneira, em termos nacionais, na produção de porcelana fina. Cf. PEREIRA, José Hermes Martins. *op. cit.*, p. 100.

²⁶⁷ Vale lembrar que o referido desenho foi baseado em uma fotografia da época, que foi publicada juntamente com o citado “Breve histórico de Porcelana Mauá S/A”.

Esta evocação do núcleo inicial da fábrica deve ser entendida no contexto de uma estratégia adotada há pelo menos três anos pela Porcelana Mauá, a qual consistia em associar produtos, logomarca e edificações da fábrica à paisagem de “mares de morros”, característica do recém-emancipado município de Mauá.²⁶⁸ Neste sentido, os ícones da Porcelana Mauá foram duplamente consagrados como signatários da capacidade produtiva do município e dos valores de requinte e sofisticação historicamente atribuídos aos artigos em porcelana.²⁶⁹

A participação da Porcelana Mauá nas exposições comemorativas dos IV Centenários de Santo André (1953) e de São Paulo (1954) confirma esta tendência de afirmação corporativa. Nestas ocasiões, foram produzidos desenhos das instalações, fotografias panorâmicas e placas comemorativas com a marca da fábrica, cuja leitura atenta revela detalhes deste esforço. Numa análise mais afeita ao objetivo deste trabalho, as imagens pertencentes a este período demonstram aspectos de uma implantação privilegiada, em área central de uma região identificada com as atividades cerâmicas, pontos para a reflexão sobre o impacto que teriam causado tanto a conformação física do conjunto quanto a sua veiculação como marco na urbanização da cidade.

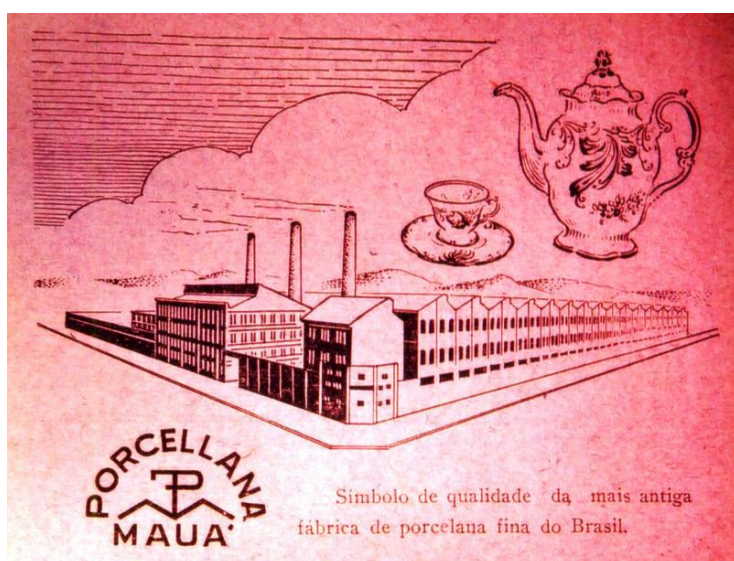


Fig. 76: Anúncio da Porcelana Mauá, publicado em 1953. Note-se a tripla associação entre os produtos, os edifícios e o relevo daquela localidade, que também serviu de inspiração para a marca da fábrica, na qual um “P” se sobrepõe á um “M”, estilizado para assemelhar-se a um morro. Fonte: CATÁLOGO Oficial da Exposição Industrial do IV Centenário de Santo André da Borda do Campo (1553-1953). São Paulo: Cicceroni, 1953, p. 64.

As linhas e dimensões do conjunto sugeridas pelo desenho acima correspondem em boa parte à configuração da fábrica na década de 1950. No âmbito das comemorações dos vinte anos, ostentavam-se as transformações ocorridas com base no aumento do capital, das construções e no valor do terreno.²⁷⁰ Todavia, há um intervalo considerável entre esta fase e o

²⁶⁸ O movimento emancipacionista do distrito, iniciado em maio de 1953, culminou com realização de um plebiscito em 22 de novembro daquele mesmo ano, no qual foi aprovada a independência do distrito em relação a Santo André. Cf. MÉDICI, Ademir. *op. cit.*, p. 192-94.

²⁶⁹ Ver a respeito: LIMA, Tânia Andrade. *op. cit.*

²⁷⁰ BREVE histórico de Porcelana Mauá S/A. *op. cit.*, p. 3.

modesto início do empreendimento. A falta de dados sobre as ampliações e a ausência de datas nas fotografias reforçam as falhas na cronologia dos edifícios, dos quais só foi possível apreciar alguns detalhes tipológicos e inovações tecnológicas documentadas em fotografias de ambientes internos e externos que podem estar associados a diversos momentos responsáveis pela consolidação do núcleo fabril.

A primeira destas – que serviu de base para o desenho da fig. 76 – constituir-se-á em referência para a localização dos módulos e compartimentos comentados adiante. Trata-se de uma vista geral, na melhor acepção do gênero, na qual se destacam o porte das construções e as relações entre o terreno e a partido adotado. Com uma tipologia que privilegiou a composição harmônica e racional dos blocos de edifícios, os módulos tiveram seu ritmo bem demarcado tanto pelas aberturas quanto pela ossatura. Também suas coberturas revelariam uma inovação senão técnica, ao menos formal, a qual se baseava no desencontro das águas dos telhados, aproveitando-se a projeção resultante para a instalação de sistemas de iluminação e ventilação. Apresentando um efeito estético bastante agradável, tais linhas distinguem-se dos casos anteriores (fábricas Grande e Paulista), marcados mais por um pragmatismo funcionalista do que pelo compromisso com a harmonia do conjunto.

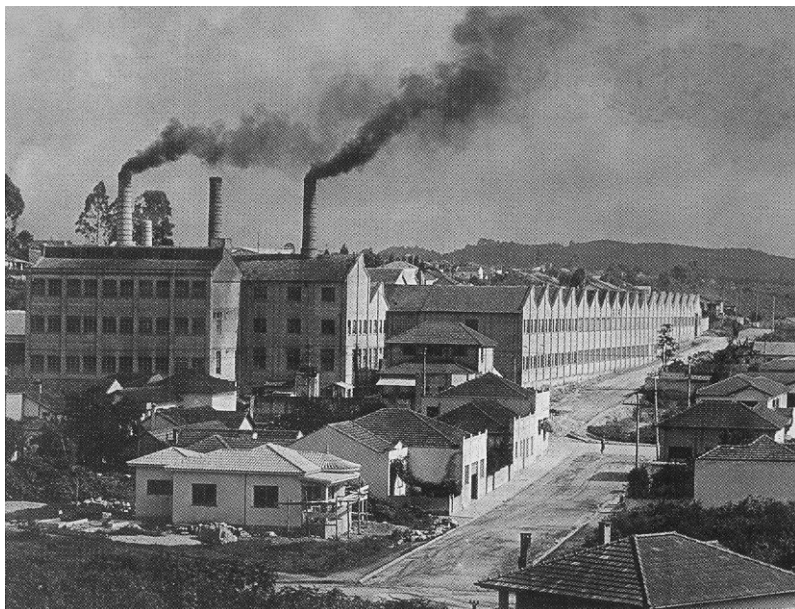


Fig. 77: Vista geral da Porcelana Mauá. Década de 1950. Autor desconhecido. Note-se a composição tripartida do conjunto, que tem à frente, preservado, o núcleo inicial (centro da foto). À direita, vê-se a lateral da fábrica, que ficava na Rua Japão, via situada entre a ferrovia e a Avenida Barão de Mauá (frente da fábrica). Ainda, na Rua Japão, é possível verificar a declividade do terreno, que favoreceu a construção em dois pavimentos. Fonte: MÉDICI, Ademir. *op. cit.*, p. 47.

Outros registros visuais, no entanto, retratam estágios intermediários entre o núcleo inicial (1933) e esta configuração final do conjunto. Em uma delas, figuram andaimes e formas para modelagem de estruturas em concreto, indicativas de reformas ou novas construções, cujas faces voltavam-se para a Avenida Barão de Mauá. Observando-se esta situação, tem-se na perpendicular daquelas um conjunto de edifícios de linhas mais simples, as quais poderiam ser identificadas formalmente às do edifício primitivo. Aliadas à existência

de um forno, e à demolição de uma de suas paredes visando à sua incorporação ao conjunto, poder-se-ia mesmo dizer que se tratam, estas edificações, de construções anteriores à sucessão da Staudacher, Schmidt & Cia. pela Porcelana Mauá S/A.

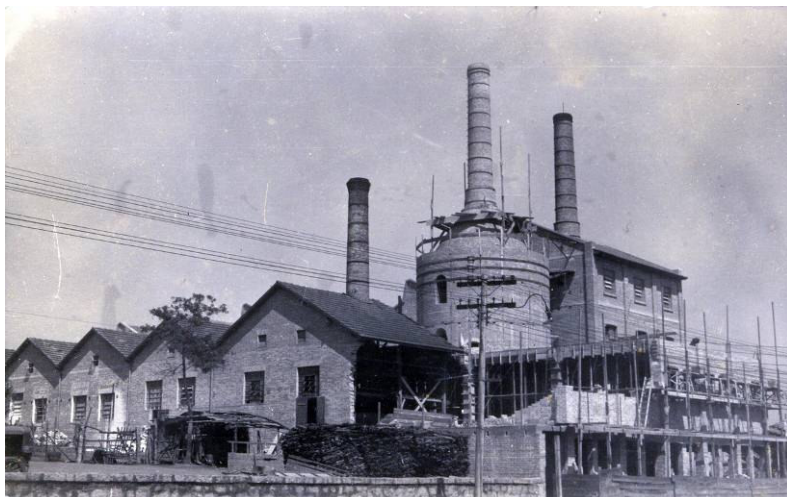


Fig. 78: Ampliação da Porcelana Mauá. Década de 1940. Autor desconhecido. De linhas mais simplificadas, diferentemente daquelas percebidas na fig. 77, os pavilhões à direita apresentam-se em fase de incorporação às novas edificações. Destaque para o perfil do terreno, que favoreceu sua ocupação em dois pavimentos na face lateral, e para o forno em construção. Fonte: Acervo do Museu Barão de Mauá. RG 2517.

Em outra perspectiva, captada pelos fundos do conjunto, nota-se uma composição baseada em dois blocos paralelos, diferenciados em relação ao comprimento das edificações, que já apresentavam os traços característicos do conjunto “final”. Um espaço existente entre estes dois blocos sugere que a ligação entre todas as partes, observada na fig. 77, tenha se dado em outro contexto. A foto deixa ver, ainda, as mesmas três chaminés constantes da fig. 78, com destaque para um andaime situado no topo de uma delas, o que pode significar que esta foto e a anterior se refiram a uma mesma fase de ampliações.



Fig. 79: Galpões da Porcelana Mauá. Autor e data desconhecidos. Em primeiro plano, à direita, dois galpões cujas formas e dimensões sugerem que sejam depósitos ou outras instalações auxiliares. À esquerda, as duas seqüências de galpões permanecem sem ligação na parte frontal. Ao centro, as três chaminés dos fornos, estando uma delas (a da direita) em construção. Fonte: Acervo do Museu Barão de Mauá. RG 2749.

A esta tentativa de historicização das instalações fabris devem ser acrescentadas, ainda, as informações provenientes de outras duas fotografias da lateral da fábrica. A primeira delas data de 1956, e apresenta uma seqüência de onze galpões precedida pelo edifício

verticalizado e dotado de três chaminés, já apreciado nas figuras anteriores.²⁷¹ Em outra fotografia, uma vista idêntica pode ser conferida, embora o número de galpões, neste caso, tenha sido elevado para dezesseis, inferior, porém, ao número verificado na fig. 77, que é de dezoito galpões.



Fig. 80: Lateral da Porcelana Mauá. Pós 1956. Note-se a implantação do conjunto, situado no alto de uma quadra nas proximidades da Estrada de Ferro Santos Jundiaí (antiga São Paulo Railway), que aparece em primeiro plano, já eletrificada. Além da diferença entre as aberturas presentes nos quatro primeiros galpões (à esq.), a comparação com o número de galpões observado na figura 77, denota, ainda, a presença de volumes em obras (como no caso do último módulo, ainda sem cobertura), sugerindo que as duas situações retratem uma mesma fase de ampliações, ocorrida após 1956. Fonte: Acervo do Museu Barão de Mauá. RG 2519.

9.2 Aspectos internos: o registro das inovações

Relativamente à parte interna dos edifícios, são duas as possibilidades de trabalho. Na primeira delas, serão tecidos comentários sobre a instalação do *forno-túnel* da fábrica, caracterizando-se os ambientes destinados a este importante equipamento, bem como as decorrentes mudanças espaciais associadas ao seu uso. Em outra frente, serão exploradas as imagens constantes de um trabalho disciplinar que teve como caso de estudo os edifícios remanescentes da Porcelana Mauá, realizado em 2003.²⁷² Ainda assim ficam reduzidas, nos dois casos, as possibilidades de se reconstituir visualmente o ciclo de produção das louças, devendo-se centrar o foco nas técnicas construtivas e nas soluções adotadas, as quais demonstram a convivência de tipologias e padrões variados, sobretudo no que se refere às alvenarias, estruturas e coberturas dos pavilhões.

²⁷¹ Fotografia apresentada na capa da revista *Cerâmica*, n.º 7, set./1956.

²⁷² CARAMORI, Leonardo C.; FREITAS, Pedro Pedro Murilo G. *op. cit.*.

A construção de um *forno- túnel*, ou *contínuo*, consiste em um importante indício do aumento da capacidade produtiva de uma fábrica de louças. Seu funcionamento baseia-se em um sistema de condução por carrinhos rodantes, que levam as peças para dentro de um forno de disposição linear, no qual as temperaturas são controladas para propiciar um ciclo contínuo de queima e resfriamento.²⁷³

No caso da Porcelana Mauá, a instalação deste *equipamento* parece ter atingido um caráter simbólico, até, conforme apontam tanto sua referência em texto apologético, publicado por ocasião do aniversário da empresa,²⁷⁴ quanto o registro fotográfico das obras identificado a meados dos anos 1950. (figs. 81 e 82).

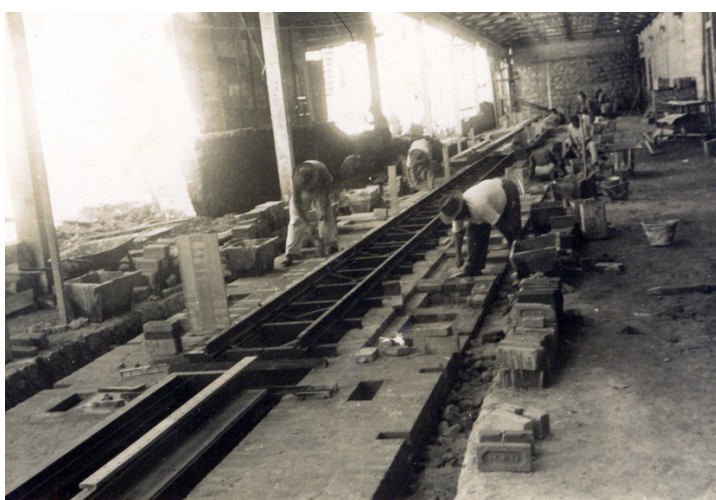


Fig. 81: Construção de *forno-túnel* na Porcelana Mauá. Década de 1950, autor desconhecido. À esquerda, o fechamento dos vãos com alvenaria de tijolos sugere ter havido uma concomitância entre as obras de ampliação da fábrica e a instalação do novo equipamento. Fonte: Acervo do Museu Barão de Mauá. RG. 2512.

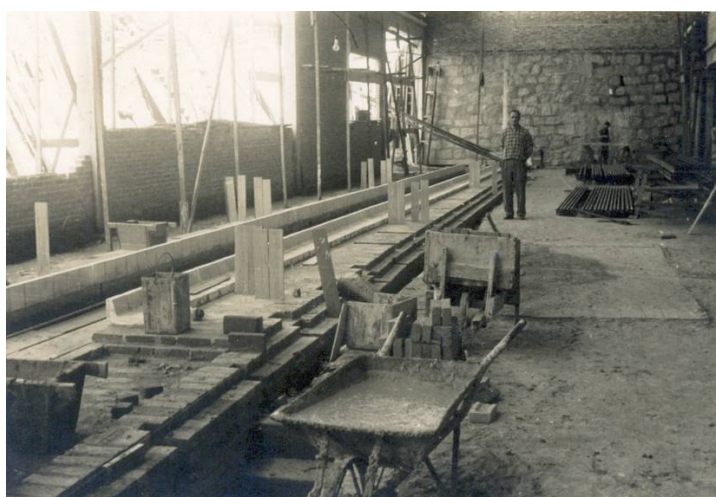


Fig. 82: Construção de *forno-túnel* na Porcelana Mauá. Década de 1950, autor desconhecido. Com as paredes mais adiantadas, é possível perceber a independência das mesmas em relação à estrutura, caracterizando-se a alvenaria como não portante. Ao fundo, observa-se um muro de arrimo em alvenaria de pedra e argamassa, solução que pode estar associada às mudanças de cota do solo, utilizadas para compensar a declividade do terreno. Fonte: Acervo do Museu Barão de Mauá. RG. 2514.

Em que pesem as especificidades da construção de fornos de qualquer espécie, vale ressaltar que este tipo de forno possuía de peculiar, além da instalação de trilhos, a criação de condições para o perfeito controle das diferentes temperaturas de queima e resfriamento das

²⁷³ Cf. PILEGGI, Aristides. *op. cit.*, p. 179.

²⁷⁴ BREVE histórico de Porcelana Mauá S/A. *op. cit.*, p. 3.

peças. Neste caso, faziam-se necessários tanto os tijolos como outros elementos em material refratário – entre estes, as peças em “L” presentes na fig. 82 – destinados ao isolamento entre o leito destinado aos carrinhos e a área de reconversão das chamas. A mesma preocupação caracterizava, ainda, a execução das paredes externas, o que pode ser inferido através da espessura das mesmas, onde se percebe também algumas aberturas, provavelmente relacionadas aos bicos de gás ou condutores das chamas.

Apesar de pouco mencionada, a entrada do gás como combustível para os fornos pode ser entendida como uma das principais inovações no setor. As vantagens deste novo sistema de queimas extrapolam sua eficiência no controle das temperaturas, significando também um maior asseio no processamento das louças e a diminuição na emissão de poluentes, resultante da eliminação da fuligem. Infelizmente, não foram encontrados referências ou indícios de estruturas de armazenamento e transporte do gás até os fornos, ou mesmo sobre qual o tipo de gás utilizado. Há apenas uma fotografia na qual um operário posa em frente a um forno, onde é possível perceber um intrincado sistema de tubulação, válvulas e aberturas seqüenciais previamente executadas na alvenaria.

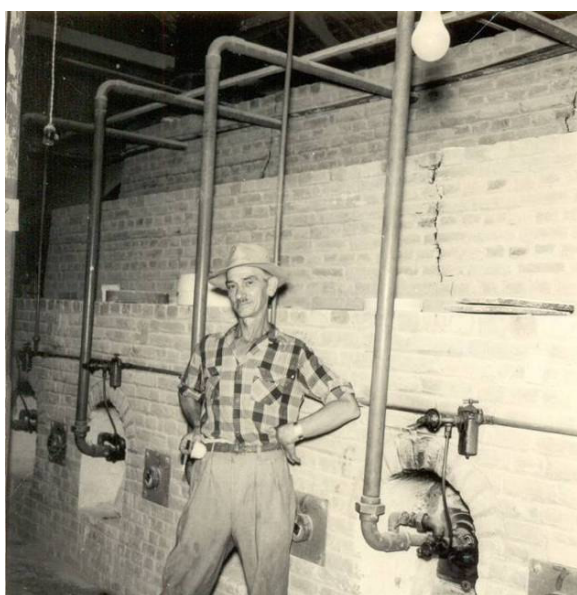


Fig. 83: Operário em frente ao *forno-túnel* da Porcelana Mauá. Década de 1950, autor desconhecido. Note-se o trabalho de alvenaria executado nas aberturas laterais, assim como a alvenaria do próprio forno, o qual já apresenta uma rachadura (canto superior direito). Fonte: Acervo do Museu Barão de Mauá. RG. 2511.

Em outras fotografias – mais recentes, porém – ficam evidentes as transformações espaciais ocorridas na fábrica após o advento do forno-túnel. A presença dos trilhos tornou-se característica dos galpões fabris, ao passo que a instalação dos mesmos obrigava uma organização do ambiente interno no qual se favorecesse a livre circulação dos carrinhos, que eram metodicamente abastecidos com as louças devidamente lastreadas por elementos refratários. Devido às dimensões destes galpões, às quais se associa a existência de vãos livres e “desocupados”, estes espaços acabariam apropriados pelos operários como área de

recreação, situação que pode ser conferida em uma série de fotografias afinada com a assertiva de Ademir Médici acerca do “clima de cordialidade notado nas atividades terceiras da Porcelana Mauá nos anos 50.”²⁷⁵



Figs. 84 (E) e 85 (D): Interior da Porcelana Mauá. Autor e data desconhecidos. Além da presença marcante dos trilhos, é possível perceber as características do tipo de cobertura adotado (E), além da abertura do *forno-túnel* e os vãos destinados à iluminação, ventilação e acesso. Note-se, ainda a diferenciação entre a ossatura e a vedação, demarcadas pelos pilares e pela viga de sustentação (D). Fonte: Acervo do Museu Barão de Mauá. RG^s. 2510 e 2507, respectivamente.

A apreciação dos demais ambientes internos, no entanto, ficou impossibilitada pela insuficiência dos dados obtidos, dos quais não constam plantas ou fotografias capazes de revelar as especificidades das seções de fabricação das louças. Uma das poucas referências neste sentido corresponde a um registro fotográfico da seção de processamento das matérias-primas em ruínas, a qual faz parte do trabalho disciplinar supracitado, embora não seja possível, a partir dos ambientes documentados, um trabalho de reconstituição de visual qualquer aspecto do fluxo das atividades produtivas.²⁷⁶

A Porcelana Mauá encerrou suas atividades em 1968. Suas instalações foram ocupadas posteriormente por outra empresa do ramo, a Cerâmica Nara, que ali permaneceu até meados da década de 1980. O atual estado de abandono e a descaracterização dos edifícios impedem uma análise mais acurada de sua composição original. Ainda assim uma apreciação atenta do material produzido em 2003 revela detalhes importantes sobre as técnicas e materiais empregados na construção daquelas edificações.

²⁷⁵ Cf. MÉDICI, Ademir. *op. cit.*, p. 48.

²⁷⁶ CARAMORI, Leonardo C.; FREITAS, Pedro Murilo G., *op. cit.*, figuras 19 e 20. Nas páginas 10-11, os próprios autores reconhecem este limite do trabalho, do qual consta, ainda, um croqui da área analisada, que corresponde à parte do conjunto voltada para a Rua Japão, hoje ocupada por atividades diversas, de restaurante popular a estacionamento.

9.3 Os edifícios remanescentes: algumas considerações

Não obstante o precário estado de conservação das edificações remanescentes da Porcelana Mauá, ainda é possível apreender, através do exame e de posterior análise do conjunto, dados relevantes para a compreensão das soluções arquitetônicas, das quais resultou a composição formal da fábrica, bem como das técnicas construtivas adotadas.

Quanto ao arranjo espacial, tem-se uma seqüência de galpões de planta livre, cuja modulação é possibilitada pelo sistema estrutural empregado, com vigas e pilares em concreto armado, inferência que toma por base a espessura desses elementos e os padrões de vãos resultantes entre os pilares.



Fig. 86: Parte interna da Porcelana Mauá, caracterizada pelo uso de estruturas em concreto armado. Além de edificações verticalizadas, notam-se os pilares com capitel característicos deste sistema construtivo, no qual se privilegiou a modulação dos galpões com planta livre. Fonte: CARAMORI, Leonardo C.; FREITAS, Pedro Murilo G., *op. cit.*, fig. 10. Foto dos autores, 2003.

Como se pôde apreender das figuras 77 e 80, a visão externa do conjunto demonstra-se bastante coerente, e é marcada pela utilização de tijolos aparentes, tanto nos panos das alvenarias como no encamisamento dos pilares, situação que não se repete no interior da edificação, onde foi utilizada argamassa de revestimento. O arranjo escolhido para possibilitar uma boa amarração dos tijolos configura-se como outro importante aspecto a ser considerado. No caso da Porcelana Mauá foram adotados panos de *uma vez tijolo*, nos quais a espessura das paredes corresponde ao comprimento dos tijolos, com aparelhamento do tipo *flamengo*.²⁷⁷

A padronagem dos vãos de janelas, além de apresentar-se como relevante elemento para a fruição estética das fachadas, levanta outra questão a ser mencionada, uma vez que dialoga com o desenho de envasadura adotado para o núcleo inicial da fábrica (fig. 75). Cada um dos vãos foi dotado de um painel quadriculado, cuja conformação sugere tratar-se de uma estrutura pré-moldada em argamassa de cimento armada, fechada por placas de vidro *fantasia*, favorecendo a iluminação ao interior do edifício. Entremeando essa estrutura, há folgas – do

²⁷⁷ Cf. SEGURADO, João Emilio dos Santos. *op. cit.*, p. 76.

tamanho de 2x2 quadriculados – nas quais foram instalados módulos pivotantes, responsáveis pela troca de ar dos compartimentos. Embora as esquadrias desse módulo tenham sido executadas em material diverso – possivelmente ferro ou madeira – mantém-se o padrão formal do restante do painel, de modo a não comprometer a unidade do conjunto.



Figs. 87 e 88: Detalhe do aparelho *flamengo* e encamisamento da estrutura portante (E). Aspecto de uma das aberturas frontais característica dos edifícios, na qual se nota a estrutura pré-moldada, além de uma verga instalada abaixo de outra estrutura, em arco pleno (D). Fotos do autor, 2005.

Na situação verificada na figura 88 (D), há que se apontar a sobreposição de duas soluções estruturais, já que se encontra em cada uma das janelas *vergas* de concreto e, sobre estas, arcos abatidos em tijolos. A adoção da técnica mista pode estar relacionada a fatores como a inexperiência construtiva, limitações técnicas ou a ainda à desconfiança em relação ao novo material, situação recorrente nos períodos de transição entre o emprego de técnicas construtivas já consolidadas e inovações tecnológicas.

Por fim, faz-se necessário comentar a tipologia adotada para a cobertura da Porcelana Mauá, cujo traço mais marcante dá-se pelo desencontro das águas dos telhados, artifício utilizado para propiciar a criação de uma projeção vertical acima dos telhados adjacentes, provida de janelas para a entrada de luz ou ventilação no interior da edificação. No primeiro intento, foram empregados caixilhos fixos, dispostos lado a lado por toda a extensão da cobertura dos galpões, com vedação em vidro, e no segundo, anteparos similares a venezianas fixas, com palhetas oblíquas, com a finalidade de admitir o ar impedindo, porém, a entrada das águas pluviais. Assim como os mecanismos de iluminação, estes últimos também foram dispostos adjacentes uns aos outros, por todo o comprimento da edificação.

Estruturalmente, a solução adotada para a cobertura identifica-se com *as asnas para oficinas ou fábricas*, já que conta com dois pendurais laterais e duas escoras, os primeiros ligando as pernas no encontro das madres superiores à linha e as segundas descarregando o

peso das madres inferiores nos prumos da construção.²⁷⁸ Resta lembrar, ainda, que a principal finalidade das asnas é a de constituírem-se como vigas armadas de forma especial, destinadas a substituir as paredes divisórias para apoio telhado, solução em pleno acordo com a proposta de planta livre observada no interior da edificação.²⁷⁹



Fig. 89: Detalhe da cobertura da Porcelana Mauá. Apesar de descaracterizada ao longo das últimas décadas, ainda é possível verificar aspectos da estrutura das tesouras e do sistema de iluminação e ventilação adotado. Fonte: CARAMORI, Leonardo C.; FREITAS, Pedro Murilo G., *op. cit.*, fig. 4. Foto dos autores, 2003.

Apesar da fragmentação e da descaracterização do conjunto de edifícios da Porcelana Mauá, pode-se atribuir à sua presença física um valor, senão documental, ao menos simbólico. Diante da crise no setor das louças e da desconcentração das indústrias na Região Metropolitana da São Paulo – que atingiu não somente as fábricas de Mauá, mas também os outros empreendimentos comentados anteriormente –, formou-se um quadro um tanto desfavorável para a permanência dessas estruturas, principalmente em localidades onde o adensamento urbano agregou valor monetário aos terrenos localizados em áreas historicamente associadas à atividade industrial.

Neste sentido, reitera-se a necessidade de se buscar, através de estudos interdisciplinares, os critérios não apenas para a caracterização formal dos edifícios industriais como também a uma leitura dos mesmos enquanto materialização de necessidades espaciais vinculadas a padrões de qualidade, eficiência e mesmo de vivência cotidiana diferentes dos contemporâneos. Se apreciados dessa forma, ver-se-á que aqueles remanescentes, além de exemplares de arquitetura, constituem-se em importantes suportes da memória da técnica, do trabalho e da própria cidade.

²⁷⁸ Cf. SEGURADO, João Emilio dos Santos. *Trabalhos de Carpintaria Civil*. Lisboa: Lisboa: Bertrand, 19-?, p. 77.

²⁷⁹ Sobre o assunto, ver: SEGURADO, João Emilio dos Santos. *Trabalhos de Carpintaria Civil*, *op. cit.*, p. 200-211.

Considerações finais

Como tema de pesquisa ligado à *preservação* e à *memória*, o patrimônio arquitetônico industrial pode suscitar questões diversas, decorrentes seja da presença física, seja do legado técnico e das manifestações culturais e de sociabilidade concernentes a esta categoria de edifícios. Nos casos analisados ao longo desta dissertação, buscou-se compreender como algumas dessas questões se manifestam em uma documentação fragmentada e *descontínua*, na qual informações surgem paralelamente a imprecisões ou mesmo à ausência total de referências sobre a materialidade de determinada fábrica.

Assim como esta *materialidade* inerente ao objeto em estudo, há ainda muito para ser explorado nos componentes simbólicos do patrimônio industrial, entre os quais se destacaria a representatividade de seus exemplares enquanto *bens* de interesse cultural sujeitos, portanto, às vicissitudes de uma realidade pouco afeita ao entendimento da preservação enquanto *ação cultural*.²⁸⁰ Advêm deste quadro algumas das principais dificuldades para a apreciação daquelas estruturas como objetos portadores de valores e significados, independentemente das características comumente atribuídas aos remanescentes mais antigos da atividade industrial, entre as quais o atual estado de obsolescência dos conjuntos fabris, sua baixa rentabilidade econômica ou, mesmo, sua vinculação à degradação do meio ambiente.

Por outro lado, os contextos cultural, econômico e tecnológico contemporâneos encontram-se permeados por dilemas de interpretação diretamente relacionados à *percepção visual* das cidades e de seus diferentes espaços, nos quais certas categorias de bens adquirem, até mesmo involuntariamente, o *status* de suportes materiais da memória. No contraponto entre as ações de grupos contrários ou favoráveis à conservação do patrimônio industrial situam-se os problemas apontados acima, aos quais estaria associada, ainda, a carência de estudos na área, que gera sérias lacunas no que se refere ao conhecimento instrumental de ramos industriais hoje menos representativos.

Em que pesem o atual entendimento acerca dos bens culturais – caracterizado pelo alargamento do conceito de patrimônio²⁸¹ – e as ações efetivas visando à valorização do legado da industrialização, faz-se *mister* a problematização dos componentes culturais envolvidos seja na constituição dos edifícios e objetos pertencentes à categoria, seja da

²⁸⁰ No que tange às formas de intervenção envolvendo bens culturais, este termo condensa formulações provenientes de pelo menos dois séculos de discussão sobre os bens do passado, debate que foi sistematizado por KÜHL, Beatriz Mugayar. *op. cit.*, p. 34-72.

²⁸¹ Ver a respeito: FRANCISCO, Rita de Cássia. *Patrimônio histórico ou patrimônio cultural? O alargamento do conceito de patrimônio e a política de preservação dos bens culturais no município de Campinas*. 2006. Monografia (especialização) MDU/UFPE/CECI. Olinda/PE.

apreciação contemporânea destes bens. Neste sentido, a realização de estudos histórico-tipológicos pode e deve auxiliar na promoção do diálogo entre os elementos definidores da paisagem urbana e a multiplicidade de matrizes culturais responsáveis pela sua materialização, considerados elementos-chave não apenas para a compreensão do tema como também para um alinhamento com as questões de método imprescindível aos estudos na área.

Buscando reafirmar alguns pontos deste alinhamento metodológico – expresso nas *diretrizes* e nos *objetivos* da presente dissertação –, estas considerações finais visam efetuar, a título de conclusão do trabalho, um balanço crítico dos principais problemas apresentados, das propostas de interpretação e dos encaminhamentos conduzidos ao longo das partes **I** e **II**. Organizadas em função de *passos autônomos* percebidos nas análises dos edifícios-caso, as observações a seguir refletem uma leitura dos edifícios fabris enquanto objetos de Cultura Material dos quais a apreensão dos sentidos e valores não se faz senão a partir da compreensão dos diversos vetores em questão, sejam estes máquinas, ambientes de trabalho, ou atitudes envolvendo as fábricas e seus respectivos espaços.

Sobre os conhecimentos prévios e sua aplicação aos estudos de caso

Um primeiro ponto a ser considerado remete-se à perspectiva de trabalho afirmada logo no início, por meio da qual se buscou sistematizar os conhecimentos históricos e técnicos relativos ao ramo das louças com o intuito de promover a interface entre as necessidades do processo produtivo e a constituição dos espaços fabris, guardando-se as particularidades de cada um dos casos de estudo. Nas análises individuais – que buscaram ser tão reflexivas quanto informativas – ficaram estabelecidas algumas conexões entre os objetivos mais imediatos do trabalho e os temas auxiliares à compreensão daqueles espaços, muitos deles vinculados aos aspectos materiais informados direta ou indiretamente pela documentação.

A aproximação prévia ao tema, no entanto, constituiu-se em um *meio* através do qual se refletiu sobre o alcance dos conhecimentos adquiridos sobre as fábricas expondo, dessa forma, algumas importantes determinações – culturais, técnicas e materiais – implícitas no material pesquisado, com destaque para a participação de diferentes segmentos sociais na implantação de fábricas do ramo, a proveniência européia de técnicos e tecnologias, ou ainda a transposição de elementos verificada em diferentes estágios da indústria paulista de louças de pó-de-pedra.

Beneficiária do entusiasmo de Romeo Ranzini e do capital de seus sócios, a Fábrica Santa Catharina contou desde o início com equipamentos, técnicos e até com um projeto de edificação, especialmente trazidos para a sua implantação. Já aos seus ex-operários, tornados

empreendedores depois de três anos, coube a adaptação das condições “ideais” aos recursos de “Companhias Limitadas”, administradas pelos próprios encarregados da produção. Já em finais da década de 1920 a entrada de Matarazzo e do comerciante Barros Loureiro no ramo das louças demonstraria o potencial do setor para atrair investimentos e construir edifícios portentosos. Tendo-se em vista os históricos de implantação e de ampliação das fábricas estudadas, surgem elementos suficientes para que sejam discutidas a participação e a relevância dos capitais financeiro e humano na constituição daqueles núcleos fabris, sobretudo no que refere ao estabelecimento de padrões implantação e às características formais dos edifícios.

Podem ser considerados como tributários deste raciocínio os questionamentos acerca dos fatores julgados “positivos” ou “negativos” na escolha do terreno para a implantação de uma indústria. Dada a sua relevância tanto para os projetos arquitetônicos quanto para a constituição das características formais dos casos analisados, a ponderação destes fatores se impôs à análise dos casos de estudo em função da preponderância dos fatores econômicos que caracteriza as análises sobre o deslocamento espacial das atividades industriais. Neste sentido, foram notadas as diferentes combinações entre *terrenos baratos*, oferta de *mão-de-obra* e acesso aos *meios de transporte* na formação de um “itinerário” das louças na região estudada (mapa na p. 9), para as quais contribuíram, ainda, os suprimentos locais de *matérias-primas* (argila, caulim) e *água*.

Todavia, devem-se contrapor a esta racionalidade – típica de uma análise economicista – alguns fatores “negativos” identificados na localização de fábricas como a Zappi e a Paulista, que apesar de terem sido fundadas por técnicos-operários – e, portanto, conhecedores do ramo –, foram marcadas pela ocupação de terrenos baixos e alagadiços sujeitos, portanto, a enchentes periódicas que comprometiam não somente a salubridade dos ambientes de trabalho, mas também a qualidade dos materiais armazenados, que eram sensíveis à presença de matéria orgânica.

Este aparente contrasenso, no entanto, condiz com as modestas condições em que começaram a produção destas duas fábricas nas quais, provavelmente, prevaleceram as possibilidades de se concretizarem as aspirações de seus proprietários, fosse a partir da aquisição de um terreno “viável”, no caso da Zappi, fosse na utilização, pela Paulista, de uma roda d’água preexistente no local, fatores que certamente influenciaram para que as fábricas vingassem em um período marcado pela Primeira Guerra Mundial e pelas incertezas de um mercado ainda em formação.

Traços tipológicos e sua interpretação pelo âmbito da cultura

Dados interessantes para o aprofundamento dos estudos na área, os exemplos citados denotam os vínculos existentes entre a construção de uma fábrica e as variantes envolvidas na escolha de diferentes perfis de terreno e, por conseguinte, dos diferentes partidos arquitetônicos e padrões de implantação adotados. Refletindo diretamente nas técnicas aplicadas na condução das obras, tais elementos acabam moldando a aparência externa dos edifícios e, por esta razão, devem ser questionados enquanto repercussão de orientações tanto internas quanto externas ao organismo fabril, manifestas nas diferentes etapas de construção e nas reformas das fábricas do ramo. Ao se confrontar o vigor das ampliações à displicência formal percebida naquelas construções, surgem traços de generalidades programáticas responsáveis, muitas vezes, pela facilidade com que se adaptavam estruturas existentes – em geral serrarias ou olarias desativadas – para a fabricação de louças de pó-de-pedra.

Neste sentido, casos como os das Fábricas Adelinas, Grande e Paulista tornaram-se particularmente interessantes para a discussão dos *núcleos iniciais* e de sua participação na consolidação das formas dos conjuntos, de onde se tira que não somente esta gênese modesta, mas também todo o ulterior desenvolvimento daqueles estabelecimentos industriais requer um tratamento analítico condicionado aos limites e à organização das informações disponíveis, exigindo um duplo esforço de crítica e classificação das mesmas a partir das questões levantadas pelos textos e pela apreciação dos atributos visuais captados no universo das fontes não escritas, sobretudo nas iconográficas.

No que corresponde a este tratamento, notou-se que a apreciação dos ambientes internos contribuiu para a aferição dos estágios técnico-operacionais da indústria de louça na mesma medida em que a das vistas externas fomentou a discussão sobre as tipologias arquitetônicas e padrões de implantação verificados nos edifícios das fábricas de louça. Diante de tais especificidades, essa *classificação* dos espaços analisados (*ambientes internos* e *vistas externas*) constituiu-se num valioso instrumento metodológico, demonstrando novamente a interação entre as particularidades orgânicas de uma fábrica e a constituição de características tipológicas – internas e externas – dos edifícios do ramo.

Embora desejada desde o início, não foram encontrados elementos suficientes à definição de *uma tipologia* arquitetônica específica para as fábricas estudadas. Mesmo no que concerne à arquitetura industrial, pouco se pode afirmar a respeito do assunto. Agrupadas em categorias um tanto genéricas, mais associadas aos padrões estilísticos consolidados do que à constituição física dos edifícios, as construções locais do gênero foram recorrentemente

rotuladas como pertencentes aos estilos “funcionalista”, “colonial brasileiro” ou “britânico manchesteriano”, entre outros.²⁸²

Entretanto, como demonstraram os casos de estudo da **Parte II**, essa aferição de estilos e *traços tipológicos* permitiu a observação das edificações pelo prisma das *unidades de sentido* constituídas a partir dos questionamentos sobre a *imagem* das fábricas em função seja de sua composição física, seja dos elementos simbólicos captados através de uma leitura crítica dos atributos visuais expressos, sobretudo, nas fotografias de vistas externas dos conjuntos fabris.

Neste tipo de leitura, é possível perceber como os valores de grandeza, solidez e progresso – há muito identificados à atividade fabril – ganhavam forma e volume a partir da veiculação de imagens das edificações industriais, entre as quais merecem destaque alguns dos edifícios considerados “ícones” da indústria de louça. Em função do pioneirismo de suas formas e equipamentos, da imponência de suas linhas arquitetônicas, ou mesmo de uma estratégia de afirmação corporativa, há pelo menos três casos emblemáticos em que o *status* adquirido pelas instalações parece ter sido análogo ao alcançado por seus proprietários e produtos ali fabricados.

Ao analisar-se o primeiro deles, a Fábrica Santa Catharina, ficaram claros os valores atribuídos à produção local de artigos em louça branca e o reconhecimento do ramo como um importante estágio no desenvolvimento da indústria cerâmica nacional. Por outro lado, ao se problematizar o contexto de produção e o resultado final das duas principais fotografias tiradas daquele estabelecimento, verifica-se a intenção de conferir ao conjunto fabril uma imagem imponente e uniforme, situação que não encontra respaldo nas análises dos projetos de construção e reforma, pelas quais se pode constatar a fragmentação decorrente das sucessivas ampliações ocorridas desde a fundação da fábrica, em 1913.

No segundo caso, notam-se os mesmos atributos e as mesmas intenções no tocante à afirmação corporativa do ramo das louças perante o parque industrial paulista. Todavia, os edifícios da Fábrica de Louças Adelinas tinham a seu favor a implantação em terreno plano, um belo jardim lateral e a proximidade com a ferrovia, combinação que só fazia reforçar a imponência de suas linhas austeras e a uniformidade estilística dos galpões. Também neste

²⁸² Cf. FOOT HARDMAN, Francisco e LEONARDI, Victor. *História da indústria e do trabalho no Brasil*. São Paulo: Global, 1982, p. 178. Buscando maiores esclarecimentos sobre estes estilos e os componentes culturais de sua transposição para diferentes realidades industriais, foram consultadas algumas obras sobre a arquitetura paulista e brasileira. Nestes textos, entretanto, a arquitetura industrial é mencionada ora como componente da paisagem urbana, ora em função dos materiais utilizados – destacando-se o tijolo e o ferro – e das semelhanças com as construções residenciais e com modelos estrangeiros. Ver. REIS FILHO, Nestor Goulart. *op. cit.* (2004), p. 84-86 e LEMOS, Carlos. “Ecletismo em São Paulo” in: FABRIS, Annateresa (org.). *Ecletismo na Arquitetura Brasileira*. São Paulo: Nobel, 1987, p. 70-100, p.70-76.

caso, o excesso de valorização da imagem externa – veiculada através de desenho colorido – contrastava com a simplicidade dos aspectos internos dos edifícios revelando, inclusive, a falta de correspondência entre fachadas e coberturas, ou ainda o descompasso entre a modernidade pretendida e os traços de provincianismo captados em fotografias de época.

Não menos importante, o terceiro caso de edifício “ícone” condensa as características consideradas anteriormente – afirmação corporativa, perfil do terreno e busca por unidade estilística –, tendo como pano de fundo a própria origem da fábrica e da associação entre as instalações industriais e a paisagem de seu entorno. Exemplo de uma estratégia comercial bem sucedida, a assimilação da marca “Porcellana Mauá” – e, por conseguinte, dos produtos que a recebiam – se deve em parte ao seu atrelamento àquele distrito, já consagrado na época como o principal produtor paulista de louças brancas.

Reconhecido o prestígio daquela localidade – que foi uma das primeiras a abrigar estabelecimentos do gênero –, foram compostas peças publicitárias com a finalidade explícita de reforçar a imagem da empresa lançando-se mão dos atributos visuais relacionados aos edifícios e sua implantação privilegiada, no centro do distrito. Apresentando em primeiro plano um desenho do vistoso conjunto fabril, em cujo projeto se valorizaram as diferentes cotas do terreno – foram aproveitadas para a criação de pavimentos inferiores – tais peças reproduziam, em segundo plano, os *mares de morros* característicos do relevo mauaense e continham, ainda, a emblemática logomarca da fábrica, que combinava as iniciais “P” e “M” em uma sigla inspirada no referido relevo.

A permanência desta linguagem no material de divulgação e nos brindes da fábrica demonstra que o efeito obtido, em muitos aspectos, contribuiu não apenas para a imagem da empresa, mas também para a afirmação de Mauá enquanto a “Cidade da Porcelana”, título que ficou perpetuado na memória da cidade, através dos memorialistas citados neste trabalho, da veiculação de fotografias em calendários comemorativos e no comércio local, além da realização de uma exposição museográfica, materiais que correspondem, de certa forma, ao primeiro contato do autor com os temas desenvolvidos nesta dissertação.

O alcance das renovações formais

Outro ponto a ser considerado na trajetória das fábricas pesquisadas é a maneira como ocorriam renovações formais nos edifícios sem, contudo, alterarem-se os respectivos programas, partidos e padrões de implantação, ainda fortemente influenciados pela construção em pavilhões contíguos e intercomunicantes que facilitavam as constantes ampliações a que estavam sujeitos os conjuntos fabris. Entretanto, a preocupação em modificar a aparência

externa dos edifícios traz para a discussão as sutilezas inerentes ao tratamento estético dispensado, sobretudo, às fachadas, das mais singelas às mais elaboradas.

As reformas e ampliações expostas nos casos de estudo demonstram os diferentes níveis de comprometimento entre as fases de construção e a harmonização das formas, o que pode ser percebido, de maneiras distintas, seja na roupagem modernizante que caracterizou as ampliações das fábricas Zappi e Teixeira ocorridas na década de 1940, seja nos projetos de fachada integradora da Ceramus, correspondentes às décadas de 1920 e 1940.

O uso de platibandas e as formas retilíneas aplicadas na Indústria de Louças Zappi em nada alteraram a estruturação interna dos edifícios, tendo o mesmo ocorrido na Virgílio Teixeira & Irmão, revelando que o que importava àquelas reformas era, sobretudo, esconder o caráter tradicionalista das construções, o qual impunha naturalmente o perfil dos telhados às linhas arquitetônicas. Outro resquício dessa preocupação com a imagem externa pode ser conferido no projeto de reforma da fachada da Indústria Ceramus, em cujo próprio desenho se retrata esta imposição dos telhados à tentativa de renovação estética.

No que tange à produção de conjuntos harmônicos, há exemplos bem sucedidos não apenas entre os edifícios “ícone” como também entre os conjuntos constituídos por anos de ampliações e reformas. No caso destes últimos, embora houvesse um descompasso na forma como se tratavam as fábricas externa e internamente, foram compostas novas fachadas que denotam o esforço em unir linhas novas e antigas sob uma mesma forma de apresentação.

Vinculados aos meados da década de 1940, os modelos de fachada adotados na Zappi e na Teixeira dialogam com as renovações mais radicais propostas pelo movimento moderno sem, contudo, romperem com os cânones estabelecidos para as construções industriais. Por outro lado, as reformas dos edifícios da Ceramus, igualmente ocorridas naquela década, promoveram a integração de linhas arquitetônicas separadas por duas décadas, cujo efeito encontra-se visível ainda na atualidade.

No caso da segunda fábrica de Romeo Ranzini, no entanto, vê-se tal harmonia adquirir outro tipo de conotação, na qual ficam evidentes, a um só tempo, ponto e contraponto de uma das principais características da arquitetura industrial, a capacidade de ampliação. Tal situação pode ser conferida através da fachada da fábrica consolidada em 1938, na qual a plena ocupação das faixas lindeiras à rua, mesmo conferindo uma aparência austera ao conjunto, tornou-se também a responsável por denunciar o esgotamento do potencial construtivo do terreno, forçando mudança da fábrica para instalações mais amplas, construídas em Osasco.

Finalizando estes comentários mais estritos sobre a configuração externa das fábricas de louça, há que se comentar o estranhamento causado pela pouca influência que tiveram os

edifícios de umas sobre os de outras. Nesta linha, as fábricas mauaenses Grande e Paulista figuram entre os exemplos de congêneres que, apesar da proximidade geográfica e de perfis de terrenos parecidos – baixos e alagadiços –, preferiram construir cada uma a seu modo.

Em que pesem a modéstia inicial de ambas e a distância em relação à arquitetura das fábricas paulistanas, o fato também surpreende porque os fundadores da Paulista – enquanto antigos operários da Santa Catharina – tinham na pioneira uma referência senão determinante, ao menos presente na construção de seus edifícios. O mesmo ocorre com a Fábrica Grande, que apesar de tocada desde o início por técnicos contratados tinha como proprietário um amigo pessoal do Conde Matarazzo, dono de fábricas que sem dúvida constituíam-se em referências da arquitetura industrial da época. Numa das poucas ocasiões em que se registra uma solução tributária dos contatos visuais entre duas fábricas, o que se nota é apenas uma proximidade entre os telhados de Fábrica de Louças Paulista e os perfis laterais da Porcelana Mauá, que já possuía na época o seu portentoso conjunto de edifícios.

Configuração interna das fábricas

Se no tocante à aparência externa das fábricas a documentação forneceu exemplos e questionamentos acerca da multiplicidade de estilos, adaptações e correlações entre as fábricas e seus edifícios, a análise dos *ambientes internos* encontrou como obstáculo a dificuldade em se lidar com registros visuais fragmentados, cujo sentido teve de ser buscado nos conhecimentos técnicos sobre a produção de louças adquiridos ao longo da pesquisa. Ainda que dessa forma tenham sido encaminhadas importantes questões sobre a estruturação interna das fábricas de louça, é necessário reconhecer que a iconografia destes ambientes, se trabalhada isoladamente, pode gerar distorções na compreensão dos espaços e dos reflexos de sua configuração no tocante ao cotidiano fabril.

Entretanto, se apreciadas conjuntamente algumas características de implantação, informações técnicas e a distribuição dos compartimentos nas plantas analisadas, ver-se-á que o pragmatismo característico das instalações industriais encontra seu lugar também nas fábricas de louça. Ilustrada a partir de fábricas como a Santa Catharina, Grande e Ceramus, a concentração de galpões e compartimentos dependentes de transmissões de energia revelou-se uma forte tendência, mesmo após a introdução da força motriz elétrica.

Outra tendência de distribuição espacial verificada nas fábricas pesquisadas já comentada foi a predominância, naquelas estruturas, dos galpões contíguos favorecidos pela iluminação natural, que era captada através dos telhados diferenciados pelo uso de lanternim e perfis em dentes-de-serra. Esta constituição, que representa uma imagem consolidada do que

seria a arquitetura industrial da primeira metade do século XX, teve também os seus reflexos nas divisões internas das fábricas tanto no que se refere à facilidade de comunicação entre os ambientes, quanto em função da especialização de alguns deles, justamente aqueles que se destacaram na iconografia consultada, como as seções de *fornos*, de *secagem*, de *modelagem* e de *processamento* de matérias-primas.

Este seccionamento característico das atividades industriais – registrado nas fotografias da parte interna das fábricas de louça – demonstrou haver uma preocupação em se documentar justamente alguns espaços privilegiados, a partir do quais seria possível visualizar, ainda que isoladamente, os aspectos desta especialização dos ambientes produtivos. Por repetidas vezes, nos vários casos de estudo, equipamentos e sua disposição foram registrados pelas empresas com finalidades publicitárias, ou pelos próprios operários, como memória de seu cotidiano.

Isto significa que a seleção de tais ambientes internos teria sido, também, responsável pela consolidação da imagem de muitas fábricas do setor, visto que identificavam, mesmo para os leigos no assunto, as principais seções da produção de louças. Aqui, novamente, se notará que os critérios para a escolha destes ambientes, assim como a representatividade dos mesmos no âmbito daquelas indústrias, tiveram de ser buscados na documentação textual e nas visitas de campo. Contudo, houve casos de questões suscitadas pela excepcionalidade da situação captada, de onde se tira que a interpretação da iconografia, articulada ao domínio de termos técnicos e de passagens sobre a história da fábrica pode não apenas sugerir problemas como também resolver questões envolvendo aspectos um tanto obscurecidos pela substituição de equipamentos e pelo desaparecimento da maioria dos estabelecimentos do gênero.

Talvez o principal destes problemas a ser considerado advenha do predomínio de atividades manuais que caracteriza, ainda hoje, algumas das fábricas remanescentes no ramo das louças de pó-de-pedra. Interpretada como uma das responsáveis pela manutenção, naquelas indústrias, de técnicas e de uma metodologia de produção de cunho tradicionalmente artesanal, esta constituição das fábricas de louça, ao passo que dificultou a introdução de novas tecnologias, fez com que alterações significativas fossem amplamente documentadas, como no caso da construção, na década de 1950, dos *fornos-túnel* da Porcelana Mauá, por meio dos quais se operou toda uma reestruturação dos ambientes destinados a esta etapa da produção condicionante, inclusive, de novas formas de sociabilidade proporcionadas pelo uso dos amplos espaços criados pelo sistema de carrinhos deslizantes.

Não menos alardeadas, as seções de fornos *intermitentes* documentadas na segunda década do século XX foram amplamente veiculadas como indício não somente da capacidade

produtiva da fábrica quanto da própria tipologia daqueles equipamentos fortemente associados à requintada produção europeia daqueles artigos. A própria concentração destes fornos por motivos técnicos ou estratégicos – calor gerado, proximidade às fontes de combustível, fácil escoamento dos produtos a queimar e já queimados – estabelecia hierarquias espaciais dentro da fábrica, num claro exemplo de racionalidade.

Esta prevalência dos fornos, juntamente com as seções de secagem das fábricas, pode igualmente ser entendida como indício de seu *status* internamente à estruturação das fábricas. Tendo sido largamente documentados pelas empresas e seus funcionários – dos mais humildes operários aos encarregados de seção –, vê-se que estes ambientes, além de especializados, constituíam-se em setores valorizados por serem, sobretudo, indicadores da capacidade produtiva das fábricas em questão.

À guisa de conclusão

Conforme explicitado nas suas páginas iniciais, estas considerações finais tiveram por objetivo a sistematização de discussões levadas a cabo ao longo da dissertação e relacionadas, no mais das vezes, com a problematização dos espaços fabris a partir de perguntas fornecidas por eles próprios procurando-se, da mesma maneira, extrair os encaminhamentos possíveis e os critérios para a interpretação das diversas fontes levantadas para o estudo das fábricas de louça.

Esta interatividade entre métodos e objetivos, entre fontes e sua interpretação, foi aqui defendida como um posicionamento crítico perante as etapas já realizadas, revelando a partir dos exemplos algumas das condicionantes, sobretudo culturais, envolvidas no reconhecimento e no processo de valorização de edifícios remanescentes de atividades industriais. Não se trata, como pode parecer, de defender uma conservação integral de todo e qualquer exemplar identificado com a arquitetura industrial da primeira metade do século XX. Ao contrário disso, o que se buscou ao longo deste trabalho foi chamar a atenção para pontos de certa forma negligenciados no tratamento de tais edifícios enquanto componentes materiais da memória da industrialização.

Se consideradas desta forma, aquelas estruturas fabris – bem como as expressões culturais e sociais das quais são portadoras – podem travar com o presente o diálogo necessário à aceitação de signos e de valores diferentes no tempo e no espaço, por meio do qual se torna possível uma adequação das cidades aos interesses coletivos, que em última instância deveriam nortear as crescentes demandas por transformações da esfera urbana, a fim de promover uma ocupação saudável e mais respeitosa de seus diferentes espaços.

Fontes Consultadas

1- Instituições

- Arquivo Histórico Municipal “Washington Luis”. Departamento de Patrimônio Histórico (DPH). Secretaria Municipal de Cultura. Prefeitura Municipal de São Paulo. Seção de Manuscritos.
- Arquivo Geral de Processos. Secretaria Municipal de Gestão. Prefeitura Municipal de São Paulo.
- Associação Brasileira de Cerâmica (ABC) - São Paulo/SP. Biblioteca.
- Biblioteca Municipal Mario de Andrade (BMA). Secretaria Municipal de Cultura. Prefeitura Municipal de São Paulo.
- Departamento de Patrimônio Histórico (DPH). Secretaria Municipal de Cultura. Prefeitura Municipal de São Paulo. Seção de Logradouros Públicos.
- Fundação Pró-Memória de São Caetano. São Caetano do Sul/SP. Centro de Documentação Histórica.
- Escola Politécnica da USP (EP/USP). Biblioteca Central.
- Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP (FAUUSP). Biblioteca.
- Faculdade de Direito da USP (FD/USP). Biblioteca.
- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP (FFLCH/USP). Biblioteca.
- Instituto de Estudos Brasileiros da USP (IEB/USP). Biblioteca.
- Museu Paulista da USP (MP/USP). Biblioteca; Serviço de Documentação Textual e Iconográfica.
- Museu de Santo André. Santo André/SP. Biblioteca.
- Museu “Barão de Mauá”. Mauá/SP.

2- Fontes impressas

ALMANAK Laemmert: anuário administrativo, mercantil e industrial, com título variável. Foi criado por Eduardo von Laemmert, no Rio de Janeiro, em 1844 e durou até 1943.

ANUÁRIO DAS INDÚSTRIAS DO CENTRO E DA FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo: s.n., 1952.

BANDEIRA JUNIOR, Antonio Francisco. **Industria em São Paulo em 1901**: um estudo. São Paulo: Typographia do Diario Official, 1901.

BREVE histórico de Porcelana Mauá S/A. In: **Folha de Mauá**. Mauá/SP, ano III, n.º 201, 09/mar./1957, Edição extra, p. 2-4.

CALDEIRA, João Netto. **Album de São Bernardo**. São Paulo: Organização Cruzeiro do Sul; Betivegna & Netto, 1937. Publicação não paginada.

CATÁLOGO Oficial da Exposição Industrial do IV Centenário de Santo André da Borda do Campo (1553-1953). São Paulo: Cicceroni, 1953.

CATÁLOGO Oficial da Exposição do IV Centenário e I Feira Internacional de São Paulo, SP. São Paulo: Impres, 1954.

CERÂMICA. Órgão oficial da Associação Brasileira de Cerâmica. São Paulo: ABC/Habitat Editora, ano III, n.º 9. mar./1957.

DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO. Rio de Janeiro, Imprensa Oficial 1932-1933. Diário.

EDIÇÃO DO IV CENTENÁRIO. In: **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 25/01/1954.

EXPOSIÇÃO NACIONAL DE 1908 RIO DE JANEIRO. **Estado de São Paulo**: Catálogo geral ilustrado. Rio de Janeiro: s.n., 1908.

FABRICA DE LOUÇAS “ADELINAS”. **Catálogo Geral**. São Paulo: s.n., 1935.

FABRICA SANTA CATHARINA – Fagundes, Ranzini & Cia. Impresso não identificado, 19-?. Cópia xerográfica.

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE SÃO PAULO (FIESP). Recenseamento da indústria paulista. São Paulo: Donato editores, 1952.

FOLHA DE MAUÁ. Mauá/SP, 1955-. Quinzenal, 4 p..

GLI ITALIANI NEL BRASILE. Contributo degli italiani allo sviluppo ed al progresso di questo paese. São Paulo: Est. Graphico J. Rossetti, 1924.

LLOYD, Reginald (dir.) **Twentyeth impressions of Brazil**. Its history, people, industries and resources. London: Lloyd's Greater Britain Publishing Company Ltd., 1913.

PICCAROLO, Antonio; FINOCCHI, Lino. **O progresso industrial de São Paulo através da Primeira Exposição Municipal**. São Paulo: Pocaí & Comp., 1918.

REVISTA DA PROPRIEDADE INDUSTRIAL. Rio de Janeiro: Departamento Nacional da Propriedade Industrial. 1933-. Diária.

SÃO CAETANO DO SUL-SP. Diretoria de Urbanismo, Obras e Habitação. Processo n.º 6078/86.

SÃO PAULO (Cidade). Secretaria Municipal de Cultura, Departamento de Patrimônio Histórico, Arquivo Municipal Washington Luis (DPH-SMC). Fundo P.M.S.P. Diretoria de Obras e Viação. Série Edificações Particulares. Doc. 49 Cx. A6/1914, Doc. 31 Cx.A5/1915, Doc. 48A Cx. A6/1915, Doc. 34 Cx. A6/1916, Doc. 51, Cx. A7/1919, Doc. não numerado, Cx. H1/1920 (proc. 240.547).

SÃO PAULO (Cidade), Secretaria Municipal de Gestão, Divisão de Arquivo Municipal de Processos. Processos 810/1933, 5.827/1932, 8.389/1933, 16.604/1940, 21.748/1930, 22.178/1933, 24.387/1929, 25.280/1933, 27.742/1934, 28.157/1933, 31.742/1939, 33.343/1933, 34.987/1932, 38.392/1932, 37.902/1932, 39.327/1932, 39.541/1954, 40.206/1932, 40.961/1930, 43.068/1940, 44.824/1932, 47.005/1932, 49.918/1933, 52.636/1934, 56.906/1929, 57.709/1933, 58.766/1924, 59.336/1933, 66.005/1938, 66.046/1934, 67.945/1929, 74.929/1929, 80.079/1937, 91.516/1938, 132.653/1954.

SÃO PAULO (Estado) Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio. **Estatística industrial do Estado de S. Paulo**. São Paulo: Typ. Garroux; Typ. Siqueira; Freyre & Cia. Anual. (primeiro volume: 1928).

SCHMIDT, Fritz Erwin. “Retificação histórica de um artigo publicado na ‘Folha de Mauá’ sob o título de ‘Breve histórico de Porcelana Mauá S/A’”. In: **Folha de Mauá**, Mauá/SP, ano III, n.º 202, 23/mar./1957, p.1.

SEGURADO, João Emilio dos Santos. **Alvenaria e Cantaria**. Lisboa: Bertrand, 19-?.

_____. **Trabalhos de carpintaria civil**. Lisboa: Bertrand, 19-?.

SOCIÉTÉ DE PUBLICITÉ SUD-AMÉRICAINÉ MONTE DOMECCQ. **O Estado de São Paulo**. Barcelona: Estabelecimento Graphico Thomas, 1918.

WALLE, Paul. **Au pays de l'or rouge**. Paris: Augustin Challanel, 1921.

ZINGG, Paulo; ZERFF, Benedito R. (org.) **Anuário de Mauá- 1956**. São Paulo: Gráfica André Villani, 1956. Publicação não paginada.

3- Fontes orais

CONTENTE, C. A. V. B. – **Carlos Alberto Vicente Bodani Contente**: depoimento [fev. 2003]. Entrevistadores: Heloisa Barbuy e José Hermes Martins Pereira. São Paulo: Serviço de Objetos do Museu Paulista/USP, 2002. 1 fita cassete (49 min.) Entrevista concedida ao Grupo de Estudos de Faianças e Porcelanas do Serviço de Objetos do Museu Paulista/USP. Transcrição, 15 p.

FREY, Adolfo Otto Peter. Informações verbais concedidas ao estagiário José Hermes Martins Pereira. Mauá [abr. 2001]. Mauá/SP: Casa da Cultura e Museu “Barão de Mauá”. Manuscrito.

RANZINI, M. B. F. – **Miriam Bery Ferraz Ranzini**: depoimento [abr.2002]. Entrevistadores: Heloisa Barbuy e José Hermes Martins Pereira. São Paulo: Serviço de Objetos do Museu Paulista/USP, 2002. 1 fita cassete (57 min.) Entrevista concedida ao Grupo de Estudos de Faianças e Porcelanas do Serviço de Objetos do Museu Paulista/USP. Transcrição, 55 p.

TEIXEIRA, J. N. – **José das Neves Teixeira**: depoimento [maio 2003]. Entrevistadores: Heloisa Barbuy e José Hermes Martins Pereira. São Paulo: Serviço de Objetos do Museu Paulista/USP, 2003. 2 fitas cassete (1h. e 45 min.). Entrevista concedida ao Grupo de Estudos de Faianças e Porcelanas do Serviço de Objetos do Museu Paulista/USP. Transcrição, 39 p.

4- Acervos museológicos, fotográficos e tridimensionais

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA. Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul-SP. Acervos de fotografias e documentos impressos.

COLEÇÃO RANZINI. Composta por fotografias, originais de cartas-patente, notas avulsas e mais 23 livros (21 deles manuais técnicos relacionados ao fabrico de cerâmicas e vernizes), além de fotografias e objetos pertencentes à família Ranzini, emprestados ao Museu Paulista/USP para reprodução. Acervo do Museu Paulista/USP.

COLÉGIO João XXIII, Círculo Operário de Vila Prudente. Acervo de fotografias.

MUSEU “BARÃO DE MAUÁ”. Acervo de fotografias.

MUSEU PAULISTA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Acervo de objetos.

Referências bibliográficas

- ANDRADE, Margarida Maria. Bairros além Tamanduateí. 1991. 275 p. Tese (Doutorado) - FFLCH/USP, São Paulo.
- ANDREATTA, Margarida Davina. **Pesquisa arqueológica histórica industrial:** Bairro da Fundação, São Caetano do Sul. 1997. Relatório apresentado à Diretoria do Museu Paulista/USP - Museu Paulista/USP, São Paulo.
- AZEVEDO, Aroldo de (dir.). **A cidade de São Paulo:** estudos de geografia urbana. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958. 4 volumes.
- BOTACIN, Roberto. **Mauá... sua história.** Ribeirão Pires: Editora Coimbrig, 1979.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Discurso e tradição em anúncios da imprensa brasileira: da informação à sedução – imagens do cotidiano.** Disponível em: <www.fflch.usp.br/dlcv/lport/VIPHPB_HBrandao.pdf>. Acessado em 11/01/2006.
- BRUNO, Ernani Silva. **História e tradições da cidade de São Paulo:** A metrópole do café (1872-1918); São Paulo de agora (1918-1954). Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.
- BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem.** Bauru-SP: Edusc, 2004.
- CAMERON, Elisabeth. **Encyclopedia of pottery and porcelain.** New York/ Oxford: Facts on file publishing, 1986.
- CANO, Wilson. **Raízes da concentração industrial em São Paulo.** São Paulo: Difel, 1977.
- CARAMORI, Leonardo C.; FREITAS, Pedro Murilo G. **Porcelana Mauá S.A.** 2003, 29p. Trabalho final apresentado à disciplina de graduação AUH127: Conservação e restauração do patrimônio arquitetônico - FAUUSP, São Paulo.
- CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio.** São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- CUSSIOL, Camila Chicchi; FERRETTI, Renata Cristóvão. **Zappi S/A.** 2003. Trabalho final apresentado à disciplina de graduação AUH127: Conservação e restauração do patrimônio arquitetônico - FAUUSP, São Paulo.
- DEAN, Warren. **A industrialização de São Paulo (1880-1945).** 3.ed. São Paulo: Difel, 1971.
- FRANCISCO, Rita de Cássia. **Patrimônio histórico ou patrimônio cultural?** O alargamento do conceito de patrimônio e a política de preservação dos bens culturais no município de Campinas. 2006. Monografia (especialização) - MDU/UFPE/CECI. Olinda/PE.
- FOOT HARDMAN, Francisco e LEONARDI, Victor. **História da indústria e do trabalho no Brasil.** São Paulo: Global, 1982.
- GLEZER, Raquel. “A cidade de São Paulo e as indústrias” in: **Diário Oficial do Estado de São Paulo** - Suplemento comemorativo dos 449 anos da cidade de São Paulo. p. 1.
- GRANCONATO, Elaine. “Prefeito acusa Tortorello por obra viária” Disponível em <<http://setecidades.dgabc.com.br/materia.asp?materia=463659>>. Acesso em 15/06/2006.
- [INDÚSTRIAS REUNIDAS FRANCISCO MATARAZZO]. **Matarazzo, 100 anos.** São Paulo: CL-A, 1982.
- KENDE, Pedro. Dossiê: Argila e cerâmica na história de São Caetano. In: **Raízes.** São Caetano do Sul, SP, ano XII, n.º 24, p. 5-22, dez./2001.
- KÜHL, Beatriz Mugayar. **Preservação da Arquitetura Industrial em São Paulo: questões teóricas.** 2005. 376 p. Relatório Científico apresentado à FAPESP - FAUUSP, São Paulo.

LE GOFF, Jacques. “Documento/Monumento” in: **História e memória**. Campinas: Editora Unicamp, 2003. p.525-541.

LEMOS Carlos. “Ecletismo em São Paulo” in: FABRIS, Annateresa (org.). **Ecletismo na Arquitetura Brasileira**. São Paulo: Nobel, 1987, p. 70-100.

LIMA, Tânia Andrade. “Pratos e mais pratos: louças domésticas, divisões culturais e limites sociais no Rio de Janeiro, século XIX”. In: **Anais do Museu Paulista**. São Paulo. Nova Série. Volume 3, p.129-191, jan.-dez./ 1995.

MAESIMA, Hildo Henry. **Tijolos do sítio do Bairro da Fundação, São Caetano do Sul/ São Paulo**. 1997. 119 p. Dissertação (Mestrado) - FFLCH/USP, São Paulo.

MALAWS, Brian. “Process recording at industrial sites”. In: **Industrial Archaeology Review**, 1997, v. XIX, p. 75-98.

MAZZOCHI, Maurizio. “Considerações sobre arquitetura industrial”. Separata da Revista **Acrópole**. n.º 18, 1956. p. 1-17.

MÉDICI, Ademir. **De Pilar a Mauá**. São Bernardo do Campo do Campo: Imprensa Metodista, 1985.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. “Fontes visuais, cultura visual, história visual. Balanço provisório, propostas cautelares” in: **Revista Brasileira de História**. São Paulo: ANPUH, v. 23, n.º 45, p. 11-36, 2003.

_____ “Patrimônio industrial e política cultural” in: **Anais do I Seminário Nacional de História e Energia**. São Paulo: Departamento de Patrimônio Histórico, Secretaria Municipal de Cultura, 1988.

NEGRI, Barjas. **Concentração e desconcentração industrial em São Paulo**. (1880-1990). Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

O GRUPO Matarazzo nas terras do município. In: **Raízes**. São Caetano do Sul, SP, ano 13, n.º 25, p. 5-7, jul. 2002.

PATRÃO, Jayme da Costa. “O dia em que Dom Pedro visitou São Caetano”. In: **Raízes**. São Caetano do Sul, SP, ano IX, n.º 17, p. 65-67, jul./1998.

PENTEADO, Antonio da Rocha. “Os suburbios de São Paulo e suas funções”. In: AZEVEDO, Aroldo (dir.). **A cidade de São Paulo**: estudos de geografia urbana. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958. Volume IV: Os suburbios paulistanos.

PEREIRA, José Carlos. **Estrutura e expansão da indústria em São Paulo**. Rio de Janeiro: Editora Nacional, 1967.

PEREIRA, José Hermes Martins. **A implantação da indústria de louça em São Paulo 1912-1937**: estudo de História na perspectiva da Cultura Material. 2002. 128 p.. Relatório científico apresentado à FAPESP - Museu Paulista/USP, São Paulo.

PILEGGI, Aristides. **Cerâmica no Brasil e no mundo**. São Paulo: Livraria Martins, 1958.

PREFEITURA MUNICIPAL DE RIBEIRÃO PRETO-SP. “Detalhe da fachada do prédio da Sociedade Anônima Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo na Rua Saldanha Marinho esquina com Prudente de Moraes. Fonte: Processo Administrativo. N. 27/1935 - ARHPR. Disponível em

<<http://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/scultura/arqpublico/historia/i14algodoeira.htm>> Acesso em 28/06/2006.

RAMOS, Adriana M. C. de, SOUZA, Mônica de. **Cotidiano e história em São Caetano do Sul**. São Paulo: Hucitec/Prefeitura de São Caetano do Sul, 1992.

REIS FILHO, Nestor Goulart **Quadro da Arquitetura no Brasil** (10.^a ed.). São Paulo: Perspectiva, 2004.

RUFINONI, Manoela Rossinetti. **Preservação do patrimônio industrial na cidade de São Paulo: o bairro da Mooca**. 2004. 183 p.. Dissertação (Mestrado) - FAUUSP, São Paulo.

RONCO FILHO, Mário. **O bairro de Vila Prudente “um gigante paulistano”**: sua história, sua gente. São Paulo: s.n. 1989.

SAIA, Helena. **Arquitetura e indústria: fábricas de tecido de algodão em São Paulo 1869-1930**. 1989. 259 p. Dissertação (Mestrado) - FAUUSP, São Paulo.

SOUZA, Adriana. **Repensando o espaço Matarazzo**. 1995. 81 p.. Trabalho de Graduação Interdisciplinar - FAU Santos, Santos-SP.

VICENTE DE AZEVEDO, Francisco de Salles. “Os primórdios da indústria cerâmica em São Paulo”. In: **Cerâmica: órgão oficial da Associação Brasileira de Cerâmica**. São Paulo: A. B. C./Habitat Editora, ano X, n.º 40, p. 25-33. dez./1964.

XAVIER, Sônia M. F. Arte, argila e cerâmica: raízes de nosso crescimento. In: **Raízes**. São Caetano do Sul/ SP, ano XII, n.º 24, p. 23-27, dez. /2001.

ZEQUINI, Anicleide. “O saber itinerante na construção do patrimônio industrial” in: **Diário Oficial do Estado de São Paulo** – Suplemento comemorativo dos 449 anos da cidade de São Paulo. p. 3.

Obras consultadas

- ANUÁRIO BRASILEIRO DE CERÂMICA - 1979. São Paulo: Associação Brasileira de Cerâmica, 1979.
- ARAKAKI, Flávia Regina. **Estudo das categorias cerâmicas dos sítios arqueológicos históricos Casa n.º 1 e Beco do Pinto**: Pátio do Colégio, Município de São Paulo. 1989. 81 p. Relatório apresentado à FAPESP. Museu Paulista/USP/ DPH-SMC, São Paulo.
- ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BAUDRILLARD, Jean. **O Sistema dos objetos**. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- BRAUDEL, Fernand. **Civilização material, economia e capitalismo, séculos XV-XVIII**. São Paulo: Martins Fontes, 1998, 3 volumes.
- CARONE, Edgard. **O pensamento industrial no Brasil (1880-1945)**. São Paulo: Difel, 1977.
- CHOAY, Françoise. “Sept propositions sur le concept d’authenticité et son usage dans les pratiques du patrimoine historique.” In: **Conference de Nara sur l’Authenticité**. Paris: UNESCO, 1995, p. 101-120.
- CLOQUET, Louis. **Traité d'Architecture**: elements de l’architecture, types d’edifices, esthétique, composition et pratique d’architecture. 5 vols. Paris: Baudry, 1898-1901.
- CUNHA, Maria Clementina Pereira (org.). **O direito à memória**: Patrimônio histórico e cidadania. São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico (DPH/SP), 1992.
- COELHO NETO, Antonio Augusto. “Cerâmica: uma arte milenar também presente no município”. In: **Raízes**, São Caetano do Sul/SP, ano IX, n.º 17, p. 25-28, jul./1998.
- D’ ALEMBERT, Clara Correia. **O Tijolo nas Construções Paulistanas do Século XIX**. 1993. 120 p.. Dissertação (Mestrado) - FAUUSP, São Paulo.
- DEAN, Warren. “A Fábrica São Luiz de Itu: um estudo de arqueologia industrial.” In: **Anais História**. Assis-SP, ano VIII, 1976, p. 9-29.
- DOLDER, Ernard. “Matérias-primas e processos modernos na indústria cerâmica”. In: **Cerâmica**: órgão oficial da Associação Brasileira de Cerâmica. São Paulo: A. B. C./Habitat Editora, ano I, n.º 2, p. 94-96, jun./1955.
- FABRIS, Annateresa (org.). **Ecletismo na Arquitetura Brasileira**. São Paulo: Nobel, 1987.
- FRANCESCANI, Felipe. “Fornos cerâmicos industriais”. In: **Cerâmica**: órgão oficial da Associação Brasileira de Cerâmica. São Paulo: A. B. C./Habitat Editora, ano I, n.º 4, p. 146-151. dez./1955.
- GEHLEN, Joel, “Um pintor à beira do centenário”. In: **Anexo**. Disponível em: <<http://an.com.br/1999/fev/20/0ane.htm>> Acesso em 19/11/2002.
- HERAS, Paulo. “Olga Montanari: exemplo da atuação da mulher na vida pública de São Caetano”. In: **Raízes**. São Caetano do Sul/SP, ano VI, n.º 11, p.11-15, jul./1944.
- HOLKE, Herbert John. “Alguns aspectos interessantes na produção de louça de mesa”. In: **Cerâmica**: órgão oficial da Associação Brasileira de Cerâmica. São Paulo: A. B. C./ Habitat Editora, ano IV, n.º 14, p. 7-18. set./1958.
- HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

- LANDBACK, R.C. “Engenharia de carros de fornos-túneis”. In: **Cerâmica**: órgão oficial da Associação Brasileira de Cerâmica. São Paulo: A. B. C./Habitat Editora, ano IV, n.º 14, p. 15-26. jun./1958.
- LEDUC, Robert. “Cozedura em cerâmica”. In: **Cerâmica**: órgão oficial da Associação Brasileira de Cerâmica. São Paulo: A. B. C./Habitat Editora, ano I, n.º 4, p. 179-183. dez./1955.
- LE GOFF, Jacques; NORA Pierre, **História**. 3 vols. (Novos Problemas, Novas Abordagens, Novos Objetos). Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória** (10^a ed.). Campinas: Editora Unicamp, 2003.
- LEITÃO, Luiz Augusto. **Curso Elementar de Construções**. Lisboa, Imprensa Nacional, 1986.
- MAFFEI, Walter. **A concepção arquitetônica dos edifícios industriais**. 1982. 173 p. Dissertação (Mestrado) - FAUUSP, São Paulo.
- MATTOS, Dirceu Lino de. “O parque industrial paulista”, in: AZEVEDO, Aroldo de (dir.). **A cidade de São Paulo**: estudos de geografia urbana. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958. Volume III: Aspectos da Metrópole paulistana.
- MORAIS, Frederico. **Azulejaria contemporânea no Brasil**. São Paulo: Editoração Publicações e Comunicações LTDA., 1988.
- MOURA, Esmeralda B. B. de. **Mulheres e menores no trabalho industrial**: os fatores sexo e idade na dinâmica do capital. Petrópolis: Vozes, 1982.
- MOTOYAMA, Shozo (org.). **Tecnologia e industrialização no Brasil**: uma perspectiva histórica. São Paulo: Editora da Unesp / Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, 1994.
- MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO ASSIS CHATEAUBRIAND. **O design no Brasil**: História e Realidade. Catálogo da exposição inaugural do Centro de Lazer – SESC Fábrica Pompéia. São Paulo: Raízes artes gráficas, 1982.
- MUSEU NACIONAL DE SOARES DOS REIS. **Itinerário da faiança Porto e Gaia**. Lisboa: IPM/ Museu Nacional Soares dos Reis, 2001.
- PRADO JUNIOR, Caio. **História econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- RADESCA, Maria de Lourdes P. Souza. “O problema da energia elétrica”. In: AZEVEDO, Aroldo de (dir.). **A cidade de São Paulo**: estudos de geografia urbana. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958. Volume III: Aspectos da Metrópole paulistana.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. **Contribuição ao estudo da evolução urbana do Brasil (1500/1720)**. São Paulo: Pioneira, 1968.
- RICHARDS, James Maude. **Functional tradition in early industrial buildings**. London: The architectural press LTD., 1958.
- SANTOS, Paulo Ferreira. **A arquitetura da sociedade industrial**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1961.
- SANTOS, Wanderley dos. **Mauá ano 20**. São Bernardo do Campo do Campo: Imprensa Metodista, 1975.

SCHMIDT, Artur. “Refratários nos carrinhos de forno-túnel”. In: **Cerâmica**: órgão oficial da Associação Brasileira de Cerâmica. São Paulo: A. B. C./Habitat Editora, ano II, n.º 6, p. 50-55. jun./1956.

SEÇÃO DE LOGRADOUROS PÚBLICOS, Departamento de Patrimônio Histórico da Prefeitura Municipal de São Paulo (DPH-SMC). **Dados biográficos**: José Zappi. São Paulo: Pasta 189.

SIMONSEN, Roberto. **Evolução industrial do Brasil e outros estudos**. Rio de Janeiro: Nacional; São Paulo: Edusp, 1973.

TELLES, Pedro Carlos da Silva. **História da Engenharia no Brasil**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora, 1984.

THE INTERNATIONAL COMMITTEE FOR THE CONSERVATION OF INDUSTRIAL HERITAGE (TICCIH)/ÉCOMUSÉE DE LA COMMUNAUTÉ URBAINE LE CREUSOT MONTCEAU LES MINES. Patrimoine de L'Industrie: Ressources, pratiques, cultures, 2000.

TOLEDO, Benedito Lima de. **Anhangabaú**. São Paulo: FIESP, 1989.

VARGAS, Milton (org.). **História da Técnica e da Tecnologia no Brasil**. São Paulo: Editora da Unesp /Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, 1994.

VICHNEWSKI, Henrique Telles. **As indústrias Matarazzo no interior paulista**: arquitetura fabril e patrimônio industrial (1920-1960). 2004. 296 p. Dissertação (Mestrado) - IFCH/Unicamp, Campinas.

ZEQUINI, Anicleide; ANDRADE, Victor (org.). **Papel de Salto**: 110 anos de evolução e tecnologia (1889-1999). Salto-SP: Papel de Salto, 1999.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)